

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES
POLÍTICAS**

DIEGO GOBO PORTO

**O AMERICANISMO EM DOMINGO FAUSTINO
SARMIENTO: PARADOXO E DESILUSÃO**

VITÓRIA
2010

DIEGO GOBO PORTO

**O AMERICANISMO EM DOMINGO FAUSTINO
SARMIENTO: PARADOXO E DESILUSÃO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração História Social das Relações Políticas.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Muruci dos Santos

VITÓRIA
2010

DIEGO GOBO PORTO

**O AMERICANISMO EM DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO:
PARADOXO E DESILUSÃO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração História Social das Relações Políticas.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Fabio Muruci dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Júlio César Bentivoglio
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Titular

Prof. Dr. Antônio Carlos Amador Gil
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Titular

Prof^a. Dr^a. Maria Elisa N. de Sá Mader
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Membro Titular

Prof. Dr. Geraldo Antônio Soares
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Suplente

VITÓRIA
2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

P853a Porto, Diego Gobo, 1980-
O americanismo em Domingo Faustino Sarmiento : paradoxo
e desilusão / Diego Gobo Porto. – 2010.
165 f.

Orientador: Fabio Muruci dos Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Sarmiento, Domingo Faustino, 1811-1888. 2.
Americanismos. 3. Paradoxo. 4. Educação. 5. Migração. 6.
Raças. 7. Desilusões. I. Santos, Fábio Muruci dos. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

*À Cíntia, pela dedicação que sempre me
devotou; pela força, nos momentos de
fraqueza; pela paz, quando tudo era
tormenta; e pela tormenta, quando tudo
era monotonia.*

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação não é feita sozinha; há muitas pessoas que contribuem para sua realização. A minha, de maneira alguma, fugiria a essa regra. Muitos foram os que contribuíram, ao longo desses mais de dois anos, de maneira capital para sua concretização. Recorrerei ao clichê que marca os agradecimentos: seria difícil citar todos os nomes, pois sempre esquecemos de citar aqueles que, de alguma forma, também contribuíram. Mesmo sob o risco de cometer tal injustiça, citá-los-ei. Seria mais injusto não citar os nomes daqueles que deram contribuição indispensável ao trabalho. Em primeiro lugar, e não poderia deixar de sê-lo, agradeço ao meu orientador, o Professor Dr. Fábio Muruci dos Santos. Não fossem seus conselhos, sua orientação e sua dedicação ao saber e aos seus orientandos, acredito que nem teria começado o mestrado.

À Cíntia, também deixo meu eterno agradecimento. Sem sua preciosa ajuda teria sido muito mais difícil e árduo meu itinerário. Deu-me o equilíbrio emocional necessário para prosseguir nos momentos de angústia e desespero. Aos meus pais, Severino Porto e Bernardete Gobo Porto, e, por extensão, à minha preciosa família, porque sempre acreditaram em mim e compreenderam minha ausência, necessária em alguns momentos.

Agradeço aos amigos Roney Pavani, Joanir Campanha, Fernando Habib e André Melo, que formaram, comigo, o nosso primeiro grupo de estudos, ainda no período da graduação. Sob orientação do professor Fábio Muruci, esse grupo foi indispensável na minha formação acadêmica.

Agradeço, de maneira muito especial, aos distintíssimos professores que compõem a banca de defesa: Dr. Júlio César Bentivoglio, Dr. Antônio Carlos Amador Gil, Dr. Geraldo Antônio Soares e Dra. Maria Elisa Mäder, que gentilmente aceitou o convite que lhe fora feito para participar dessa banca. Muito me honra a presença dos ilustres e ilustrados professores. Reitero meu muito obrigado a todos os nomes aqui citados e àqueles que não estão aqui, mas que de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão deste trabalho.

“A virtude, numa república, é algo muito simples; é o amor pela república, é um sentimento e não uma série de conhecimentos; tanto o último dos homens do Estado quanto o primeiro podem possuir esse sentimento”.

Montesquieu, Do Espírito das Leis

RESUMO

Esta dissertação analisa as idéias de Sarmiento para a construção da Argentina. Ele acreditava que a Argentina, por estar dominada pela barbárie, deveria passar por uma série de reformas para alcançar o progresso moral e material. Os principais pontos dessa re(construção) nacional giravam em torno da criação de um sistema de ensino público que abarcasse toda a sociedade e do estímulo à imigração. Os Estados Unidos eram seu principal ponto de referência. Por essa razão, ele se encontrava junto aos americanistas (pensadores que propunham a via norte-americana de modernização). As reformas que defendia, no entanto, deveriam ser conduzidas pelo Estado. Neste ponto específico, ele diferia dos americanistas. Na verdade, a defesa do Estado na condução dessas reformas resultava num paradoxo. Mesmo com a direção estatal, essas reformas não alcançaram o êxito que Sarmiento pretendia. Apesar de conseguir um relativo progresso econômico, não resultaram no desejado progresso civilizacional. Diante dessa constatação, Sarmiento se desiludiu quanto à possibilidade de se fundar uma república virtuosa, o que ficou patente nos seus últimos escritos. Este trabalho analisa justamente esse paradoxo e a desilusão que marcou o pensamento sarmientino no final da sua vida.

Palavras-chave: americanismo, paradoxo, imigração, educação, raças, desilusão.

ABSTRACT

This study analyses Sarmiento's ideas for the construction of Argentina. He believed that Argentina, for being under the dominion of barbarism, needed to undertake a series of reforms in order to achieve moral and material progress. The major means of this national (re)construction plan were the foundation of a system of public schools, intended to embrace the whole society, as well as the fostering of immigration. The north-American experience was his major frame of reference. Under this light, he can be regarded alongside the *americanists* (intellectuals who proposed the north-American way to accomplish the task of modernization). The reforms he addressed, however, were to be taken on by the State itself. In this specific aspect he diverged from other *americanists*. Actually, the defense of the central role of the State as a condition for the realization of such reforms constituted a paradox. Even under this direction the reforms did not manage to realize all the goals Sarmiento had set to be fulfilled. In spite of providing a certain economic progress, they did not produce the long-wished civilizational progress. Facing this reality, Sarmiento became frustrated about the possibility of founding a virtuous republic, what can be asserted as one of the main tones of his last writings. This work analyses, precisely, both the paradox and the disenchantment that marked Sarmiento's thought in the last period of his life.

Keywords: americanism, paradox, immigration, education, race, disenchantment.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. OS EMPECILHOS À CIVILIZAÇÃO NA ARGENTINA | 31 |
| 1.1 – O meio geográfico e a formação dos gaúchos | 31 |
| 1.2 – Maldita Herança | 41 |
| 2. SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS ARGENTINOS | 52 |
| 2.1 – A Imigração | 52 |
| 2.2 – A Educação | 61 |
| 2.3. <i>El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos</i> ou o extermínio como uma medida civilizatória | 86 |
| 3. IMIGRAÇÃO E SOBERANIA NACIONAL NA DÉCADA DE 1880 | 96 |
| 4. RAÇA, RACISMO E RACIALISMO EM SARMIENTO | 116 |
| 4.1 Conflicto e Armonías | 122 |
| 4.1.1 Índios, espanhóis e negros | 125 |
| 4.1.2 O amálgama de raças | 144 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 149 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 157 |

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é apresentar e analisar o projeto civilizador de Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), enfatizando as mudanças que ocorreram ao longo da sua obra e as explicando sempre que possível e necessário. As explicações para as propostas de Sarmiento se dão por dois motivos diferentes, mas que se relacionam: a sua visão da Argentina e o momento histórico no qual estava inserido. Relacionam-se porque, em vários momentos, sua visão decorreu do contexto histórico do qual fazia parte.

Via a Argentina como uma nação dominada pelas trevas da barbárie. Muitos dos seus escritos estão carregados dessa visão negativa da sua nação. O mais conhecido deles é *Facundo: civilização e barbárie*¹, obra na qual ele procurou mostrar as causas do atraso argentino. Esse livro servirá de base para o primeiro capítulo, no qual será dado relevo à visão de Sarmiento sobre os problemas da Argentina. Nele fora apontada uma pluralidade de problemas: os índios, os gaúchos, a herança ibérica, os imensos campos desérticos e a ditadura de Rosas. Todos eles impediam a Argentina de caminhar em direção ao progresso que Sarmiento tanto almejava. *Viajes por Europa, Africa i América*² também permite perceber a sua visão sobre a Argentina, principalmente no escrito dedicado a sua viagem à Espanha, onde ele nada mais fez do que corroborar a idéia que já tinha de que a antiga metrópole deixara às ex-colônias um triste legado, sendo este uma das causas do atraso argentino.

¹ SARMIENTO, D. F. **Facundo: civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1997. Obra publicada em 1845, durante o seu exílio no Chile. De acordo com os críticos, esse é o principal escrito de Sarmiento e uma das obras mais importantes da literatura Argentina. Ela é caracterizada pela polissemia: é uma biografia de Facundo, uma história, um panfleto contra a ditadura rosista e uma leitura da Argentina, caracterizada como uma nação marcada pela barbárie dos campos.

² SARMIENTO, D. F.; FERNÁNDEZ, Javier. **Viajes por Europa, Africa i América: 1845-1847**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996. Seus relatos de viagem, reunidos sob o título acima, resultaram das viagens que realizou a mando do governo chileno, do qual fez parte durante seu exílio. Ele estava encarregado de observar os sistemas de educação pública na Europa e na América; passou por França, Itália, Espanha, Alemanha, Estados Unidos e algumas partes da América, inclusive pelo Brasil. *Viajes* foi publicado em 1849.

Essas obras foram escritas durante o seu exílio no Chile por conta da ditadura de Juan Manuel de Rosas (1793-1877), que foi de 1835 a 1852. Aliás, esse é o primeiro período dentro da periodização proposta neste trabalho. O segundo período vai da queda de Rosas até o início da década de 1860, com a chegada de Mitre ao poder. Foi marcado pelas disputas entre Buenos Aires e a Confederação. O terceiro vai de 1860 a 1880, merecendo destaque a busca da consolidação nacional. Esses marcos seguem os estabelecidos por Willian Katra³.

Rosas foi eleito governador da província de Buenos Aires em 1829, após uma série de desordens provocadas pelas disputas entre federalistas e unitários. Ele era um federalista. Seu federalismo, no entanto, não partia da idéia de que todas as províncias deveriam se unir numa confederação, onde teriam liberdade e igualdade perante um poder central. Foi um defensor da visão portenha, que apregoava o predomínio de Buenos Aires sobre as outras províncias; e foi isso que aconteceu.

Num primeiro momento, ele usou com prudência seus poderes, buscando a conciliação e se colocando sob o império da lei. Não obstante seu esforço, não conseguiu impor a ordem pretendida. Também não alcançou o poder que desejava. Renunciou de maneira premeditada, pois pensava que seria reconduzido ao antigo cargo, e com poderes mais alargados.

Seu cálculo resultou segundo o desejado. Com a sua renúncia, em 1832, a desordem anterior voltou a reinar. Em 1834, a Legislatura entregou-lhe o segundo mandato. Inicialmente, ele não aceitou; queria que fosse de acordo com os seus termos. Em março de 1835, foi-lhe concedido o que queria. Ele passou a ter amplos poderes. Era o início da ditadura. A partir daí teria início o regime rosista, que nos anos posteriores se consolidaria, conforme mostrou Ricardo Salvatore⁴. Ela não

³ KATRA, Willian H. **La generación de 1837**: los hombres que hicieron el país. Buenos Aires: Emecé, 2000. Ao analisar a Geração de 1837, Katra insere seus membros no contexto histórico do qual fizeram parte, não só no período dessa geração (sob a ditadura rosista), mas também no período posterior da história argentina, marcado pela formação da Confederação e, depois, pela tentativa portenha de se impor às demais províncias e consolidar a nação. Esses intelectuais argentinos tiveram grande importância nos acontecimentos posteriores à queda de Rosas. A periodização que Katra elaborou serve para os objetivos deste trabalho, pois ela se pauta nos acontecimentos que marcaram essa geração e, particularmente, a vida e as ações de Domingo Faustino Sarmiento, enquanto intelectual e homem de ação.

⁴ SALVATORE, Ricardo. Consolidación del regime rosista (1835-1852). In: GOLDMAN, Noemí. (Org.) **Nueva Historia Argentina**. 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2005. Tomo 3, cap.IX, p.323-380.

ocorreu por meio de um golpe militar, e sim com o consentimento da Legislatura e a aquiescência de uma sociedade que já não suportava mais a guerra e a anarquia. Seu governo se sustentou sobre os estanceiros conservadores, que muito lucraram com o rosismo, e as camadas mais baixas da população, que viam nele um defensor dos interesses nacionais e, conseqüentemente, dos seus interesses.

De acordo com Salvatore, a administração rosista foi marcada pelo medo e pela opressão. Segundo informa, Rosas estabeleceu um governo republicano de exceção amparado em mecanismos legais. Isso porque os poderes excepcionais não foram adquiridos por meio de um golpe; foram-lhe concedidos por meios legais⁵. Seu governo também fora marcado por forte apelo simbólico. Os cidadãos eram obrigados a usar a insígnia vermelha da federação e seus retratos apareciam em todos os lugares públicos. As pessoas deveriam, sob ameaça de sofrer sanções caso não o fizessem, mostrar publicamente sua lealdade a Rosas e ao seu governo.

A oposição fora duramente perseguida. Listas de unitários foram confeccionadas. Eles estavam sujeitos a intimidações, prisões, torturas e assassinatos. Também houve o confisco de seus bens e de suas propriedades, que eram dirigidos às tropas federais. Para realizar tal repressão, fora criado todo um aparato policial e para-policial. A Sociedade Popular Restauradora, organização para-policial, encarregava-se de identificar os unitários. A Mazorca, por sua vez, cuidava das intimidações e dos assassinatos, quase sempre depois de submeter a vítima a diversas humilhações. Esses recursos foram utilizados com mais freqüência para desarticular a oposição em tempos de crise política ou militar. O período em que mais se lançou mão dele, o período de maior terror, deu-se entre os anos de 1838 e 1842.

O discurso republicano rosista se apoiava em quatro componentes principais. Em primeiro lugar, o ideal de um mundo estável e harmônico, onde cada um tinha um lugar social natural. Depois, uma república constantemente ameaçada por um grupo de conspiradores da classe alta – os unitários, que estavam dispostos a subverter a ordem social, sendo a principal ameaça à continuidade da república. Terceiro, a defesa de um “Sistema Americano”, sustentado na confraternização das nações

⁵ SALVATORE, 2005, p.330.

americanas frente às ambições monárquicas européias. Propunha, assim, uma identificação mais ampla com o americanismo. Por último, adaptação entre teoria e realidade política. Dizia que restauraria a ordem econômica, política e social; reconstruiria, sobre a base existente, relações harmônicas entre as diversas províncias⁶. Na prática, pouco disso se cumpriu.

O ideário rosista estava bastante difundido entre os setores mais pobres da população. Muitos identificaram nele um apaziguador, aquele que conseguiu acabar com a anarquia que assolava Buenos Aires; o “Restaurador da Ordem”. Não obstante o amplo apoio que tinha nas camadas populares e entre os grandes estanceiros da região, ele foi detratado pelos liberais, pois que nunca defendeu os valores que estes apregoavam: divisão dos poderes, separação entre o Estado e a Igreja, respeito à opinião das minorias, liberdade comercial, liberdade de imprensa, etc.

As opiniões em relação ao rosismo divergiam e continuam divergindo. Seus defensores associaram a experiência do regime com a defesa do sistema republicano. Acreditavam que seus poderes excepcionais eram necessários para a restauração da ordem social. Posteriormente, a historiografia nacionalista do século XX também elogiou, em muitos pontos, a atuação de Rosas, destacando-a como benéfica aos interesses nacionais.

Por sua vez, os liberais, desde a década de 1830, dirigiam-lhe ferrenhas críticas. Seu governo fora visto como despótico. Em várias obras, ele aparece como um déspota, um bárbaro, que tinha lançado trevas sobre a província e destruído o edifício que Rivadavia – espécie de herói dos liberais – erigiu.

Não aceitando discordância, Rosas passou a perseguir seus opositores. Assim, muitos intelectuais unitários e simpatizantes – geralmente ligados ao liberalismo – tiveram que se dirigir ao exílio. Montevidéu, Valparaíso e Santiago foram os destinos mais comuns. Dessas cidades, eles procuraram atacar o regime rosista, principalmente com seus escritos. Sarmiento foi um dos mais encarniçados críticos

⁶ SALVATORE, 2005, p.335-337.

de Rosas. Ele escreveu o *Facundo* com o claro objetivo de apresentá-lo como um bárbaro que tinha lançado no abismo da barbárie tudo o que Rivadavia tinha conseguido; toda a civilização que brilhava em Buenos Aires. Contudo, não fora o único a identificar o rosismo com a barbárie. A *Geração de 37*, da qual ele fazia parte, foi a maior representante dessa crítica ao governo de Rosas.

Esse grupo de intelectuais recebeu tal nome porque estava associado ao Salão Literário, organizado em maio de 1837. Era também uma referência à Revolução de maio de 1810. E não é de pouca importância tal menção, posto que seus escritos estavam em boa medida baseados nessa experiência. Eles execravam a herança colonial. Logo, era a partir da independência que se construiria uma nova nação, o que ainda não se tinha realizado, pois Rosas obstruía esse intento. Sua queda era condição para se começar a erigi-la.

Para alcançar esse objetivo, seus membros confiavam nas idéias como ponto de partida para reformar a Argentina. Shumway apresenta o *Discurso de Introducción*, de Esteban Echeverría, onde isso fica evidente. Este dividia a história argentina em dois períodos, o da espada e o das inteligências, que estava em vias de substituir aquele. Novas idéias seriam necessárias para se fundar uma nova Argentina⁷.

Essas novas idéias deveriam ser forjadas sob moldes europeus; ele acreditava ser necessário beber nas fontes européias, assim como muitos da sua geração⁸. Segundo Jorge Myers, “foi o primeiro movimento intelectual com um propósito de transformação cultural, centrado na necessidade de reconstruir uma identidade nacional”⁹ ou de construir uma identidade, uma vez que muitos consideravam que ela nunca existiu.

Seus principais membros foram Esteban Echeverría, Juan Bautista Alberdi, Miguel Cone, Vicente Fidel López e Juan Maria Gutierrez. Não fizeram parte do Salão Literário, mas foram muito importantes para a geração de 37: José Mármol e

⁷ SHUMWAY, Nicolas. **La invención de la Argentina**: Historia de una idea. Buenos Aires: Emecé, 1993, p.174.

⁸ Ibid., p.176.

⁹ MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romântica de 1837 en la cultura y en la política argentinas. In: GOLDMAN, Noemí. (Org.) **Nueva Historia Argentina**. 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2005. Tomo 3, cap.X, p. 404.

Domingo Faustino Sarmiento. Este foi o que teve mais êxito na carreira política. Mesmo ligados ao ano de 1837, seus membros escreveram suas principais obras em um período posterior. Elas abarcaram todos os gêneros: filosofia, história, economia, novela, drama, poesia, periodismo político, etc. Suas obras tinham muitos aspectos semelhantes, sendo geralmente inacabadas e servindo a fins políticos. Eram livros de ação, escritos velozmente, com o objetivo de atender às necessidades que a realidade lhes impunha.

Eles também concordavam em relação à Espanha. Consideravam-na deficiente e atrasada. Depois da independência política, ela foi depreciada; um sentimento anti-espanhol virulento pode ser notado nessas obras. Echeverría considerava o legado espanhol como um aborto da razão. Para Alberdi, a antiga metrópole impediu a América hispânica de beber da cultura superior das fontes francesas e inglesas, uma das causas do atraso argentino.

Vários outros diagnósticos foram feitos por seus membros. Concordavam que a extensão era um grande problema para se constituir uma nação civilizada, assim como as raças que compunham a Argentina. Um dos principais defensores dessa visão, senão o principal, fora Sarmiento.

Do exílio, esses intelectuais fizeram ferrenhas críticas ao regime rosista. Enquanto Rosas estava no poder, o grupo permaneceu mais unido. Com a queda do ditador, a união na oposição se dissolveu¹⁰. Isso fica bem claro nas diferenças entre Sarmiento e Alberdi, que estabeleceram um amplo e profícuo debate intelectual durante uma boa parte da segunda metade do século XIX.

Eles apoiaram Urquiza, quando este foi de encontro ao caudilho de Buenos Aires com o objetivo de derrubá-lo. Os líderes unitários exilados formaram uma coalizão com os federais decepcionados das províncias do interior para apoiar Urquiza. Este ainda recebeu apoio da província de Corrientes, do Brasil e do Uruguai, com os quais firmou um acordo em 29 de maio de 1851. Os exércitos de Rosas não resistiram às forças lideradas por Urquiza. Em 1852, na batalha de Caseros, as

¹⁰ SHUMWAY, 1993, p.183.

forças aliadas impuseram uma fragorosa derrota aos portenhos. Chegava ao fim o rosismo. Temendo por sua vida, Rosas renunciou e se dirigiu ao exílio.

Após a derrota de Rosas, a coalizão entre federais e unitários foi desfeita. Havia enorme desconfiança entre os unitários em relação a Urquiza. Afinal de contas, ele também era um caudilho. A união só perdurou o tempo necessário para derrubar o rosismo, o inimigo em comum. Depois disso, por mais que tenha se esforçado o governador de Entre Rios, não conseguiu o apoio das lideranças de Buenos Aires, que se rebelaram contra ele.

Sarmiento também o apoiou na campanha contra Rosas. Contudo, o plano de Urquiza de basear seu governo sobre a influência dos caudilhos federais que exerciam sua autoridade no interior do país, e não no prestígio do pequeno grupo de intelectuais e escritores exilados, levou o autor de *Facundo* a também romper com ele. Além disso, Sarmiento acreditava que ocuparia papel de destaque no novo governo, como parte desse restrito grupo de intelectuais e que seu livro, *Argirópolis*¹¹, serviria de base para a nova ordem a ser instaurada. Uma vez que isso não aconteceu, voltou sua ira contra Urquiza, o que ficou evidente no livro *Campaña en el ejercito grande*¹².

Não dando muita atenção a essa oposição que se formava, Urquiza adotou medidas para dar ao país uma autoridade legítima e criar um regime baseado na lei, numa Constituição que deveria ser erigida. Nesse sentido, o passo mais importante foi a convocação de uma reunião na cidade de San Nicolás, na província de Buenos Aires, onde seriam discutidos os procedimentos para uma futura convenção constituinte.

¹¹ SARMIENTO, D. F. **Argirópolis o la capital de los estados confederados del Rió de la Plata (1850)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009. Publicado em 1850, consistia numa proposta de ações a serem implementadas depois da queda de Rosas, permitindo à Argentina emergir do caos no qual estava imersa e ingressar numa era de paz, ordem e progresso.

¹² SARMIENTO, D. F. **Campaña en el ejercito grande aliado de Sud América**. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. Esse livro foi publicado em 1852. Nele, Sarmiento descreve a campanha militar das forças de Urquiza contra as forças rosistas. Contudo, sua descrição não fora despropositada. Subjacente a ela aparece uma crítica a Urquiza, que passa a ser visto como mais um caudilho, um bárbaro, que não tinha condições de colocar em prática medidas que ajudariam a Argentina a se civilizar.

Diante das hostilidades e da mútua desconfiança entre a elite portenha e os líderes federais, o desacordo se tornou inevitável. A primeira, sempre hostil às propostas que incluíam os caudilhos, não se fez representar no encontro. Seus representantes boicotaram a reunião. Da queda de Rosas (1852) até o início da década de 1860, intensificou-se a oposição portenha a Urquiza, principalmente após a criação da Confederação, em 1854.

Foram apresentadas propostas que diminuiriam o poder e a influência portenha, como a nacionalização da aduana, que sempre havia sido controlada por Buenos Aires. Também causou imensa repulsa por parte dos portenhos a proposta de estabelecer a mesma representação para cada uma das províncias no governo futuro do país, em vez de se basear no número de habitantes.

Nesse momento, ganhou destaque na vida política argentina Bartolomé Mitre Martínez (1821-1906), que se colocou ao lado dos portenhos, defendendo seus interesses. Quando os grupos leais a Urquiza atacaram Buenos Aires, ele fora alçado à posição de líder das forças de defesa provinciais. Mitre não defendeu a causa portenha somente pelas campanhas militares, mas também nos periódicos. Como editor de *Los Debates* exerceu enorme influência sobre a opinião pública de Buenos Aires. Escreveu artigos inflamados, nos quais se opunha aos termos do *Acordo de San Nicolás*, que, na sua visão, concedia poderes ditatoriais a Urquiza, como chefe provisório do Estado.

Segundo Katra, a maior parte das ações de Urquiza ao longo de 1852 e nos primeiros meses de 1853 demonstrou moderação. Mesmo assim, muitos intelectuais se convenciam cada vez mais das deficiências dele como líder nacional, principalmente por falta de uma formação intelectual consistente¹³. Alberdi, contudo, ignorou essa crítica e o apoiou. *Bases*¹⁴ se apresentava como um projeto de constituição para a Argentina, tornando-se a obra mais importante para a criação da

¹³ KATRA, 2000, p.190-191.

¹⁴ *Bases y Puntos de Partida para la Reorganización de la Republica Argentina* foi escrito e publicado em 1852. Alberdi o escreveu para ser uma espécie de manual para a reorganização nacional. Diferentemente de Argirópolis, que não alcançou o êxito pretendido por seu autor, *Bases* teve grande importância na criação da Constituição Argentina e no modelo político adotado.

Constituição de 1853. Ao apoiar Urquiza e se colocar ao lado das províncias, Alberdi se opôs aos defensores da causa portenha, particularmente Mitre e Sarmiento.

Sarmiento e Alberdi estiveram unidos enquanto havia um inimigo em comum: Rosas. Isso durante a época do exílio. Antes disso, porém, Alberdi não desconsiderava a importância de Rosas. Defendera-o como um intérprete fiel da vontade das massas, em oposição à constituição unitária, que ignorava os anseios da população e se baseava em formas exóticas¹⁵. Logo, a solução era não se opor a Rosas. Os intelectuais deveriam se aliar a ele na construção da Argentina. Rosas garantiria a ordem, enquanto os intelectuais adaptariam as idéias à realidade argentina. No entanto, o caudilho não tinha a intenção de efetivar essa união. Além disso, Alberdi ficou desapontado com sua reação ao livre comércio e colocou-se ao lado da França no conflito entre Rosas e os interesses do expansionismo francês. A partir de então, emigrou e iniciou a oposição ao regime rosista.

Com o desaparecimento do rosismo, as fissuras entre os dois autores citados apareceram e se acentuaram ainda mais com a participação deles em lados opostos do conflito que cindia a Argentina no período posterior à queda de Rosas. Já não sobrava espaço para um debate cortês. As paixões afloravam; e as injúrias, em muitos momentos, tomavam conta do debate, partindo principalmente de Sarmiento.

A defesa que Alberdi fazia da preservação do poder latente nas províncias indignava Sarmiento, para quem a ordem dos caudilhos deveria ser totalmente aniquilada. De acordo com Katra, o traço que provavelmente foi mais marcante no pensamento de Sarmiento, na década posterior à queda de Rosas, consistia na confiança dos benéficos resultados de uma guerra violenta contra os caudilhos. Predominava no seu pensamento, por volta desse período, a idéia de oposição entre civilização e barbárie, devendo esta ser extirpada da Argentina¹⁶. Opunha-se à visão de Alberdi de que esses elementos da “barbárie” lentamente adquiririam os hábitos da civilização.

¹⁵ KATRA, 2000, p.57-58.

¹⁶ Ibid., p.208.

A década de 1860 foi marcada pelo domínio de Buenos Aires sobre a Confederação e o início da consolidação nacional, conforme a periodização de Katra, utilizada neste trabalho. A oposição portenha só aumentava. Compreenderam os líderes da Confederação que era praticamente impossível convencer Buenos Aires a aceitar a Constituição por meios pacíficos. Ficava cada vez mais claro que o único recurso era a força e que a guerra era questão de tempo. Mesmo com o acirramento das posições antagônicas, tentou-se uma conciliação entre as partes. Em julho de 1860, Derqui e Urquiza – o então presidente e o ex-presidente – visitaram Buenos Aires e se encontraram com Mitre e Sarmiento.

Os intentos de conciliação, entretanto, fracassaram. O conflito se tornou inevitável. A batalha de Pavón (17 de Setembro de 1861) foi o capítulo final da oposição de Buenos Aires à Confederação. A partir de então, recomeçaria o predomínio portenho sobre o restante da nação e o início da consolidação nacional sob seus auspícios. Apesar da vitória das forças lideradas por Urquiza, um fato controvertido aconteceu. O governador de Entre Ríos, retirou sua tropas e voltou à sua província, deixando livre para os portenhos e seus aliados o caminho para se imporem ao resto da nação. “Todos los caminos quedaban ahora abiertos para que el gobierno de Buenos Aires, mediante el esfuerzo de sus diplomáticos y el poder de su ejército, impusiera su voluntad sobre la totalidad del país”¹⁷.

Com a vitória de Buenos Aires, Mitre procurou costurar alianças e garantir nas províncias os líderes políticos que apoiavam o seu projeto. Seu discurso era o de alcançar esse apoio por meios pacíficos; ou evitando o máximo possível a violência. Entretanto, não se conseguiu evitá-la. Tanto liberais quanto federais defenderam suas causas violentamente nas províncias. Em várias destas, os liberais quiseram se vingar dos federais. Não sobrava espaço para o diálogo. A transição fora conflituosa.

O exemplo de maior destaque foi a rebelião de Ángel Vicente Peñaloza, *El Chacho* (1798-1863), em 1863. Esse capítulo da história argentina é importantíssimo para se compreender a posição de Sarmiento acerca dos caudilhos nesse período. Peñaloza

¹⁷ KATRA, 2000, p.287.

era apresentado por seus partidários federais como um típico representante da sociedade patriarcal do interior que pretendia preservar sua tradicional forma de viver da interferência de Buenos Aires. Muitos partidários de Mitre acreditavam que ele queria cooperar com o governo nacional. Para dar uma solução pacífica ao impasse entre Peñaloza e as forças de Buenos Aires, fora assinado o Tratado de *La Banderita*, em 1862.

Porém, contra esses intentos de resolução pacífica das divergências entre *EL Chacho* e Buenos Aires, obrava Sarmiento. Segundo Katra, para Sarmiento, Peñaloza era um inimigo social, mesmo que demonstrasse qualquer intenção pacífica. Ele representava uma estrutura social arcaica e bárbara; a civilização deveria declarar guerra à barbárie. O único tratamento para ele e seus seguidores era a aniquilação¹⁸.

Os comandantes do exército portenho passaram a tratar Peñaloza e seus seguidores como verdadeiros criminosos. Diante disso, a resolução pacífica do impasse ficava cada vez mais difícil. Para se defender, *El Chacho* se levantou em armas contra os portenhos. Convidou Urquiza para participar de uma aliança contra Mitre. O governador de Entre Ríos, por sua vez, reafirmou o compromisso de ajudar na consolidação da nação, não aceitando o convite. A rebelião fora massacrada e o caudilho de La Rioja executado. Sua cabeça fora cravada em uma lança e exposta na Praça de Olta.

Essa execução não se deu por meios legais. A violência empregada no interior pelos liberais causou grande impopularidade à causa portenha, que aumentou mais ainda devido à falta de atitude de Mitre frente às execuções extrajudiciais. Apesar de publicamente criticar a execução de Peñaloza, ele felicitou Sarmiento pela ação contra as *montoneras*. A violência, que tinha a anuência declarada de Sarmiento, causou-lhe grande impopularidade; ela foi, em parte, a causa da sua nomeação como embaixador nos Estados Unidos. A presença dele na Argentina poderia atrapalhar o governo Mitre a costurar a paz com as províncias do interior. Já como

¹⁸ KATRA, 2000, p.300.

embaixador nos Estados Unidos, ele escreveu *El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos*¹⁹.

O período que se segue à chegada de Mitre ao poder, marcado por suas ações para impor a vontade portenha sobre as províncias do interior, dá início ao processo de consolidação da nação. Esse processo, iniciado sob sua presidência (1862-1868) se estendeu pelas presidências de Sarmiento (1868-1874) e Nicolás Avellaneda (1874-1880), que, além disso, procuraram modernizar e desenvolver economicamente a Argentina.

Realizada essa contextualização, cabe enunciar o problema que norteia minha investigação. A saber: o paradoxo do americanismo de Sarmiento. Ele negava a herança ibérica, causa de grandes males para a sua nação. Acreditava na eficácia da educação e da imigração para a modernização e a civilização da Argentina. Desejava uma política de terras que garantisse o desenvolvimento agrícola pautado nas pequenas e nas médias propriedades. Além disso, considerava o município um locus privilegiado para o desenvolvimento das virtudes cívicas. Leitor assíduo e declarado de Tocqueville, ele chegou a insinuar ser o Tocqueville da América do Sul; ele teceu elogios à instância municipal e à organização política dos Estados Unidos.

Ao pensar seu projeto de nação, excluía uma organização política que garantiria mais autonomia às províncias e aos municípios. Para ele, a Argentina deveria ser una e indivisível, pois não tivera o passado venturoso que teve a América do Norte, demonstrado por Tocqueville. É exatamente aí que surge o paradoxo: um americanista que seguia o caminho inverso do americanismo ao pensar na nação que queria construir, no que diz respeito ao papel e à organização do Estado. Era essencial a ruptura com o passado e a transformação do elemento popular por meio da educação e da imigração européia, que deveriam ser dirigidas pelo Estado. As liberdades não surgiriam da própria organização da sociedade, como nos Estados

¹⁹ SARMIENTO, D. F. **El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos (1868)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009. Nessa obra, publicada em 1968, Sarmiento descreveu os combates entre as forças de Buenos Aires e as forças de Penáloza. Seu objetivo, ao fazer isso, era apresentar *El Chacho* como um bárbaro; um ser retrógrado, representante de uma forma de sociedade que em nada contribuía para o progresso e que estava condenada a desaparecer. Dessa maneira, justificava o assassinato do caudilho e dos seus seguidores, representantes das nefastas *montoneras*.

Unidos. Não seria espontânea. Na América do Sul, era o Estado que empreenderia as reformas liberais. Werneck Vianna denominou essa ação de liberalismo com vocação de missão. Seria a partir da intervenção do Estado sobre o social que se criaria um indivíduo e um mercado livres²⁰.

Apesar de tecer elogios à instância municipal e ver nela um grande instrumento de civilização, considerava que seu país ainda não estava preparado para lhe conceder mais autonomia. Caso isso acontecesse, aprofundar-se-ia ainda mais na barbárie na qual já estava imerso. Logo, não via nenhuma maneira de sua nação não ser una e indivisível. Esta era a única solução para a Argentina. Para a análise desse paradoxo será utilizado o conceito de repertório. De acordo com Ângela Alonso, repertório constitui:

[...] um conjunto de recursos intelectuais disponíveis numa dada sociedade em certo tempo. É composto de padrões analíticos; noções; argumentos; conceitos; teorias; esquemas explicativos; formas estilísticas; figuras de linguagem; metáforas. Não importa a consistência teórica entre seus elementos. Seu arranjo é histórico e prático. Repertórios funcionam como “caixas de ferramentas” às quais os agentes recorrem seletivamente, conforme suas necessidades de compreender certas situações e definir linhas de ação²¹.

Segundo Ângela Alonso, muitos autores estudaram as idéias no Brasil – e também na América Latina – como uma deformação das idéias produzidas na Europa e nos Estados Unidos, empobrecendo-as. Explicaram isso pela incapacidade de se criar aqui idéias originais. Ela se coloca contra esse tipo de interpretação ao estudar a geração de 1870, no Brasil. Segundo a autora, nem lá essas idéias possuíam o caráter inteiriço que muitos supuseram e a partir do qual qualificaram aquelas que aqui foram gestadas de pouco rigorosas ou desajeitadas²². Acredito que essa idéia pode ser estendida à obra de Sarmiento.

Dessa maneira, quando se fala da influência de algumas idéias e de alguns pensadores europeus sobre Sarmiento, faz-lhe mais justiça enfatizar o referido conceito. Em certa medida, Sarmiento compartilhava do repertório liberal, ou seja,

²⁰ VIANNA, Luiz Werneck. **A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1997, p134-135.

²¹ ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.40.

²² ALONSO, 2002, p.17-18.

um “conjunto de recursos intelectuais disponíveis em uma dada sociedade em certo tempo”. Ao lançar mão dele, objetivava intervir na sua realidade. Ele não distorceu as idéias de autores estrangeiros, apenas selecionou aquelas que atendiam às suas necessidades, adaptando-as sempre que preciso para intervir na sua realidade.

Esse conceito permite ir de encontro às análises, como a de Leopoldo Zea, quando avaliou o positivismo no México, que se baseiam no esquema de modelos e desvios²³. A Europa lançava os modelos e a América Latina copiava, com seus desvios, em outras palavras, deformações; as idéias desenvolvidas na Europa e de validade universal eram modificadas nos pensadores americanos. Além de serem cópias mal feitas, não tinham validade universal; não contribuíram para o desenvolvimento geral da história intelectual.

Não se pretende, pois, apresentar o liberalismo como um conceito fechado e engessado. Por isso, não há uma preocupação em definir o liberalismo europeu ou, mais especificamente, o inglês ou francês, realizando comparações e destacando os desvios latino-americanos em relação ao modelo europeu. Mesmo porque não existe um modelo, não existe apenas um liberalismo. Mais correto seria falar em vários liberalismos. Obviamente, existem alguns aspectos em comum presentes nesses vários liberalismos.

Quando se falar em liberalismo, este deverá ser entendido, para o autor estudado, como um repertório de idéias utilizado para intervir na realidade da qual fazia parte com o objetivo de transformá-la. José Guilherme Merquior apresenta um subtítulo muito sugestivo quando escreve sobre o liberalismo conservador: *Alberdi e Sarmiento: o liberalismo construtor de nações*²⁴. Sugere, pois, que o liberalismo fora utilizado pelos pensadores argentinos para construir a nação que almejavam. Não se pretende utilizar o conceito de liberalismo conservador definido por Merquior, e sim enfatizar, a partir da sugestão do subtítulo, a operacionalidade das idéias. Por isso, a importância do conceito de repertório, acima apresentado. Ele permite não só

²³ PALTÍ, Elias José. **Tipos ideais y sustratos culturales em La historia político-intelectual latinoamericana**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2006, p.02.

²⁴ MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo: antigo e moderno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

romper com a noção de modelos e desvios, mas também colocar em relevo a noção de operacionalidade das idéias.

O presente estudo tem como uma de suas consequências a crítica à visão essencialista – derivada dos estudos culturalistas – que tiveram relevância na história das idéias na América Latina²⁵. Quando propôs reformas de cunho liberal, porém a partir de um governo centralizador, Sarmiento o fez por considerar que a Argentina ainda não estava preparada para se tornar uma república virtuosa. Ele possuía essa visão essencialista, uma vez que compreendia os males de seu país como consequência, em parte, da herança ibérica. Entretanto, o historiador das idéias não lhe pode se ater.

Assim, como já exposto, no primeiro capítulo, será apresentada a visão de Sarmiento sobre os problemas da Argentina. No segundo capítulo, a solução para esses problemas; o projeto modernizador e civilizador, dando ênfase à educação e à imigração, entendidas por ele como meios eficazes para se combater a barbárie e o atraso argentinos, fundando uma nação civilizada e desenvolvida, cujos cidadãos seriam partícipes das decisões concernentes aos seus rumos.

Do seu projeto educacional, surge outro problema, associado ao problema central. Quando se analisa as propostas educacionais de Sarmiento, parece que ele tem uma firme crença no poder transformador da educação. Esta permitiria à população argentina abandonar a barbárie e se tornar parte ativa da república que se pretendia erigir. Os gaúchos poderiam ser assimilados pela civilização, uma vez que também receberiam a educação. Seu projeto educacional era amplo e destinado a atingir imensas parcelas da população. Todavia, outros textos, como *El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos e Conflicto y Armonías de la razas en América*²⁶, apresentam uma visão diferente dessa. A leitura desses textos destaca a

²⁵ PALTÍ, 2006, p.09.

²⁶ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009. Publicado em 1883, *Conflicto* procura dar uma explicação mais científica – na verdade pseudocientífica – para a questão racial na Argentina. Baseado em autores diversos, Sarmiento procura provar que os índios eram incapazes de se civilizar e que a herança espanhola dera sua contribuição perniciosa ao amálgama de raças. Ainda entravam nessa mescla os negros. Todos esses elementos, na sua visão, possuíam limitações, particularmente os indígenas. Isso explicaria, como destaca ainda no prefácio, os resultados negativos da educação na Argentina. Essa obra é capital para os objetivos desta

incapacidade dos elementos étnicos que formavam a Argentina. *El Chacho*, inclusive, defende a aniquilação dos caudilhos e dos gaúchos que formavam as *montoneras*.

O terceiro capítulo apresentará suas idéias sobre imigração na década de 1880, marcadas por uma preocupação maior com a manutenção da soberania nacional. A imigração dos europeus do norte não aconteceu; os suíços e alemães tão desejados por ele não se dirigiram em massa para a Argentina. Predominaram os italianos e os espanhóis. O transplante dos elementos de civilização não se realizou. Diante desse fato, as preocupações de Sarmiento passaram a ser outras. Isso explica em parte o pessimismo que marcou seus escritos na década final da sua vida.

Tal pessimismo pode ser constatado na obra *Conflicto y Armonías*, que servirá de base para o quarto e último capítulo da dissertação. Suas últimas obras não são muito estudadas. Os autores que analisam suas idéias preferem se ater aos seus escritos mais conhecidos; não se aprofundam em textos como o supracitado e os escritos sobre imigração produzidos na década de 1880²⁷. Fazem citações e referências, mas não se aprofundam nelas. Também não realizam estudos que abarquem as modificações no seu pensamento ao longo da sua vida.

Dar maior destaque a esses escritos permite constatar as mutações nas idéias de Sarmiento ao longo dos anos, além de recurso metodológico que serve aos objetivos deste trabalho. Não existe a pretensão de buscar coerência entre seus escritos, visando à apresentação de um sistema. Isso acabaria resultando naquilo que Skinner chamou de mitologia da coerência²⁸. A intenção é justamente destacar as

dissertação, pois permite repensar o projeto educacional de Sarmiento a partir de outro viés. Se em algumas obras, a educação parece uma solução para quase todos os problemas da Argentina, essa obra mostra que isso não foi possível. Em outras palavras, Sarmiento reconhece, como sugere seu pessimismo no texto, que esses seres incapazes não poderiam ser totalmente civilizados. Logo, não poderiam ser cidadãos que contribuiriam para a construção de uma república baseada no humanismo cívico.

²⁷ Esses escritos estão reunidos no volume XXXVI de suas obras completas, cujo título é *Condición del Extranjero en América*. (SARMIENTO, D. F. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI). Percebe-se nos artigos publicados nesse período uma mudança de enfoque na abordagem da questão da imigração. Sua preocupação passou a ser mais com a manutenção da soberania nacional. A idéia de transplante se desvaneceu.

²⁸ SKINNER, Quentin. **Lenguaje, política y historia**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2007. Nas palavras de Skinner: "(...) sigue siendo difícil ver de qué manera la empresa de buscar la coherencia interna de las doctrinas de un autor dado no puede producir otra cosa más que

diferenças, que muitas vezes estiveram associadas ao contexto histórico do autor e à sua visão sobre este.

Há duas hipóteses principais que buscam responder aos problemas levantados por esta pesquisa. A primeira foi exposta por Natálio Botana, no livro *La Tradición Republicana*. Defende que havia uma tensão em Sarmiento entre o paradigma de uma república forte e o de uma república virtuosa. Apesar de desejar este modelo, as condições presentes na Argentina o impossibilitavam, e aparecia a necessidade de uma república forte. Isso explica o primeiro problema, o seja, o paradoxo do americanismo sarmientino; a necessidade de implantar as reformas através de uma ação estatal forte e centralizada. Todavia, como será demonstrado, nem mesmo essa ação conseguiu, na visão de Sarmiento, extirpar a barbárie argentina.

Na segunda hipótese, derivada da primeira, defendo que Sarmiento perdeu gradativamente a crença nas suas reformas americanistas como meios de se alcançar uma república virtuosa. O pessimismo de *Conflicto y Armonías* e as preocupações subjacentes aos seus escritos tardios sobre imigração comprovam essa hipótese. Isso não quer dizer que a imigração e a educação já não eram mais importantes para ele; nunca deixaram de ser. O que se percebe com a leitura desses textos é que a imigração não cumpriu o papel que deveria e a educação não tinha, devido à incapacidade dos habitantes da Argentina, o poder transformador que os textos sobre esse assunto supuseram.

Apresentadas as hipóteses de trabalho que visam a responder o problema proposto, cabe uma breve exposição sobre as correntes historiográficas que interpretaram as idéias de Sarmiento. Para tanto, servir-me-ei de Palti. Segundo esse autor, Sarmiento deixou de ser um personagem histórico e se transformou num espelho onde intérpretes em épocas distintas passaram a ver-se. Ou seja, em vários momentos, a obra de Sarmiento serviu para seus comentadores enxergar as suas próprias realidades, seus dilemas e problemas; foi um espelho das próprias

explicaciones mitológicas sobre lo que éste realmente pensó en el pasado” (p.136). Ao buscar essa coerência, o historiador das ideias acaba incorrendo num grave erro: “(...) con el objeto de extraer un mensaje de mayor coherencia de la obra de un autor, puede ser muy apropiado descartar las declaraciones de intención que él mismo pueda haber hecho sobre su labor, y incluso desechar obras enteras que perjudiquen la coherencia de su sistema” (p.132).

discórdias dos argentinos²⁹. Essa forma de abordar o pensamento sarmientino acabou por descambar para o lado do político-ideológico, deixando de ser, muitas vezes, uma análise histórica.

Após a morte de Sarmiento, as primeiras referências à sua obra, no essencial, não foram além de retomar e difundir a própria imagem que ele construiu nos seus escritos. Palti apresenta as principais tradições de interpretação do seu pensamento. Isso permite constatar o que fora escrito acima a respeito da metáfora do espelho. Ele apresenta quatro tradições principais: a liberal, a revisionista, a eclética e as versões mais recentes³⁰.

A tradição liberal se iniciou com os primeiros estudos a respeito da história intelectual argentina. Sarmiento fora visto como uma figura superior aos seus contemporâneos. Essas interpretações lhe eram favoráveis. De certa forma, ele era uma espécie de herói dos liberais. Para essa historiografia, Sarmiento representava uma era que já estava desaparecendo. A antinomia civilização-barbárie perdia sua validade. Apesar de ter sido importante para compreender a época de Sarmiento, já não cabia no final do século XIX e início do XX. Não obstante isso, ele seguiu sendo uma grande referência para essa tradição.

A corrente revisionista não via Sarmiento como o detentor da fórmula que abriria o futuro. Ele nem mesmo ocupou papel de destaque nas primeiras formulações revisionistas; quando aparecia em relevo, era para ser detratado. Enquanto os liberais enalteciam Sarmiento, os revisionistas passaram a enaltecer os feitos de Rosas. Essa nova interpretação afirmava a preocupação com a defesa dos interesses nacionais, encontrando na figura de Rosas o representante desses interesses, contra todas aquelas pessoas que os colocavam em risco.

O caráter supostamente antipopular de Sarmiento o colocou no centro da crítica revisionista. Ela se valeu das suas próprias proposições para lhe opor-se. Até então vistas como bárbaras, as tradições locais passaram a ser valorizadas. O

²⁹ PALTÍ, Elias. **Argentina en el espejo**: el pretexto de Sarmiento. Prismas, Revista de história intelectual, nº1, 1997, p.13,14.

³⁰ PALTÍ, 1997, p.13-34.

“sarmientismo” passou a ser visto como colonialista, em outras palavras, contrário aos interesses nacionais. Obviamente, sua contrapartida foi o rosismo.

A linha eclética procurou encontrar no próprio pensamento do autor uma disposição para conciliar os antagonismos que cindiam os argentinos. Segundo Palti, tal corrente fora marcada pela “vocación de síntesis”³¹. Ele apresenta dois representantes dessa corrente: Manuel Gálvez e Ricardo Rojas. O primeiro considerava tanto Sarmiento quanto Rosas marcados pelo autoritarismo. Dessa maneira, eles não pareciam tão distantes, ou em lados tão opostos assim. Rojas afirmava que a antinomia defendida por Sarmiento carregava uma síntese. Não pretendia, com isso, eliminar as contradições presentes em sua obra, e sim defender que “don yo” era gaúcho, doutrinariamente federal e tipicamente americano. Acabava sendo aquilo que negava. Conciliava-se com o que defendia como sendo seu oposto.

Por fim, as versões mais recentes destacam que Sarmiento reconhecia na luta o motor dos processos históricos. A antinomia civilização-barbárie fora vista sob novos termos: liberdade e necessidade. Para Feinman, de acordo com Palti, o ponto central em Sarmiento seria sua concepção da história como conflito. Não haveria meio termo ou síntese entre a liberdade e a necessidade. O segundo, identificado com a barbárie, deveria se destruído, extinto³². Destacou ainda que Botana interpretou o pensamento de Sarmiento como o antagonismo entre os princípios republicanos que ele consagrou em seus textos e uma prática política que contradizia esses princípios³³.

Essa breve exposição da historiografia acerca das idéias de Sarmiento não abarca todas as interpretações que foram realizadas desde o século XIX. Contudo, ela permite perceber as principais características das correntes interpretativas de maior destaque. Em muitos momentos, essas interpretações estiveram marcadas pelo debate político-ideológico, principalmente a liberal e a revisionista, perdendo o sentido histórico. “Desde este punto de vista, la historiografia posterior bien puede

³¹ PALTÍ, 1997, p.22.

³² Ibid., p.31.

³³ Ibid., p.28-29.

considerarse como el proceso por el cual Sarmiento se va convirtiendo, de personaje histórico, en el simbolo de una controversia histórico-universal, inherente por lo tanto a toda época y lugar”³⁴.

Palti afirma a necessidade de distinguir essas leituras daquela que Sarmiento pode ter tido da sua própria obra, de modo a estabelecer distinções entre o “Sarmiento que viveu” e o “Sarmiento vivo”³⁵. Enquanto espelho no qual as distintas épocas se viram, Sarmiento esteve vivo. Abordá-lo assim, seria se posicionar num determinado lado do polarizado debate político-ideológico. Daí a necessidade de se distanciar do “Sarmiento vivo”. Essa distância separa o histórico do político-ideológico. O historiador, a partir desse ponto de vista, deve analisar o “Sarmiento que viveu”.

Dessa forma, Palti procura alertar o historiador acerca da necessidade de manter distância do debate político-ideológico, das paixões. É evidente que ele não crê na possibilidade de uma total isenção, de que seja possível a objetividade absoluta. Ele acredita, no entanto, ser possível não cair nessa polarização que marcou boa parte da historiografia a respeito do pensamento sarmientino.

A interpretação proposta neste trabalho procura, nesse aspecto, seguir a orientação de Palti e fugir desse tipo de abordagem. Apesar de a tentação para cair nesse problema ser menor para um não argentino, ela pode sim estar presente em sua análise. Por isso, tomou-se o cuidado aqui de não cair nesse tipo de interpretação que se reduz, no final das contas, ao debate ideológico-político. Não que este não tenha importância. Porém, ele não deve estar presente numa análise histórica, ou mesmo ser a finalidade de tal análise. Assim, debruçar-me-ei sobre o “Sarmiento que viveu”, procurando entender seu pensamento no contexto em foi produzido.

Não existe a pretensão de defender ou justificar as ações e idéias de Sarmiento, por um lado, nem de condená-las, por outro. Posicionar-se em algum desses lados, seria cair no referido debate, ao qual se deve fugir. Muito menos, serão descontextualizadas. Muito pelo contrário, suas idéias e ações ganham significado justamente dentro do contexto no qual surgiram. Isso permite compreender o

³⁴ PALTI, 1997, p.33.

³⁵ Ibid., 34.

pensamento sarmientino na sua complexidade e nas suas incoerências, inclusive, ressaltando-as quando pertinentes ao trabalho.

De maneira alguma, suas contradições serão resolvidas. Se ele não as resolveu, não é o historiador que deve fazer isso. Preencher as lacunas deixadas por ele seria incorrer no grave erro apontado por Skinner, já citado nessa introdução, da mitologia da coerência. Quando um historiador procura fazer isso, acaba, intencionalmente ou não, se desviando para o debate político-ideológico.

Dessa maneira, evitando cometer o erro de buscar ou dar coerência a um pensamento marcado por contradições, buscando entendê-lo no contexto em que foi produzido, abarcando o “Sarmiento que viveu” – e não o “Sarmiento vivo” – e, por conseguinte, renunciado à ideologia, acredito que esta interpretação possa dar sua parcela de contribuição para os estudos acerca das idéias desse autor, que suscitou, ao longo dos anos, acirrados debates político-ideológicos e historiográficos.

1. OS EMPECILHOS À CIVILIZAÇÃO NA ARGENTINA

“Sombra terrível de Facundo, vou evocar-te para que, sacudindo o pó ensugentado que cobre tuas cinzas, te levantes para explicar-nos a vida secreta e as convulsões internas que dilaceram as entranhas de um nobre povo”.

Facundo, de Sarmiento.

1.1 – O meio geográfico e a formação dos gaúchos

Ao longo da sua vasta obra, Domingo Faustino Sarmiento procurou descobrir as causas do atraso argentino e a solução para o mesmo. Como empecilhos ao desenvolvimento de uma nação civilizada, apontada para o progresso e habitada por cidadãos plenamente capacitados a participar da vida política, ele identificou a herança hispânica, a grande extensão pouco povoada e as raças que a habitavam, particularmente os gaúchos e os índios.

O autor de *Facundo* pretendia uma Argentina que ele chamava de civilizada. A sua idéia de civilização é a mesma que os ingleses e franceses desenvolveram ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Isso é fácil de se entender: ele fora fortemente influenciado pelas idéias européias; bebeu no iluminismo francês. Também tinha a idéia de progresso legado por esse movimento. Evidentemente, não se deve tentar entender seu pensamento apenas como um resultado linear das idéias desenvolvidas na Europa. Ele utilizou o repertório liberal disponível para intervir na realidade da qual fazia parte.

É necessário, então, entender qual era o conceito de civilização dos europeus, particularmente ingleses e franceses. Para isso, duas obras serão utilizadas como referência, *O Processo Civilizador* e a *Gramática das civilizações*. Segundo Norbert Elias, vários são os fatores a que se refere o conceito de civilização: desenvolvimento tecnológico, maneiras de um determinado povo, desenvolvimento do conhecimento científico, idéias religiosas e costumes. Vários outros fatos

poderiam ser sumariados. Há uma grande dificuldade, por isso, em se delimitar o conceito.

Tentando explicá-lo, Elias apresenta a primeira definição: expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Resume tudo o que a sociedade ocidental considera superior às outras, mais antigas ou mesmo contemporâneas, vistas como primitivas, como pertencendo a um estágio inferior às demais.

Esse conceito se diferencia do de civilização empregado pelos alemães, que o viam apenas como uma referência aos progressos materiais, não o relacionando às características que lhe eram intrínsecas. Para eles, era o conceito de cultura o que significava aquilo que mais intimamente lhes tocava.

A idéia de civilização legada pela França surge no século XVI. Baseia-se numa mudança dos hábitos e comportamentos. Aqueles que não faziam parte de um grupo específico, a aristocracia, eram vistos como inferiores, e a maneira como agiam também. Logo, aquelas mudanças constituíam um fator de diferenciação entre os distintos grupos da sociedade.

Quando à mesa, esses nobres, “educados”, deveriam se portar de uma maneira determinada. Por exemplo: “bufar como um salmão, comer voraz e ruidosamente como um texugo e queixar-se enquanto come – eis três coisas inteiramente indecorosas”³⁶. Regras foram ditadas em relação aos hábitos de assuar-se e de escarrar-se. Ocorreram mudanças de atitude também no que respeita às funções corporais, nas relações entre os sexos e na agressividade.

Todas essas maneiras que se desenvolveram nas cortes, principalmente francesa e inglesa, a partir do século XVI, foram adotadas por um número cada vez maior de pessoas. A burguesia e parte da intelectualidade também as adotaram. Apesar de essas atitudes não serem praticadas por todos os indivíduos dentro de uma nação, os seus dirigentes as apresentaram como abarcando toda a sociedade.

³⁶ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 1.v. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p.96.

Esses novos costumes, de acordo com Braudel, caracterizam aquilo que a sociedade europeia definia como um sujeito polido. Eles apareceram associados às palavras *poli, policé, civil e civilisé*³⁷. A expressão moderna, no sentido de passagem ao estado civilizado, aparece em 1752, com Turgot. Nesse sentido, civilização se opõe a barbárie.

A cidade era o lugar da civilização, onde esses novos comportamentos eram adotados. No campo, eles não existiam. Os habitantes do campo não estavam preocupados com a polidez e com as boas maneiras. Eles se deixavam levar por hábitos grosseiros. Em um, as pessoas viviam em sociedade, que demandava essa mudança. No outro, elas viviam num estado natural, onde as exigências não implicavam a adoção desses novos comportamentos, desses costumes desenvolvidos, principalmente, nas cortes europeias.

Essa idéia de civilização – baseada em boas maneiras, em hábitos polidos, ligada à idéia de progresso desenvolvida no século das luzes, que opõe cidade e campo, que pressupõe sociedades em estágios mais avançados e mais atrasados – surgida e desenvolvida a partir do século XVI, ganhando uma forma mais elaborada no século XVIII, fora adotada por Sarmiento.

Feito isso, ou seja, caracterizada essa idéia de civilização, o objetivo agora é entender como o ex-presidente argentino utilizou tal concepção na sua representação da sociedade argentina. O seu livro mais conhecido, *Facundo: civilização e barbárie*, permite perceber claramente essa dicotomia entre a cidade e o campo. Nele, o autor faz uma biografia de Facundo Quiroga. Porém, tal obra vai muito além disso, constituindo-se numa tentativa de interpretar a Argentina. Facundo Quiroga é, segundo Sarmiento, o resultado da colonização e das peculiaridades do terreno. “Ele é uma manifestação da vida Argentina”. Para entendê-lo, faz-se necessária uma investigação sobre a “configuração do terreno e os hábitos que ela engendra”. Ao realizá-la, nosso autor apontou os problemas da República Platina, os quais a impediam de emergir da barbárie em que estava imersa e de caminhar em direção à civilização.

³⁷ BRAUDEL, Fernand. **Gramática das civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.26.

A imensa extensão do país, em cujos “extremos quase não existe povoamento”, era considerada por Sarmiento um mal que afligia a Argentina. Entre as províncias, estendiam-se desertos sem nenhuma habitação humana. Selvagens, tanto no Norte como no Sul, esperavam o anoitecer para atacar o gado que pastava no campo e as indefesas povoações. As caravanas de carroças viviam sob a constante tensão de sofrerem ataques, se não dos selvagens, de tigres, de cobras e de outros animais perigosos.

Ele dividia o que chamava de parte habitada em “três fisionomias distintas que imprimem à população condições diversas, segundo a maneira que tem de interagir com a natureza que a cerca”³⁸. Assim, defendia a idéia de que os habitantes desenvolviam características ligadas ao território onde habitavam; eles eram considerados por ele produtos das condições naturais.

Cobria o norte uma espessa mata. Já no centro, a selva e o pampa disputavam o terreno. O sul era dominado pelo pampa. A maior parte da nova república era tomada pela natureza selvagem. Não havia sociedade, pensava, onde só havia natureza. Elas se opunham, eram antagônicas.

Quando falava das planícies, Sarmiento, em momentos vários, remetia-se à Ásia. Segundo Carlos Altamirano, Sarmiento buscava comparação com outros povos das planícies para reforçar sua tese da influência do solo nos costumes e destes na história dos povos³⁹. Essa analogia está ligada também à sua sensibilidade às fantasias do exotismo, tanto do literário quanto do político, e Facundo o prova. Entretanto, não se pode negar que também fazia parte de uma estratégia discursiva para mostrar que da mesma forma que o despotismo surgiu nas planícies orientais, emanava da *llanura* argentina.

A analogia tem um funcionamento central dentro da obra; ao comparar, ele explica. O sentido é construído a partir dela. Ele compara o que se quer explicar ao que já

³⁸ SARMIENTO, D. F. **Facundo: civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.66.

³⁹ ALTAMIRANO, Carlos. El orientalismo y la idea del despotismo en el Facundo. In: ALTAMIRANO, C.; SARLO, Beatriz. (Orgs.) **Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la vanguardia**. Buenos Aires: Ariel, 1997, p.85.

existe, já está julgado e escrito. Assim como as planícies asiáticas, as planícies argentinas também favorecem o despotismo. Ele tenta provar que na Argentina, assim como na Ásia, esse espectro resulta da geografia.

Até então, ele não conhecia pessoalmente aquilo sobre o que escrevia. Seu saber advinha não do contato, não da experiência direta, e sim das leituras realizadas. O saber douto por excelência, o da ciência e das teorias sociais, é, com efeito, o saber europeu. Era através desse prisma que ele mirava o Oriente, que, em razão disso mesmo, produzia uma visão estereotipada.

O oriente de Facundo reenvia o leitor, assim, antes que a uma área de conhecimento, a um conjunto discursivo dominado por significações imaginárias – o arquivo orientalista –, constitutivo da identidade europeia e, durante o século XIX, entrelaçado com a expansão colonial⁴⁰.

[...] mais do que uma rede de conhecimentos da realidade oriental, comprova ser um discurso historicamente ligado ao expansionismo do século 19 e à própria constituição de um território de identidade europeu, mediante a exclusão dos “outros” e a conseqüente delimitação do campo civilizado⁴¹.

Ele assimilou esse arquivo e o reproduziu em seu texto. Percebe-se claramente, nessa analogia, a influência de Montesquieu, ainda que ele não o cita como um dos seus mentores intelectuais. Na história do pensamento político moderno, diz Altamirano, a idéia de despotismo remete a Montesquieu, e à formulação clássica do conceito contida na obra *Do Espírito das Leis*⁴².

O despotismo, tal como o define o autor dessa obra, e sob a aparência asiática que lhe presta, há de ser a referência obrigatória de toda a filosofia política da segunda metade do século XVIII, ainda que seja para se contrapor a ela. É no *Espírito das Leis* que essa noção ganha articulação conceitual dentro de um quadro geral sobre

⁴⁰ ALTAMIRANO, 1997, p.88.

⁴¹ RAMOS, Julio. Saber do outro: escrita e oralidade no Facundo de Domingos Faustino Sarmiento. In:_____. **Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século XIX**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 30.

⁴² ALTAMIRANO, 1997, p.90.

as formas de governo, mesmo não tendo sido o primeiro a dar esse tipo de explicação⁴³.

Identificava o despotismo asiático com o despotismo dos caudilhos, que se impunham pela força, atemorizando aqueles que estavam sob suas ordens. Não havia nem virtude nem honra no governo dos caudilhos. Assim, encontrava na ordem dos caudilhos o mesmo princípio do governo despótico encontrado por Montesquieu. “Tal como a virtude é necessária numa república e a honra necessária numa monarquia, o medo é necessário num governo despótico; nesse governo, a virtude é totalmente desnecessária, e a honra, perigosa”⁴⁴. Imperava, pois, o medo.

A função dessa imagem orientalista engendrando a idéia de despotismo tem uma função argumentativa, cuja fórmula básica se encontra na analogia. Essa idéia opera como um dos esquemas de referência para a doutrina e o relato sarmientinos do caudilhismo sul-americano. O caudilhismo é o despotismo na Argentina, e ele o tenta provar a partir da comparação das planícies argentinas às planícies asiáticas.

Também os caudilhos representavam figuras do Oriente. “Incapaz de se fazer admirar ou estimar, gostava de ser temido”, assim se referia Sarmiento a Facundo Quiroga. O temor e o terror eram assinalados como os meios principais de poder, seja pessoal, seja político, que ele exercia; eram a base do seu despotismo, uma forma de governo onde a arbitrariedade lhe era inerente. Rosas também era um déspota, pior do que Facundo, mais degenerado e mais pernicioso, uma vez que submetia a culta Buenos às trevas da barbárie.

Diante dessa natureza que se apoderava da Argentina, Sarmiento acreditava que a República padeceria. Comparando as planícies argentinas às asiáticas, como visto, encontrava parentesco entre as tropas de carroças e as caravanas de camelos. Nessas “*soledades*” o caudilho tinha que ter disposição para se impor a qualquer um que tentasse se insubordinar, e não fazia com base em mecanismos legais, por meio da força das leis. Era a força bruta que falava mais alto. O caudilho era

⁴³ ALTAMIRANO, 1997, p.90.

⁴⁴ MONTESQUIEU. **Do espírito das Leis**. 1.v. Editora Nova Cultural: São Paulo, 2005, p.65.

justamente aquele que conseguia, pelo medo, sobrepor-se aos outros habitantes do interior.

Aparece a idéia de submissão total ao poder dos caudilhos. Existiam apenas dois pólos: um mandava e outro obedecia. Não havia um meio termo entre eles. O caudilho é justamente o déspota de Montesquieu, a quem todos obedecem, não existindo nada entre o mandar e o obedecer que não fosse o medo. “Não há temperamento, modificação, acordos, termos, equivalentes, conferências, admoestações; não há nada melhor ou igual a ser proposto; o homem é uma criatura que obedece a outra criatura que manda”⁴⁵.

Assim, de acordo com Sarmiento, começava a se estabelecer na vida argentina “o predomínio da força bruta, a predominância do mais forte, a autoridade sem limites e sem responsabilidades dos que mandam, a justiça administrada sem formas e sem debates”⁴⁶. Nas longas viagens por essas regiões, adquiria-se o hábito de viver longe da sociedade. Esta é que exigia comportamentos civilizados, boas maneiras, leis, educação e vestes européias. Na falta dela, reinava a barbárie.

O que predominava, então, era a natureza selvagem. Eram os índios, principalmente os araucanos, as lutas e a indolência dos gaúchos, a lei dos caudilhos, que impunham sua força aos mais fracos, e a total falta de instituições legais. Ante tal situação, a vida se individualizava ao máximo, cada um só podia contar com os seus próprios recursos, até que o mais forte (o caudilho) se colocasse sobre os demais, dirigindo-os consoante seu arbítrio.

Assim sendo, ele acreditava que a Argentina fora territorialmente constituída de maneira a ser una e indivisível, pois, de outra maneira, imperaria o arbítrio dos caudilhos. Entretanto, em vez de assim estar na civilização, o estava na barbárie, sob o domínio de Rosas, que aparecia como o herdeiro de Facundo Quiroga.

Em oposição à barbárie dos campos, despontava a cidade, lugar do homem civilizado, educado e que usava fraque. Era o centro da civilização argentina, onde

⁴⁵ MONTESQUIEU, 2005, p.66.

⁴⁶ SARMIENTO, D. F. **Facundo: civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.70-71.

estavam instaladas as oficinas de artes, as casas de comércio, as indústrias, as escolas e tudo que caracterizava os povos cultos. Seu exemplo mais eloquente, na América do Sul, era Buenos Aires.

Partindo da idéia, já exposta, da cidade como o lugar da civilização, em oposição ao campo, Sarmiento via na natureza selvagem uma ameaça real e iminente. Esses imensos campos desérticos circundavam as cidades. Nas próprias palavras de Sarmiento:

[...] O deserto as circunda a uma distância maior ou menor, as cerca, oprime-as; a natureza selvagem as reduz a estreitos oásis de civilização encravados num plano inculto de centenas de milhas quadradas, apenas interrompido por uma ou outra vila importante⁴⁷.

O homem que vivia na cidade estava acostumado ao fraque e à sobrecasaca, trajes europeus, e às boas maneiras. Tinha contato com o progresso, com os meios de instrução e com o governo. A vida em sociedade se fazia presente. No campo, por sua vez, a sociedade desaparecia completamente, restando só a “família feudal”, isolada. Não havendo sociedade reunida, toda espécie de governo se tornava impossível; a municipalidade não existia, a política não podia ser exercida e a justiça não tinha meios de alcançar os infratores e aplicar-lhes as devidas punições.

Desa maneira, não havia necessidades públicas a satisfazer. Tudo que existia nas cidades, inexistia nos campos. Nesse meio não havia preocupação com as vestes, pois o quase total isolamento impedia a ostentação: mostrar para quem ou para quê? O estímulo e o exemplo não existiam. Estes assumem um papel muito importante para a construção de uma nação civilizada; servem para dirigir os cidadãos à prática dos bons hábitos. Somente em sociedade eles podiam influenciar os indivíduos a desenvolver comportamentos civilizados.

[...] A sociedade desapareceu completamente; resta só a família feudal, isolada, reconcentrada; e não havendo sociedade reunida, toda espécie de governo se torna impossível: a municipalidade não existe, a polícia não pode ser exercida e a justiça não tem meios de alcançar os delinqüentes⁴⁸.

⁴⁷ SARMIENTO, D. F. **Facundo: civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.73-74.

⁴⁸ Ibid., p.75.

Logo, desse meio, de maneira alguma, poderia surgir um cidadão usando fraque, preocupado com a *res publica*, cumpridor das leis e educado. O produto do seu solo é o gaúcho. Atrasado e incivilizado, Sarmiento o via como um grave problema para a Argentina. Este ser, além de não se preocupar em seguir os exemplos das pessoas civilizadas, de não se preocupar com a aparência ou em se portar bem, zombava daqueles que se vestiam à européia e que cultivavam hábitos louváveis aos homens civilizados.

Explicava Sarmiento que isso acontecia porque a vida no campo desenvolvia suas faculdades físicas: a destreza na luta, a força no combate, a coragem para manejar a faca contra o inimigo. Porém, não desenvolvia suas faculdades intelectuais. Na representação sarmientina, ele aparece como um ser desprovido de qualquer inteligência e dirigido pura e simplesmente pelo instinto e pela necessidade de sobrevivência em um meio no qual não poderia agir de maneira diferente.

Como visto, a sociedade surgia como condição para o desenvolvimento dos bons costumes, da justiça corretamente aplicada, do império das leis e da educação. A natureza era vista como o lugar onde predominava a força bruta. Sendo o gaúcho formado pela natureza e pela falta de sociedade, como dizia Sarmiento, ele não poderia ajudar a construir uma república virtuosa.

O cavalo lhe era parte indispensável, tendo para ele a mesma função que tinha a gravata para o homem da cidade. Mostrava destreza na montaria. Prezando pela força física e pela valentia, envolvia-se em constantes brigas, cuja arma utilizada nas demonstrações de força era a reluzente faca. Orgulhoso de si, seu objetivo era afirmar suas habilidades diante dos expectadores que assistiam ao “espetáculo da barbárie”

Sarmiento apresentou quatro tipos de gaúchos. O *rastreador*, o mais notável e extraordinário; “é um personagem grave, circunspeto, cujas asseverações fazem fé nos tribunais inferiores”⁴⁹. Possuía a capacidade de seguir durante dias os rastros daqueles que tinham cometido alguma espécie de crime. Havendo um roubo à noite,

⁴⁹ SARMIENTO, D. F. **Facundo: civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.91.

se achavam a pegada, logo a cobriam, pois ela significa a prisão do ladrão. Vendo-a, era certo que o rastreador o encontraria.

O *vaqueano* era um tipo discreto, que conhecia palmo a palmo as montanhas, as matas e as planícies; era o mapa dos caudilhos. Tinha a capacidade de anunciar a distância em que os inimigos se encontravam e quantos eles eram; a distância de um território a outro, e quantos dias seriam necessários para se chegar a um determinado lugar. Os sons e movimentos dos animais, a poeira e outros indicativos mais lhe permitiam saber se havia inimigos escondidos.

Tendo aversão ao convívio social, o *gaúcho mal* vivia uma vida solitária – o que na verdade é uma característica de todos – e dada às aventuras, às lutas de faca, tentando provar sua destreza no combate. Não temia o desafio; tirava sua faca e buscava incansavelmente atingir seu oponente, não com o intuito de matá-lo, e sim de apenas feri-lo e, conseqüentemente, mostrar sua habilidade a todos que contemplavam o espetáculo que lhes proporcionava a barbárie.

Por fim, aparecia o *cantor*, o “próprio bardo, o trovador da Idade Média”; não tinha residência fixa, andava pelos botequins – ponto de encontro da gauchada valente, ignorante, livre e desocupada – a cantar as aventuras e desventuras dos gaúchos pelos pampas argentinos.

Apesar de Sarmiento ter caracterizado quatro tipos, deixava transparecer, em Facundo, que os contornos apresentados não eram tão exatos. Os gaúchos, de uma maneira geral, acabavam reunindo todas as características que descreveu, sendo Juan Facundo Quiroga seu modelo ideal. É do meio deles que saíam os caudilhos e aqueles que serviam nas fileiras de seus exércitos, as chamadas *montoneras*.

Se for verdade que o gaúcho, devido às suas características, foi de grande importância para a libertar a Argentina do jugo da Espanha, não é menos verdade que, devido a essas mesmas características, não se poderia constituir num cidadão da república. Ao contrário, ele era visto como um entrave e uma ameaça à civilização.

1.2 – Maldita herança

Sarmiento defendia a idéia de que, durante os anos de colonização, a Espanha imprimiu muitas características suas sobre a América. Esse continente ainda se ressentia dos males que ela provocou, mesmo tendo-se emancipado do seu jugo político. A Revolução cumpriu uma etapa da história argentina, abrindo caminho para outra: agora a luta passava a ser contra barbárie dos campos, dos selvagens e dessa “desgraçada” herança que fora legada pela colonização.

“A revolução na América do Sul foi uma ruptura que abriu caminho ao drama histórico”. A independência argentina não foi marcada por um passado venturoso como foi o da revolução da América do Norte; não teve história para recuperar. Partia, pois, da total negação da cultura que lhe deu origem⁵⁰.

Assim, a Espanha foi representada como uma nação atrasada, arcaica, medieval. Em vários momentos, Sarmiento recorreu a essas imagens. Esse atraso se estendeu às colônias americanas, que, por séculos, viram-se privadas de qualquer desenvolvimento intelectual. Daí que a Espanha vencida, ainda continuava a assombrar a Argentina. Grande parte dos males que ele constatava no seu presente resultava da herança que fora legada pela colonização.

Essa herança fora tão perniciosa que não permitiu aos argentinos utilizar os caudalosos rios que possuíam, um presente da Providência; eles não souberam aproveitar aquilo que, para Sarmiento, era a causa do engrandecimento do Egito e da Holanda e do desenvolvimento da América do Norte.

Da mesma forma, eles poderiam propiciar o engrandecimento dos argentinos. Facilitariam a integração do território e o desenvolvimento do comércio interno e externo. Permitiriam que os avanços do mundo civilizado chegassem aos rincões do seu país. Em suma, eles seriam de grande importância para difusão da cultura e da

⁵⁰ BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana**: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo. Buenos Aires: Sudamericana, 1997, p. 263-265.

civilização para as diversas províncias. Se bem aproveitados, seriam de grande utilidade.

Todavia, todo esse potencial fluvial não foi utilizado pelos argentinos. Esse desperdício se deu porque os colonizadores, descendentes de espanhóis, detestavam a navegação e, por conseguinte, não legaram aos argentinos tal arte, que lhes seria de grande importância⁵¹. Um dos poucos aspectos positivos da natureza Argentina não foi satisfatoriamente utilizado em prol do seu engrandecimento, do seu desenvolvimento. A culpa recaía sobre o legado da colonização.

Essa idéia negativa da Espanha, Sarmiento já possuía mesmo antes de visitá-la. Quando viajou por esse país, mais do que conhecer, ele confirmava. Seu interesse não era investigá-lo, fazer uma análise das suas características intelectuais, econômicas políticas ou sociais. Como mostra Santiago Kovadloff⁵², muito antes de visitar a península, a Espanha já estava em Sarmiento, que a considerava uma nação onde a civilização retrocedeu. Que havia se desenvolvido apenas até o século XV. Depois disso, caíra na estagnação. Diante das outras nações da Europa, a Espanha ficava para trás, vendo, cada vez mais longe, as costas do continente.

Houve, segundo ele, um avanço das forças primitivas sobre a cidade, que se deteriorava constantemente. Córdoba, cujo esplendor encantava o mundo antigo, estava em decadência.

[...] La mas desamparada de las ciudades que han sido i no son nada. La patria de Sêneca, el último asilo de los pompeyanos, la corte de los musulimes, lora todos los días tanta gloria e abatimiento tanto(...). Qué triste es una ciudad muerta, que fué reina i la vemos mendiga i cubierta de harapos e de lepra!⁵³

Toda glória atingida durante os tempos do império romano e mesmo da dominação árabe; todo avanço cultural e científico de outrora; todos os monumentos que a

⁵¹ SARMIENTO, D. F. **Facundo: civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.53.

⁵² KOVADLOFF, Santiago. España em Sarmiento. La herencia colonial y su influjo en la organizaci3n de la Argentina independiente. In: SARMIENTO, D. F; FERNÁNDEZ, Javier. **Viajes por Europa, África i América: 1845-1847**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996, p. 759-789.

⁵³ SARMIENTO, D. F; FERNÁNDEZ, Javier. **Viajes por Europa, África i América: 1845-1847**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996, p.162.

embelezavam já não existiam mais. Avançou sobre suas belas alamedas uma negra sombra, que apagou todas as belezas que encantavam os viajantes.

A Espanha deveria ser colonizada. Dever-se-ia seguir o caminho inverso. Deveria ser colonizada, evidentemente, pela América do Norte. Os Estados Unidos eram o modelo ideal. Diante do seu desenvolvimento intelectual e político, a antiga metrópole sucumbia.

[...] Consuélenos, empero, la idea de que estos demócratas son hoy en la tierra los que mas en camino van de hallar la incógnita que dará la solución política que buscan a oscuras los povos cristianos, tropezando, en la monarquía como en Europa, o atajados por el despotismo brutal como en nuestra pobre patria⁵⁴.

Nada do que viu o impressionou verdadeiramente. A visão que construía acerca da antiga metrópole prescindia a experiência. Seu objetivo não foi saber como era a Espanha, não foi investigar e descobrir o inesperado, não foi entendê-la. Sua viagem atendeu, segundo Kovadloff⁵⁵ a um anelo de corroboração. Assim também o destaca Shumway, dizendo que sua viagem à Espanha não fez mais que confirmar sua idéia de que ela era bárbara, devendo o seu legado ser execrado⁵⁶. Sarmiento apenas ratificou sua explicação dos males que três séculos de colonização causaram à América, particularmente, à Argentina.

Para Sarmiento, ainda de acordo com Kovadloff, as descrições de viagem não deviam mais se ater às apaixonadas descrições das deslumbrantes paisagens. O observador moderno deveria partir de outro enfoque, em consonância com o mandato ideológico fundamental de deixar atrás o atraso e conquistar o progresso geral. O relato romântico que escritores da Europa culta faziam, que concebia como paradisíacas as paisagens primitivas, já não era mais útil.

Suas cartas deveriam atestar os dilemas do presente. Assim, em seus relatos de viagem, ele apresentava os Estados Unidos como a vanguarda político-econômica do século XIX. Já a Europa, a vanguarda cultural, científica e estética, apesar de lhe

⁵⁴ SARMIENTO, D. F; FERNÁNDEZ, Javier. **Viajes por Europa, Africa i América: 1845-1847**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996, p.291.

⁵⁵ KOVADLOFF, 1996, p.761.

⁵⁶ SHUMWAY, 1993, p.155.

ter causado algumas desilusões, principalmente, a França, que acalentava seus sonhos. Ao se deparar com o embrutecimento e a pobreza convivendo com o saber e a opulência, desiluiu-se⁵⁷. Mesmo assim, o velho continente tinha muito a apresentar. Porém, a Espanha não. Ela representava a encarnação do anacronismo; um enclave medieval entre os povos modernos.

As duas décadas, de 1830 a 1840, atormentaram-no. Seu principal inimigo, o rosismo, dominava a Argentina. Em grande parte, este era resultado da herança espanhola, que ainda não havia sido erradicada da Argentina. Quase quatro décadas depois de escrever *Viajes*, quando escreveria *Conflicto y Armonias* ainda veria essa herança entavando o desenvolvimento argentino.

Ele trabalhava, então, com a idéia de que seu país não fora totalmente emancipado. As referidas guerras civis, o rosismo e sua ditadura, a preeminência tenaz do sectarismo religioso e do fanatismo político sobre o espírito laico e liberal indicavam a Sarmiento, com penosa eloquência, que a mentalidade espanhola ainda governava o proceder geral dos argentinos⁵⁸.

Assim como os espanhóis, os argentinos eram marcados pela resistência e pelo temor ao amor pelo progresso. Os caudilhos eram representantes dessa mentalidade – e também de uma concepção de país que era eco da Espanha –, que se contrapunha ao projeto de Sarmiento e dos liberais, que apregoavam a supremacia de Buenos Aires, com suas aspirações transformadoras e progressistas. O fim da guerra contra a Espanha, como visto, foi o início de outra guerra: civilização contra barbárie.

Para Sarmiento era necessário, antes de tudo, conciliar o homem argentino com a idéia de progresso. Era necessário superar uma mentalidade arraigada há mais de trezentos anos; superar uma sociedade atomizada, pastoril e avessa ao progresso geral, cujas raízes estavam na nação espanhola. Esta era a causa dos regimes retrógrados dos argentinos⁵⁹.

⁵⁷ BOTANA, 1997, p.286.

⁵⁸ KOVADLOFF, 1996, p.768.

⁵⁹ Ibid., p.770.

Na concepção de Sarmiento, ao se oporem ao projeto centralista de Buenos Aires, as províncias mostravam o quanto a mentalidade feudal de suas origens se lhe estava arraigada. A nova mentalidade (que impulsionava a independência e a conformação de Estados nacionais autônomos) partia da formação excepcional, porém isolada, de alguns indivíduos e algumas regiões do país. Evidentemente, ele era um desses indivíduos. Apesar de todos os impedimentos ao florescimento das idéias, defendia que algumas pessoas conseguiram ter contato com o que se estava produzindo de novo nas regiões mais livres do mundo.

A Espanha, vanguarda do século XV, via-se imobilizada em fins do século XVI, segundo afirma. Essa imobilidade resultou de uma luta intersticial e interprovincial na qual o espírito progressista se viu esfacelado pelo avassalamento militar levado a cabo por um cristianismo fanatizado. Foi essa Espanha que fundou a pátria de Sarmiento. Quando a Argentina se emancipou dela, não se emancipou da imobilidade que ela deixara em seus alicerces e dos costumes que enraizou na vida argentina. Esse passado estático continuou impregnado na república. A Espanha do século XIX era a mesma do século XVI:

[...] Se yo hubiera viajado en España en el siglo XVI, mi ojos na habrian visto otra cosa que lo que ahora ven; lo conozco en el color de la piedra de los edificios, en la clase de ocupaciones del pueblo, en el vestido eterno i peleado con el agua que lleva, en la falta de todo accidente que indique el menor cambio debido a los progresos de las artes o de las ciencias modernas(...) ⁶⁰.

Esta é a Espanha que ele vê:

[...] Cien ciudades interiores, Toledo, Burgos, son montones de ruínas. Córdoba tiene um centésimo de la población que sus muralhas encerraban en tiempo de los árabes, i un décimo de la que contaba cuando era romana.
 Ninguna ciudad nueva se há levantado; ninguna villa se há hecho ciudad.
 Ninguna industria se há introducido en tres siglos[...].
 No hai marina nacional.
 No hai caminos sino dos grandes vias.
 No hai educación popular ⁶¹.

⁶⁰ SARMIENTO, D. F; FERNÁNDEZ, Javier. **Viajes por Europa, Africa i América: 1845-1847**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996, p.166.

⁶¹ Ibid., p.166.

Essa nação aparecia totalmente desprovida de todos os meios que Sarmiento considerava necessários para o desenvolvimento civilizacional. Suas cidades estavam mais despovoadas do que nos tempos áureos dos romanos e árabes, quando a Espanha, a despeito de outras regiões da Europa, avançava nos campos econômico, intelectual, social e cultural. Não havia indústria nem educação e a imprensa estava em decadência, assim como as cidades. Esse estado de paralisação durou mais de trezentos anos, e foi legado à América.

A civilização industrial era a referência que Sarmiento tomava para indagar sua própria realidade americana e argentina. Contrastava-a com a realidade dos Estados Unidos – especialmente os estados nortistas da costa leste –, desenvolvidos, civilizados e representantes do avanço. Por sua vez, a Argentina, marcada pela cultura pastoril e pelo caudilhismo, sem indústria e comércio, tão caros ao progresso, era a representação do atraso. Além disso, havia a fragmentação e o isolamento, males que assolam o país. Esse prognóstico resultava de tal contraste.

Essa foi a Espanha que Sarmiento visitou na década de 1840, a mesma do século XVI, sem nenhuma alteração para melhor, sem nenhuma mobilidade, sem nenhuma transformação na mentalidade; inculta, atrasada, medieval, estagnada. É essa a visão da mãe pátria que aparece em *Viajes*. Sarmiento mudou sua concepção sobre a antiga metrópole? Não. Sua visão continuou a mesma.

Isso fica claro no seu livro *Conflicto y Armonías*, onde dedicou várias páginas a analisar o papel da colonização espanhola, o que também fez em *Viajes*. Contudo, no livro de 1883, ele tenta sistematizar sua explicação. É uma obra que se propôs mais erudita e à par das mais novas teorias que se produzia na Europa, Sarmiento tentara explicar, cientificamente, o papel das raças na formação política dos argentinos⁶². Contudo, essa obra será trabalhada no último capítulo.

Outro grave empecilho residia na presença dos “selvagens”, os índios que habitavam a Argentina. Para Sarmiento, esses eram os seres menos desenvolvidos. Numa hierarquia das raças, eles ocupavam a posição mais baixa. Não tinham a

⁶² BOTANA, 1997, p.431.

capacidade de se civilizar, mesmo sob coerção e com a educação. Eles tinham parado no tempo, eram pré-históricos. Desde *Facundo*, Sarmiento os considerava inferiores. Essa visão também aparece com muita força em *El Chacho*.

O grande problema deles não estava só na inaptidão para se civilizar, mas também na influência cultural e racial que tiveram sobre os habitantes do campo. Em *EL Chacho* fica muito clara a influência cultural e em *Conflicto*, a influência genética. Para Sarmiento, no contato com os indígenas e na mescla deles com outras raças, foram suas características que predominaram, todas elas perniciosas à construção de uma república virtuosa. Contudo, a questão indígena não será tratada neste capítulo. Como o último capítulo fora destinado a *Conflicto y Armonías*, e é nele que Sarmiento tenta provar cientificamente a inferioridade dos índios, a visão de Sarmiento sobre estes será apresentada no final da dissertação. No entanto, esses parágrafos são importantes para destacar a apreciação negativa que fazia deles.

O capítulo seguinte trata das propostas de Sarmiento para acabar com a barbárie que assolava a Argentina. Dentre suas propostas, destacam-se a imigração e a educação. Tanto uma como outra serviriam aos propósitos de fundar uma Argentina civilizada, calcada na participação ativa dos cidadãos na vida política. Essas reformas deveriam ser conduzidas pelo Estado. É a idéia apresentada na introdução sobre o papel do Estado na condução das reformas americanistas, o que caracteriza o paradoxo do americanismo em Sarmiento.

Foi demonstrado acima que a Argentina não teve a mesma origem virtuosa que tiveram os Estados Unidos, de acordo com Tocqueville. Destaca Marcelo Gantus Jasmin que havia dois argumentos centrais em relação às origens dessa nação. O primeiro diz respeito às circunstâncias físicas encontradas pelos colonizadores puritanos, como o tamanho do território e o fato de não existirem inimigos que poderiam fazer-lhes guerra, produtos isso do acaso. O segundo – ainda mais importante – se expressa na idéia de *punto de partida*, que reuniu o espírito de liberdade e o espírito de religião já presentes na Inglaterra⁶³.

⁶³ JASMIN, Marcelo Gantus. **Alexis de Tocqueville**: a historiografia como ciência da política. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG: IUPERJ, 2005, p.152-153.

A configuração geográfica parecia ter sido providencialmente preparada para o surgimento de uma grande nação. Tocqueville descreveu os indígenas que habitavam as florestas da América do Norte. Afirmava que eles eram diferentes de todas as raças do Velho Mundo: não tinham noções de Bem e Mal. Não se encontravam entre eles os efeitos do contraste de condições. Eram ignorantes e pobres, mas também livres e iguais. Depois de destacar-lhes as características, Tocqueville afirma que os lugares que habitavam constituíam imensos desertos, pois eles não possuíam a terra, apenas a ocupavam. Faz isso tudo para demonstrar que, apesar de a América do Norte ter sido habitada por grupos humanos, não eram esses que a levariam ao desenvolvimento que se viu.

[...] A ruína desses povos começou no mesmo dia em que os europeus aportaram às suas costas; desde então, continuou sempre; acaba de se efetivar em nossos dias. A Providência, colocando-os em meio às riquezas do Novo Mundo, parecia só lhes ter dado dela um curto usufruto; de certa forma, achavam-se ali apenas esperando. Aquelas costas, tão bem preparadas para o comércio e a indústria, aqueles rios tão profundos, aquele vale inesgotável do Mississipi, todo aquele continente, pareciam ser então o berço vazio de uma grande nação⁶⁴.

O segundo argumento resultará em dois princípios fundamentais: a igualdade entre os puritanos ingleses e a liberdade que obtiveram. Ao analisar a democracia americana, sempre padrão de comparação para Sarmiento, Tocqueville considerou muito importante para compreendê-la a investigação das suas origens. Segundo informa em *A Democracia na América*, “os povos guardam sempre as marcas da sua origem. As circunstâncias que acompanharam seu nascimento e serviram ao seu desenvolvimento influem sobre todo o resto da sua existência”⁶⁵. Os Estados Unidos aparecem como o lugar privilegiado para essa análise: “a América é o único país onde se pode assistir ao crescimento natural e tranquilo de uma sociedade e no qual foi possível distinguir precisamente a influência exercida pela origem sobre o futuro dos Estados”⁶⁶.

Assim, a formação virtuosa da sociedade e da democracia americanas se revela no estudo das suas origens:

⁶⁴ TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. 4.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1998, p.29.

⁶⁵ TOCQUEVILLE, 1998,p.29.

⁶⁶ Ibid., p.30.

[...] Quando, depois de termos atentamente estudado a história da América, examinamos com cuidado o seu estado político e social, sentimo-nos profundamente convencidos desta verdade: não há sequer uma opinião, sequer um hábito, sequer uma lei, poderia dizer mesmo sequer um acontecimento, que não possa ser explicado sem dificuldade pela origem do povo⁶⁷.

Tendo por base esse princípio, ele passa à investigação da origem da formação social americana, que se deu de maneira diferente no Norte e no Sul. Nesta parte do território americano, aportaram homens ávidos por encontrar ouro. Eles não tinham nem recursos nem uma conduta moral aceitável. Posteriormente, chegaram os artífices e os cultivadores, superiores àqueles, contudo em quase nada mais elevados que as classes inferiores da Inglaterra. “Nenhum pensamento nobre, nenhuma combinação imaterial presidiu à fundação das novas colônias”⁶⁸. Acrescenta-se a esse quadro a escravidão, cuja obra era a desonra do trabalho, a ociosidade, a pobreza, o luxo e vários outros vícios.

Em relação às colônias inglesas do Norte, “mais conhecidas sob o nome de Estados da Nova Inglaterra”, ele dizia que combinaram as idéias principais que constituíram a teoria social dos Estados Unidos da sua época. Sua formação fora algo único e original. Diferente da maioria das colônias, cujos primeiros habitantes geralmente eram homens sem educação e sem recursos, que para elas foram impelidos pela necessidade,

[...] os imigrantes que se foram estabelecer nas praias da Nova Inglaterra pertenciam todos às classes independentes da metrópole. A sua reunião em solo americano apresentou, desde o início, o fenômeno singular de uma sociedade na qual não se encontravam nem grandes senhores, nem povo, nem, por assim dizer, pobres ou ricos [...]. Todos, sem exceção de um sequer, tinham recebido uma educação bastante avançada; e vários dentre eles se tinham feito conhecer na Europa pelos seus talentos e pela sua ciência⁶⁹.

Além desse estado de igualdade, tanto no que se refere à classe quanto no que tange à educação, esses imigrantes se destacavam pela sua ordem e moralidade. Não foram sós para o novo mundo; levaram consigo mulher e filhos. Quando decidiram emigrar da Inglaterra não o fizeram porque foram impulsionados pela necessidade material, como os outros, e sim por um imperativo intelectual.

⁶⁷ TOCQUEVILLE, 1998, p.30.

⁶⁸ Ibid., p.32.

⁶⁹ Ibid., p.33.

“Expondo-se às misérias inevitáveis do exílio, desejavam fazer triunfar uma idéia”⁷⁰. Fugindo às perseguições, esses puritanos queriam encontrar um lugar onde pudessem adorar ao seu Deus em liberdade.

Esses imigrantes educados, dotados de moralidade, imbuídos de um ideal de ordem, impulsionados, não pelas necessidades materiais, mas pelas exigências da consciência e dispostos a fundar, em liberdade, uma sociedade onde pudessem viver de acordo com os preceitos da sua religião (a idéia que deveria triunfar), foram os que se instalaram na Nova Inglaterra.

Percebem-se, nisso que fora apresentado, dois princípios fundamentais que se uniram para original formação social dos Estados Unidos: a igualdade entre os imigrantes (social, moral e religiosa) e a liberdade que encontraram nessas terras (poderiam governar por si mesmos, desde que não contrariassem as leis da coroa) para se autogovernarem erigindo leis de acordo com aquilo que pensavam ser a vontade de seu Deus. A liberdade permitiu-lhes constituir o *corpus* jurídico sob o qual viveriam. Como todos partiram de um estado de igualdade, todos participaram da elaboração dessas leis e das prescrições de punição para aqueles que as desrespeitassem.

Segundo Tocqueville, muitas leis tratavam alguns temas com uma severidade tal que a punição era a pena de morte: o adultério é um exemplo. Porém, chama a atenção para o fato de que elas não foram impostas, e sim instituídas com a anuência de todos⁷¹. Assim sendo, ele pretendeu, ao descrever esse processo, chamar a atenção para a forma de auto-organização elaborada pelos colonos, a qual não seria da maneira que foi se não concorressem para isso aqueles dois princípios. As leis poderiam até ser “estranhas e tirânicas”, contudo surgiram do livre concurso dos interessados, num estado de igualdade e liberdade.

Essa origem ímpar e virtuosa, como já observado, foi característica do Norte. O Sul teve outra origem, bem menos virtuosa e singular. Contribuindo ainda mais para a deterioração da formação sulista, apareceu a escravidão. A despeito dessa distância

⁷⁰ TOCQUEVILLE, 1998, p.33.

⁷¹ Ibid., p.39.

na origem da formação social americana, segundo Tocqueville, o modelo de sociedade surgido no Norte aos poucos se irradiou para as outras partes dos Estados Unidos. Foi ele que deu o caráter da civilização americana do século XIX, que tanto encantou Sarmiento.

Leitor e admirador de Tocqueville, Sarmiento compreendia a impossibilidade, devido à origem que teve, de a Argentina seguir o exemplo norte-americano sem a ação forte do Estado. É verdade que tinha o sonho de “transplantar a república de Story e Tocqueville – espejo de la virtud contenida en el municipio”. Porém, a realidade das guerras civis, do caudilhismo e das raças inferiores que habitavam a Argentina fazia surgir um Sarmiento “dispuesto a imponer orden y estado de sitio, organizador de ejércitos profesionales, que veinte años más tarde justificaria una república fuerte com el auxilio de Thiers e de Taine”⁷².

Assim, acreditava que as reformas que levariam a Argentina ao progresso civilizacional só se realizariam eficazmente por meio da ação estatal. O americanismo negava sua essência ao postular que o Estado deveria conduzir as reformas. Apesar de considerar a importância da instância municipal, não se poderia dar poder aos municípios. A barbárie das províncias do interior deveria ser contida. Para tanto, Buenos Aires deveria se impor às demais províncias. Entende-se, a partir disso, a posição que tomara no conflito entre a cidade porto e a Confederação, após o fim do rosismo.

⁷² BOTANA, 1997, p.339.

2. SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS ARGENTINOS

“Escrever, nesse mundo, era dar forma ao sonho modernizador; era civilizar, ordenar o sem sentido da barbárie americana”.

Julio Ramos, Desencontros da modernidade na América Latina

“Homens assim enfrentam grandes dificuldades, defrontando-se em seu caminho com perigos que precisam ser superados com a virtú”.

Maquiavel, O Príncipe

2.1 – A Imigração

No volume XXIII da obra completa de Sarmiento, intitulado *Imigración y Colonización*, aparecem vários artigos em periódicos chilenos que tratam desse tema tão caro ao seu projeto civilizacional. Nesses artigos, Sarmiento destaca a importância da imigração como medida necessária ao progresso material e moral da Argentina, defende uma política bem estruturada para incentivá-la, opõe-se aos adversários da imigração e salienta a capacidade dos europeus do norte, destacando os suíços e os alemães, o que também faz em *Viajes*. Além disso, propõe o estabelecimento de colônias para os imigrantes e a concessão das liberdades civil e política para eles.

Nas páginas do *El Progreso de Chile*, em 1945, ele atacou aquilo que chamou de espírito colonial, caracterizado pela aversão ao estrangeiro. Para Sarmiento, essa hostilidade a outros povos prejudicaria as nações da América do Sul, uma vez que impedira a imigração. O espírito colonial era uma herança espanhola. Na luta contra os maometanos, exasperou-se o sentimento nacional. Os espanhóis de ascendência árabe e judia foram expulsos da península ibérica. Ou seja, a Reconquista gerou um amor à pátria degenerado em uma paixão brutal, que hostilizava o gênero humano.

Quando independentes os países americanos e expulsos os espanhóis, os hábitos e a educação espanhola permaneceram⁷³. Os países, agora libertos do jugo político da Espanha, não se poderiam deixar levar por essa paixão, como estava acontecendo com a Nicarágua. No seu ponto de vista, as leis nicaragüenses contra os estrangeiros nada mais eram do que a clara e maléfica manifestação do espírito colonial.

Abandonar a ojeriza aos estrangeiros, inculcada pela bárbara Espanha, era o primeiro passo para atrair à América a necessária indústria estrangeira⁷⁴. Deveriam ser criadas também condições favoráveis à entrada e à permanência deles em solo americano, povoando-o e o desenvolvendo: dar-lhes segurança, probabilidades de bem-estar, liberdades e direitos (civis e políticos). Ou seja, criar uma política bem estruturada de incentivo à imigração, beneficiando os estrangeiros, de modo que eles se sentissem atraídos pelas propostas das nações americanas.

[...] Para llamar a América la industria europea, era necesario atraer a los extranjeros, darles seguridad, probabilidades de bienestar y sobre todo, interesarlos en poblar nuestro solo, en permanecer entre nosotros. Con este fin, se le ha concedido en algunas partes libertad de culto, como una necesidad de su existencia, pues la libertad de cultos es completamente indiferente para los nacionales; y para este fin, era necesario quitar toda traba a los matrimonios mixtos y todo obstáculo a la aclimatación de los extranjeros, con el objetivo de doblar rápidamente nuestra población y de introducir medios industriales de enriquecernos, para presentarnos un día ante las naciones de mundo, ricos e cultos, y por lo tanto, dignos de respeto⁷⁵.

Para se apresentar próspera diante das nações do mundo, era fundamental a imigração, devendo esta ser incentivada. A América, de uma maneira geral, e particularmente a Argentina, eram pouco povoadas. É importante lembrar que Sarmiento via os pampas argentinos como imensos desertos assolados pelos selvagens. Esses desertos deveriam ser habitados por pessoas industriosas,

⁷³ Essa idéia é recorrente em Sarmiento e nos membros da Geração de 37. Todos eles acreditavam que a Espanha, mesmo vencida, continuava a assombrar a América com seus hábitos e educação que, durante três séculos, deixaram um legado de atraso e barbárie.

⁷⁴ Quando fala em indústria estrangeira, nos industriais estrangeiros ou em hábitos industriais, ele se refere à capacidade de desenvolver formas de dominar a natureza e contribuir para o progresso. Não pensava especificamente na industrialização da Argentina e dos outros países sul-americanos. Prova disso é que os hábitos industriais, que acreditava que os europeus do norte possuíam, seriam fundamentais, inclusive no campo, para o desenvolvimento da agricultura, sobretudo a partir das pequenas e médias propriedades.

⁷⁵ SARMIENTO, D. F. Teorías Godas. In: _____. **Obras completas**: Inmigración y Colonización. Buenos Aires: Editorial Luz Del Dia, 1951. Tomo XXIII, p.13.

capazes de contribuir para o progresso da nação, como ocorria nos Estados Unidos, que possuíam uma grande população e uma indústria de destaque. Esse país, aliás, acostumado com as liberdades, favoreceu sobremaneira a entrada de estrangeiros, criando as condições expostas acima, consideradas essenciais ao movimento imigratório que para lá se dirigiu.

O fragmento abaixo permite entender, de acordo com Sarmiento, como os estadunidenses colocaram em prática uma eficaz política de incentivo à imigração e os benéficos resultados que produziu.

[...] En primer lugar aseguró para sus hijos e para los hijos de los extranjeros el respeto a la propiedad y la inviolabilidad de las personas; tenía ya asegurado a nacionales y extranjeros la libertad de obrar, la de pensar y la de crear, libertades que son la gloria del siglo presente y el goce más caro al hombre civilizado. No contenta con esto, la ley política se olvidó averiguar dónde habían nacido los hombres, y sólo quiso cerciorarse del lugar donde estaban, para llamar-los a tomar parte en el gobierno. Las constituciones norteamericanas no ponen término de residencia a los extranjeros, no lo ponen en cuarentena como nuestras constituciones españolas y mucho menos le piden que haga declaración de su voluntad de resistir, ni permiso a su soberano en Europa para establecerse en la Unión. Puesto que es hombre, las leyes son para él en Norte América, como la atmosfera en la tierra, indiferentemente las mismas para nacionales y extranjeros⁷⁶.

Essas condições favoráveis permitiram que um enorme contingente humano se dirigisse para lá e ajudasse a construir “uno de los primeros pueblos de la tierra”⁷⁷. O resultado não poderia ser outro senão o progresso e o engrandecimento da nação.

[...] Los resultados no se han hecho esperar; cada año se levanta un Estado nuevo y queda preparándose un Territorio; los extranjeros han acudido de todas partes por centenares de miles anualmente, llevando industria, brazos, capitales y la fuerza que es la consecuencia necesaria para un Estado⁷⁸.

Ao destacar o papel da imigração, Sarmiento buscava convencer não só as autoridades políticas da sua importância, mas também a opinião pública. Esse convencimento era necessário para se criar um consenso em torno da necessidade de uma política de incentivo à imigração. Seria, pois, o primeiro passo para sua realização.

⁷⁶ SARMIENTO, D. F. Derecho de Ciudadanía. In:_____. **Obras completas**: Inmigración y Colonización. Buenos Aires: Editorial Luz Del Día, 1951. Tomo XXIII, p.25.

⁷⁷ Ibid., p.25.

⁷⁸ Ibid., p.25.

Em relação aos estrangeiros que deveriam ser estimulados a emigrar para a Argentina, a preferência era pelos europeus do norte, com destaque para suíços e alemães, considerados os mais industriais e, por conseguinte, os mais capazes de transmitir seus hábitos aos argentinos. Ao passar pela Suíça e pela Alemanha, Sarmiento se encantou com os hábitos desses povos, crendo-os mais capazes de contribuir para o desenvolvimento civilizacional da América do que os italianos e os espanhóis, que migraram em massa para a Argentina⁷⁹.

Quando da sua viagem ao exterior, abriu-se diante de Sarmiento a possibilidade de se construir uma nação democrática. Principalmente porque o contraste da Europa com os Estados Unidos mostrou que, em diversas partes do Velho Continente, ainda existiam sobrevivências do Antigo Regime. Na França, isso ficara mais patente, sendo também uma grande decepção. A imagem da França criada pela fascinação que as obras de Michelet, Lamartine, Blanc e Gioberti lhe causaram, viu-se solapada no momento em que a realidade escancarava uma sociedade do Antigo Regime tão sólida como radicalmente desigual⁸⁰. Ainda era marcada pelo privilégio e pela desigualdade. Esplendor e riqueza conviviam, tristemente, com a penúria da maior parte da população.

Na Europa, a única república que ele disse que realmente encontrou foi a Suíça⁸¹, nação com a qual se encantara. Quando criou o seu arquétipo de uma república baseada na virtude do cidadão, em grande parte, tinha a Suíça como um exemplo. Até a natureza dessa região o deixara extasiado. Chegou a comparar suas belezas naturais com as artes da Itália, talvez a única coisa boa que esse país tinha a

⁷⁹ Vale destacar que não fora somente a visita a essas regiões que moldara sua visão sobre a capacidade desses povos. Na verdade, ele constatara algo que já pensava: que os europeus do norte eram superiores aos do Sul. Além disso, como será demonstrado no último capítulo, Sarmiento aperfeiçoou, ao longo da sua trajetória intelectual, a idéia das diferenças entre as raças. Num primeiro momento, ele não teve a preocupação de provar isso cientificamente, o que mudou no período final da sua vida, quando tentou reunir elementos científicos – na verdade, pseudocientíficos – com o intuito de demonstrar a inferioridade das raças que formaram a Argentina: espanhóis, negros e índios. De acordo com sua escala, do mais desenvolvido ao menos, estavam os europeus do norte, os do sul, os negros e os índios. Sua desilusão, como será visto, deve-se ao fato de a Argentina ter sido formada por raças inferiores e pelo fracasso em estimular a imigração de elementos de civilização da Europa Setentrional. A maior parte dos imigrantes partiu das regiões menos avançadas da Europa. Assim, além da má formação racial da Argentina, não se dirigiram para seu país os indispensáveis imigrantes do norte europeu, que levariam consigo seus hábitos e costumes, capazes de transformar a barbárie dos campos.

⁸⁰ BOTANA, 1997, p.285.

⁸¹ Ibid., p.287.

oferecer. Regozijou-se com os prazeres que a observação dessas paisagens lhe permitiu.

[...] A Suiza es en bellezas naturales, Ud. Lo sabe, lo que en las artísticas es la Italia; aqui Dios directamente, allá el jenio del hombre, arroban el espíritu, o elevan e sacude con emociones a cada paso renovadas. Pero em Suiza, o que no sucede en Italia, se experimenta una grata sensación de vida, un placer íntimo que imprime ao semblante un sonreír continuo⁸².

Mais do que isso, encantou-lhe a capacidade que os suíços tinham para dominar essa natureza. Ou melhor, a natureza não aparece, nesse relato, como sendo selvagem, e sim domesticada. Parecia existir entre homem e natureza uma perfeita simbiose. Na Argentina, o meio era encarado de maneira completamente diversa da apresentada. Como visto, nesse país, ele engendrava o despotismo, enquanto na Suíça, a livre associação.

O homem ocupava todos os espaços, inclusive montanhas, pois forjou meios que lhe permitiam alcançar os mais altos montes. Isso mostrava a diferença em relação aos selvagens e aos gaúchos da América do Sul, os quais, embrutecidos e sem o necessário desenvolvimento intelectual, não tinham a mínima capacidade necessária para desenvolver meios que lhes permitissem ocupar de maneira racional os territórios nos quais só habitam. O relato sobre a Suíça além de apresentar um modelo a ser seguido, servia para desvelar, por intermédio do contraste, as debilidades da Argentina. Ou melhor, para dar-lhes mais precisão.

[...] Aqui la diligencia tirada por caballos, llega sin esfuerzo hasta el pé de las montañas nevadas; un viaducto salva aqui un precipicio espantoso; mas allá el vehículo se sepulta en una lobrega galeria que resguarda al viajero contra la caída de las avalanchas, haciéndola rodar sobre su ancha espalda; entre la ruda gragosidad de las quebradas, por sobre arroyos i barrancos se desenvuelve en mil contorsiones una calzada de granito de seis vara de ancho, i parapetada hácia el lado de los precipicios por un baluarte continuo de madera. Así, pues, obstáculos mayores acaso que los que presentan nuestras cordilleras, han sido allanados i sometidos por el poder intelijente de los gobiernos limítrofes⁸³.

Como seria importante ao progresso geral da Argentina esse tipo de inteligência, que ajudaria a desenvolvê-la de uma maneira tal que os seus elementos formadores

⁸² SARMIENTO, D. F; FERNÁNDEZ, Javier. **Viajes por Europa, Africa i América: 1845-1847**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996, p.273.

⁸³ *Ibid.*, p.275.

(índios, espanhóis e gaúchos) não teriam capacidade de fazê-lo. Por isso, ele apresentava a imigração como uma das principais, senão a principal, soluções para acabar com atraso argentino, para tirar a nação das trevas da barbárie na qual estava imersa.

Continuando sua viagem, ele seguiu em direção à Alemanha, uma outra realidade européia que iria agradá-lo muito e também teria grande influência sobre sua proposta de incentivar a imigração para povoar seu imenso e desértico país, tão sedento desses preciosos elementos de civilização.

Nas viagens que realizou pela África, Europa e América, ele esteve a serviço do governo chileno. Neste período, a Argentina estava sob o domínio de Rosas, e ele fora obrigado a se exilar. Então, quando escreveu sobre esses países e sobre a necessidade de incentivar a imigração, Sarmiento se referia ao Chile. Dizia o que este deveria fazer para aumentar o número de imigrantes que para lá deveriam se dirigir. Contudo, pode-se estender tal idéia para a Argentina. Quando fala da imigração, ele pensa que esta era uma solução para toda a América do Sul, particularmente sua pátria.

Novamente a América do Norte aparece como parâmetro⁸⁴. Vários números sobre o crescimento estadunidense na primeira metade do século XIX foram apresentados como resultado das correntes emigratórias alemãs que para lá se dirigiram, instalaram-se e ajudaram a aumentar a sua prosperidade. Para a desgraça da América do Sul, o deslocamento era essencialmente em direção ao norte do Trópico de Câncer. Da América do Sul, o que eles sabiam é que possuía febre amarela, animais peçonhentos, calor sufocante e guerras intermináveis. “Así, pues la América del Sur es en la creencia popular, el mito del mal, el reino de las tinieblas i de la muerte”⁸⁵.

Segundo Sarmiento, mais do que a necessidade, impulsionava-os um instinto da raça que, de tempos em tempos, despertava-se ativo e imperioso. Eram impelidos

⁸⁴ SARMIENTO, D. F; FERNÁNDEZ, Javier. **Viajes por Europa, Africa i América: 1845-1847**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996, p.283.

⁸⁵ Ibid., p.282.

por algo mais, que não a simples necessidade. Tentando provar essa idéia, ele fez um pequeno histórico do movimento dos alemães ao longo dos séculos, e conclui que, no século XIX, uma nova corrente estava em movimento. Porém, o caminho empreendido já se sabia.

Era necessário, então, criar condições favoráveis à imigração nos países localizados abaixo do Trópico de Câncer. O momento era oportuno, a corrente estava em marcha. O que faltava era mudar o seu rumo. Ante essa realidade imediata, aconselha o governo chileno a propiciar meios que incentivassem a mudança desse curso, também era isso que deveriam fazer os governos sul-americanos, e foi isso que fez durante a sua presidência (1868-1874).

Essa posição em relação à imigração européia, particularmente dos alemães e suíços, era compartilhada pela maior parte dos liberais latino-americanos. Na Argentina, a conhecida Geração de 1837 acalentava tal ideal, principalmente Alberdi, que divergia em relação a Sarmiento quanto ao papel do imigrante na política argentina. Houve um grande consenso em torno de um projeto modernizador que colocava o imigrante como peça fundamental de uma engrenagem defendida pelos liberais argentinos⁸⁶. No início do século XIX, não havia muita preocupação com a nacionalidade dos imigrantes, ou melhor, para usar o termo corrente, com a raça. Essa perspectiva mudou justamente com a Geração de 37⁸⁷.

Os dois pensavam na idéia de um transplante. Transplantar a Europa para a Argentina. Cada imigrante representava um pedaço desse continente. Eles trariam consigo a civilização. A América do Sul aparecia como caduca, colonial, humanista e letrada. A Europa do Norte, moderna, industrial e comercial. Essa mudança era condição necessária ao progresso da república. Eles apontavam para a necessidade de interligar o território por meio das estradas de ferro, desenvolvendo o comércio e a indústria.

⁸⁶ DONGHI, Tulio Halperin. ¿Para qué la inmigración? Ideología y política inmigratoria en la Argentina (1810-1914). In_____. **El espejo de la historia: problemas argentinos y perspectivas latinoamericanas**. 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1998, p.191.

⁸⁷ Ibid., p. 194-195.

Isso não se poderia realizar com os gaúchos, os índios e os descendentes de espanhóis. Deve-se lembrar que eles se referem aos europeus do norte quando falam em imigração⁸⁸. Estes é que eram industriais; tinham capacidade de desenvolver a nação. Ainda convergiam em relação ao papel central que eles teriam no desenvolvimento econômico. Os dois pensavam em indústria, comércio, estradas de ferro, navegação dos rios, aumento das exportações, progresso técnico, etc.

Divergiam, entretanto, quanto ao papel que deveriam ter na política argentina, e isso permite entender porque Sarmiento, mais do que o seu adversário intelectual, não via nos elementos que compunham a Argentina nenhuma contribuição, fosse ela política, econômica ou social.

Para o autor de *Facundo*, era necessário conceder liberdade política aos estrangeiros. Percebe-se aí a força da idéia de liberdade dos antigos, que apregoava ser livre o homem na medida em que participava da vida política da sua nação. Por sua vez, o autor de *Bases* propunha a limitação da participação política dos imigrantes. Dizia que era necessário conceder-lhes, num primeiro momento, somente a liberdade civil, o direito de se casar, iniciar empreendimentos comerciais, industriais e de transportes; agir livremente no que concerne aos seus desejos individuais, desde que estivessem de acordo com as leis. Contudo, dever-se-ia lhes vetar a participação na vida política⁸⁹.

Sarmiento pensava no imigrante, além de um indivíduo que ajudaria a desenvolver o progresso material, como um ser que ajudaria a Argentina a cumprir o ideal que acalentava de uma república baseada na virtude, onde os cidadãos ativamente participariam da vida política. Sua condição de cidadão pleno se daria no momento mesmo em que ele tomasse uma postura ativa na política.

A política imigratória era indissociável de uma política inteligente de terras públicas que garantisse aos imigrantes o acesso a terra. Pensava num desenvolvimento agrícola marcado pelas pequenas e médias propriedades. Assim, essa política era

⁸⁸ BOTANA, 1997, p.302-306.

⁸⁹ Ibid., p.308-317.

indispensável ao desenvolvimento dos potenciais do país. Desenvolver-se-ia a agricultura e a pecuária, como fica claro em *Educación Comun*⁹⁰. Aldeias e cidades seriam criadas. Os selvagens teriam seus domínios reduzidos e a produção de riquezas geradas pelos novos núcleos populacionais contribuiria para limitar a ação deles. Por essa razão, defendeu a política de terras em vários artigos publicados no *El Nacional* e por intermédio da atividade parlamentar, na Legislatura. Ela deveria ser conduzida pelo Estado⁹¹.

A maior parte das terras, ainda não exploradas, ficou nas mãos de poucos indivíduos poderosos. Os representantes destes atacaram suas idéias. Os grandes proprietários faziam e desfaziam candidatos para as legislaturas, dominavam a Imprensa, o Senado e o Exército. Sarmiento afirmou num artigo publicado no *El Nacional*, em maio de 1856, que esses indivíduos conseguiram as terras por meios injustos, agindo, dessa forma, contra o Estado, “a quien hombres que blasonan de honrados defraudan sin remordimiento por el contrabando o despojan por adquisiciones de bienes públicos, adquiridos por el favor”⁹².

Para acabar com esse mal, seria necessária uma forma eficaz de alienação desses bens públicos. Assim, defendia que as terras deveriam ser vendidas a um preço justo e acessível aos imigrantes.

[...] Insistiremos siempre sobre la necesidad de poner a su alcance [dos imigrantes], a precios fijos y cómodos, tierra, a fin de que puedan contar con su adquisición, por compraventa, único medio de adquirirla con aprovechamiento⁹³.

⁹⁰ Optei por trabalhar esse texto na próxima parte do capítulo. Porém, ele muito bem cabe nesse desenvolvimento sobre a imigração e a colonização. Nele, Sarmiento procurou, dentre outras coisas, demonstrar a necessidade de se criar escolas especializadas na formação de mão-de-obra qualificada e na produção de conhecimentos específicos para a agricultura e a pecuária. Tentava convencer os grandes proprietários de que lhes seria vantajoso abrir mão de parte das suas terras para a criação dessas escolas e para a colonização. Sua idéia era a de que essas escolas e as colônias fundadas permitiram um aumento substancial da produtividade. A agricultura, inclusive, subsidiaria o desenvolvimento da pecuária, atividade à qual eles se dedicavam. Logo, seus ganhos com a criação de gado aumentariam.

⁹¹ Tal ponto é importantíssimo para pensar o problema principal da presente dissertação – o paradoxo do americanismo de Sarmiento –, pois aparece a necessidade, segundo Sarmiento, da ação estatal na condução das reformas necessárias à construção da nação que desejava.

⁹² SARMIENTO, D. F. Deuda exterior: tierras públicas. In:_____. **Obras completas**: Inmigración y Colonización. Buenos Aires: Editorial Luz Del Día, 1951. Tomo XXIII, p.322.

⁹³ SARMIENTO, D. F. Tierras públicas e inmigración. In:_____. **Obras completas**: Inmigración y Colonización. Buenos Aires: Editorial Luz Del Día, 1951. Tomo XXIII, p.372.

Além dos grandes proprietários e de seus porta-vozes, ele teve que enfrentar as críticas de dirigentes e de pensadores liberais, que defendiam a não intervenção do Estado nesses assuntos. Segundo Katra, num ensaio de 1854, *Sistema económico y rentística de la Conferación Argentina*, Alberdi afirmou dogmaticamente o princípio do *laissez-faire*, o que o levou a se opor à implementação de políticas regulatórias pelo Estado⁹⁴.

Ainda de acordo com Katra, Sarmiento nunca defendeu uma posição dogmática no que concerne ao papel do Estado.

[...] Fue uno de los pocos dentro del grupo que comprendió que las políticas estatales del *laissez-faire*, aplicada a las tierras fiscales, terminaban favoreciendo los intereses mezquinos de los grandes terratenientes de la región y, en consecuencia, operaban como obstáculos al desarrollo del país⁹⁵.

Seu projeto sucumbiu e foi neutralizado pelo poder econômico dos grandes proprietários. No obstante a oposição que sofrera e o malogro desse projeto, Sarmiento sempre defendeu uma política que garantiria o acesso do imigrante à terra, pois era condição indispensável ao sucesso do seu projeto imigratório.

2.2 – A Educação

A educação ocupa um lugar especial na obra de Sarmiento. Ela é imprescindível ao seu projeto civilizador; está associada tanto ao desenvolvimento econômico da nação quanto ao aperfeiçoamento moral do povo. Junto com a imigração, ela é o principal ponto para a consecução de seus projetos, ou seja, a civilização e a modernização da Argentina.

Dedicou-lhe vários dos seus escritos ao longo da sua vida. Porém, não fora somente por meio da pena que ele a defendera e a promovera como medida civilizacional; em sua carreira política também buscou alternativas e adotou medidas para desenvolvê-

⁹⁴ Katra, 2000, p.240.

⁹⁵ Ibid., p.240.

la na Argentina. Seu esforço pela educação foi tamanho que a comemoração do dia dos professores coincide com o dia da sua morte, 11 de setembro. Em 1869, ele realizou o primeiro recenseamento geral, por intermédio do qual ficou sabendo quantos indivíduos existiam com idade entre 5 e 14 anos – no caso, 468.139 – para, a partir de então, direcionar sua ação de modo a garantir-lhes a educação tão cara ao florescimento da Argentina. Assim, procedeu a várias medidas, como a promulgação da Lei de Proteção às Bibliotecas Populares (1870) e da Lei de Subvenções para o Fomento da Instrução Primária nas Províncias (1871). Criou centenas de escolas e a Escola Normal do Paraná, por decreto de 13 de julho de 1870, visando à formação de professores para as escolas primárias.

Seus escritos dão conta de afirmar a importância da educação. Contudo, ele não fez apenas uma defesa da educação em termos gerais. Além de defender a educação pública como medida civilizacional, ele detalhou como deveria ser sua organização na América. Em *Educação Popular* (1849), ele prescreveu desde a forma de arrecadação necessária para o custeio da educação, passando pela infra-estrutura das escolas, pelos sistemas pedagógicos, pelos métodos de ensino, destacando até como deveriam ser realizadas as inspeções nas escolas.

Na sua concepção, o poder público deveria se encarregar da educação; deveria garanti-la ao povo. No escrito acima citado, ele apresentou os pontos fundamentais das suas propostas educacionais, exploradas e apresentadas também em outros textos que aqui serão utilizados. A mando do governo chileno, viajou pela Europa com o objetivo de conhecer os sistemas de ensino que lá estavam em vigor. Assim, ele moldou o seu projeto naqueles já praticados na Europa e também nos Estados Unidos. Prússia, França, Itália, Espanha, Holanda e os Estados Unidos fizeram parte do seu itinerário. Isso não quer dizer que ele tenha feito uma cópia dos sistemas e métodos adotados nesses países. Ele observou, colheu dados, conversou com educadores e procurou assimilar isso tudo num projeto educacional que desse conta de promover o progresso e o desenvolvimento civilizacional tão necessários à América do Sul.

Dentre os países que visitou, nenhum lhe chamou mais a atenção do que os Estados Unidos, que aparecem como o principal exemplo e a maior referência para

Sarmiento. “Nótase este resultado sobre todo en los Estados Unidos donde la gran mayoría sabe leer, escribir y contar, con muy diminutas excepciones”⁹⁶. Em nenhum outro lugar a educação logrou resultados tão benéficos. Lá a educação alcançou todos os seus êxitos materiais e morais.

Materiais:

[...] Las casas de unos y otros en proporciones distintas tienen sin embargo las mismas formas, iguales materiales entran en su construcción, y el menaje y los utensilios son de la misma clase, aunque de calidades diversas. Las fábricas de hierro, por ejemplo, proveen de aparatos de cocina a precios distintos según la capacidad y necesidades del comprador, a todas las clases de la sociedad; y los aperos de labranza, los arados, las hachas, son suministradas aun a los más remotos campesinos por las fábricas más acreditadas, y según los modelos más perfectos. De aquí resulta para aquellos estados, que las fuerzas de producción se han decuplicado en comparación de la Europa misma, por la razón muy sencilla de que siendo todos capaces de leer y teniendo el hábito de recorrer los diarios, encuentran en ellos los avisos de cuanto invento útil se hace, la receta de un nuevo proceder en agricultura o en las artes mecánicas, la descripción de una nueva máquina aplicable a los usos domésticos, y los precios menores a que pueden obtenerse y con mayor perfección los utensilios y objetos que les son ya conocidos, de donde resulta que los progresos de la civilización, y los descubrimientos de las ciencias, que en otras partes, en Europa mismo, tardan años y años en hacerse populares y aun conocidos, allí se propagan en un sólo año y van hasta las extremidades lejanas de los bosques a recibir inmediata aplicación, y producir las ventajas en economía de costos y mayor cantidad de productos que se proponen alcanzar⁹⁷.

Chamou-lhe a atenção, além do progresso material, a igualdade surgida pela educação; não uma igualdade econômica, mas uma igualdade de condições. Ou seja, a educação permitiria, como nos Estados Unidos, a todos aqueles sobre os quais fosse derramada, escolher o melhor para si. O mais pobre teria a mesma capacidade de discernimento do mais rico. Não poderia comprar algo que fosse muito caro, porém, dentro das suas possibilidades financeiras, teria capacidade de escolher o melhor. O que lhe permitia ter essa capacidade? Saber ler e, por conseguinte, avaliar e escolher o que fosse melhor. Tanto os habitantes da cidade teriam essa capacidade de escolha quanto os do campo; cidade e campo conheceriam o progresso. Assim, o simples fato de ler daria ao indivíduo capacidade de escolher o melhor, porque passaria a conhecer o produto que adquiriria.

⁹⁶ SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.23.

⁹⁷ Ibid., p.23-24.

Há uma relação direta entre essa capacidade e a produtividade, no campo e na cidade. A partir da educação, as pessoas fariam melhores escolhas. Essas escolhas possibilitariam a melhor exploração dos recursos naturais, como nos Estados Unidos, com a utilização de instrumentos eficazes. Por sua vez, a criação de novas técnicas e o aumento da produção de bens, permitiria a parcelas cada vez maiores da sociedade ter acesso aos produtos do desenvolvimento material.

Morais:

[...] La moralidad se produce en las masas por la facilidad de obtener medios de subsistencia, por el aseo que eleva el sentimiento de la dignidad personal y por la cultura del espíritu que estorba que se entregue a disipaciones innobles, y al vicio embrutecedor de la embriaguez; y el medio seguro infalible de llegar a estos resultados, es proveer de educación a los niños, ya que no nos sea dado hacer partícipe de los mismos beneficios a los adultos. La concurrencia de los niños a la escuela, trae el efecto moralizador de absorber una parte de tiempo, que sin ella sería disipado en la ociosidad, y en abandono; habituar el espíritu a la idea de un deber regular, continuo, le da lo que es hábitos de regularidad en sus operaciones; añadir una autoridad más a la paterna, que no siempre obra constantemente sobre la moral de los niños, lo que empieza ya a formar el espíritu a la idea de una autoridad fuera del recinto de la familia; últimamente la reunión de masas de individuos, la necesidad de contener entre ellos sus pasiones, y la ocasión de estrechar relaciones de simpatía, echa sin sentirlo los primeros rudimentos de moralidad y de sociabilidad tan necesarios, para prepararlos a las obligaciones y deberes de la vida de adultos; estas son las influencias indirectas que en cuanto a las más inmediatas los documentos y observaciones que preceden dejan traslucir toda su extensión. Sería una cosa digna de una estadística precisa y formada expresamente para el objeto, la comparación de las fuerzas de una nación, no ya según el número de habitantes que cada una posee, sino según el mayor grado de desenvolvimiento que a sus masas da la educación recibida⁹⁸.

O meio mais eficaz de se alcançar a moralidade seria, pois, a educação das crianças, como já demonstrara o exemplo estadunidense; com os adultos não seria possível obter os mesmos resultados, o que não quer dizer que não se deveria dar-lhes educação. A preocupação não deveria ser só com o futuro, mas também com o presente. “Espondré brevemente los diversos ramos que debe en nuestro país abrazar un sistema de educación comun para el presente i para el porvenir, para los niños que formarán la generación venidera i para los adultos que hoi pueden recibir nociones útiles”⁹⁹.

⁹⁸ SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.24.

⁹⁹ Ibid., p.32.

A presença das crianças nas escolas traria bons resultados para a moralidade geral na medida em que, desde cedo, começaria a se combater a ociosidade e o abandono. Ademais, seria incutido nas crianças o senso de respeito à autoridade. Elas teriam outro referencial de autoridade além dos pais; seriam bem preparadas para a vida adulta, firmemente alicerçada na responsabilidade, no respeito à autoridade, na ordem e no labor, atributos necessários ao desenvolvimento de uma república virtuosa.

Ainda no que diz respeito à educação das crianças, evoca o exemplo francês. O processo educacional deveria estar voltado às crianças desde a mais tenra infância. Sarmiento escreveu sobre as *Salas de Asilo*, “la más bela, más útil y la más fecunda en resultados morales de todas las instituciones modernas”¹⁰⁰. Segundo afirmava, elas constituíam importante elemento na formação geral de uma pessoa. Nelas as crianças aprendiam os primeiros rudimentos de moralidade e eram preparadas para o ensino primário. As *Salas de Asilo* faziam parte do sistema de ensino, do projeto maior chamado de educação popular.

Essa defesa das *Salas de Asilo* deixava transparecer a importância que ele dava a uma educação que deveria começar bem cedo, pois formava uma base importante para o restante do processo educacional, além de deixar marcas positivas importantíssimas nas crianças. Sarmiento não estava só preocupado com uma formação tecnicista ou pragmática, cujo objetivo era preparar técnicos e mão-de-obra necessária ao desenvolvimento econômico. Também absorvia seu pensamento a educação moral das pessoas; e era principalmente nesse sentido que agiam já nas crianças as referidas *Salas*, como defendia.

As *Salas* eram espécies de creches ou pré-escolas, que deveriam ficar aos cuidados das mulheres. Em relação a estas, Sarmiento também dedicou sua reflexão. Ele as considerava indispensáveis ao seu projeto de educação. Na França, na Alemanha e nos Estados Unidos, chamou-lhe a atenção a educação que elas recebiam, que também passou a ser um ponto defendido por ele em suas propostas.

¹⁰⁰SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.08.

[...] Las *Salas de Asilo* por una parte, y la admisión de las mujeres en el personal de la enseñanza pública por otra, en todos los países que tienen organizado este ramo de la cosa pública, hacen esperar que en una época no muy remota, la instrucción primaria sea devuelta a quienes de derecho corresponde, a las mujeres a quienes la naturaleza ha instituido tutores y guardas de la infancia¹⁰¹.

Elas possuíam, no seu ponto de vista, qualidades que as tornavam mais aptas do que os homens a conduzir o ensino primário. Tais eram: brandura e paciência. Pode-se acrescentar a isso, a semelhança de hábitos entre as professoras e as mães, o que fazia com a criança não sentisse muito o ingresso nessas instituições. Essas aptidões naturais das mulheres tornavam-nas mais solícitas e menos contundentes nos castigos. Vale notar que Sarmiento parece opor-se aos castigos ou, pelo menos, opor-se à freqüência e à energia com que eram aplicados.

Havia a necessidade de prepará-las para serem professoras. Assim, elas deveriam receber uma educação que as habilitasse a ensinar aos alunos os primeiros rudimentos que constituíam o ensino primário. “La redención de la mujer por la educación y por el trabajo, es a primera y una de las bases mas fundamentales de la educación e de la mejora del pueblo”¹⁰². Capacidade para a aprendizagem elas possuíam, como deixava claro Sarmiento na passagem que segue abaixo:

[...] Su capacidad de enseñar está comprobada hasta la evidencia y la educación dada indistintamente a ambos sexos en todos los países cristianos, si se exceptúan los pueblos españoles, las prepara suficientemente para abrazar aun aquellos ramos, que se consideran de la exclusiva competencia de los hombres¹⁰³.

No entanto, não existiam instituições que dessem conta de formar essas professoras. Era premente, então, a criação de uma Escola Normal para mulheres. A respeito dessa instituição, ele destaca o exemplo de uma que visitou nos Estados Unidos. Após enumerar os benefícios da Escola Normal que visitara, afirmou que “no se vacilará un momento en introducir en nuestra enseñanza

¹⁰¹ SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.75.

¹⁰² SARMIENTO, D. F. La educación de la mujer. In:_____. **Obras completas**: La escuela ultrapampeana. Buenos Aires, 1900. Tomo XLVIII, p.130.

¹⁰³ SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.75.

pública tan importante mejora, que aconsejan la esencia misma de la enseñanza y la economía que ofrece”¹⁰⁴.

Outra vantagem de se educar as mulheres, principalmente para se tornarem mestras, seria lhes dar a oportunidade de viver dignamente, particularmente àquelas pertencentes às classes mais baixas da população. “Si todas estas familias de mujeres destituidas de recursos y sin esperanzas para lo futuro, encontrasen en la enseñanza pública una carrera abierta a su actividad, podrían hallar de nuevo el camino perdido de la comodidad o el de una decente mediania”¹⁰⁵. As mulheres destituídas de recursos e sem esperanças no futuro ingressariam nas Escolas Normais, onde receberiam formação necessária à docência. Além de contribuírem para a educação e o conseqüente progresso da nação, como já exposto, elas deixariam de ser uma carga para a sociedade.

Esse ponto deixa perceber outra faceta do pensamento sarmientino sobre a educação. Ciente da falta de pessoal habilitado e também de pessoal disposto a seguir a docência, ele procurou alternativas para resolver esses dois problemas. O primeiro seria resolvido com a criação das escolas normais, tanto para homens como para mulheres. O segundo com a criação de uma lógica que induziria as parcelas mais pobres e desassistidas da população a ingressar nessa carreira. Isso fica claro quando ele propõe que as mulheres pertencentes às parcelas mais pobres da população se tornem professoras: “¿Por qué no irían esas mujeres jóvenes, adultas y aun avanzadas en edad, a servir en las escuelas? ¿Desdeñarían una profesión honrosa y útil a sus semejantes, prefiriendo tender la mano a la caridad pública?”¹⁰⁶.

Em *Educación Comum*, essa idéia também aparece, mas não em relação às mulheres, à formação de professoras, e sim no concerne à formação de professores para ensinar os conhecimentos úteis ligados à agricultura e, conseqüentemente, produzir mão-de-obra especializada. Sarmiento acreditava que educando os órfãos, desde a infância, e também as crianças consideradas

¹⁰⁴ SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.77.

¹⁰⁵ Ibid., p.78.

¹⁰⁶ Ibid., p.78.

delinquentes, ele conseguiria trabalhadores bem preparados para a atividade agrícola. Ele propunha um programa de assistência aos desamparados que ia muito além da mera beneficência.

Uma de suas preocupações era com progresso material da Argentina; não poderia sobrecarregar os cofres públicos com programas assistencialistas. Precisava criar uma maneira de tirar essas pessoas da condição de miséria na qual estavam e fazê-las contribuir para o desenvolvimento da nação. Logo, seu programa visava não só a ajudar esses indivíduos; dar-lhes-ia também instrução para que aprendessem uma profissão útil. Isso seria um processo de instrução, em instituições criadas para tal, que teria início ainda nas *Casas de Asilo* e se estenderia pela infância e adolescência até chegar à idade adulta, quando se teria homens aptos para o trabalho.

[...] De esos niños que nacieron huérfanos, o mas tarde eran vagos, el país hace hombres instrumentos de moralidad, trabajo inteligente, educación, desarrollo de riqueza i de civilización; i halla en ellos un empleado a quien mas tarde dará casa, familia, ocupación, i empleos públicos, como maestro de escuela, administrador de la vacuna, bibliotecario, maestre de posta, etc¹⁰⁷.

No seu projeto educacional, ele dava relevo à instrução primária. “La Instrucción Primaria, para darle su verdadero significado, será considerada en este trabajo como la INSTRUCCIÓN NACIONAL, o el grado de educación que tiene o recibe un pueblo culto para prepararse debidamente al desempeño de las múltiples funciones de la vida civilizada”¹⁰⁸. Ela se estenderia a todos os indivíduos; todos, indistintamente, deveriam recebê-la.

Porém, não reduzia a educação pública a isso. Ou seja, ela surgia antes disso e deveria continuar depois. As *Salas* lançariam as bases para ela. A educação deveria se estender por toda a vida do homem. Este, de maneira alguma, poderia se apartar do aprendizado, que deveria ser constante e por todo o período em que durasse sua existência.

¹⁰⁷ SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.34.

¹⁰⁸ SARMIENTO, D. F. **Memoria sobre Educación Común (1856)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.04.

O ensino deveria ser laico. Numa série de artigos publicados no *El Nacional*, nos anos de 1882 e 1883, ele se opôs aos defensores de uma educação religiosa. Esses artigos resultaram do Congresso Pedagógico realizado em Buenos Aires, em 1882. Contra as vozes que se levantaram a favor de uma educação religiosa, Sarmiento procurou mostrar que a educação religiosa estorvava o desenvolvimento da nação. Seria um retrocesso tentar implantar o ensino religioso. O exemplo da Companhia de Jesus esclarecia esse ponto. “La Compañía de Jesus que há poseído las mas belas estaciones de la tierra, viajando por todos los países, gobernado Estado como el Paraguay, dirigido la alta educación en América, no supo ni cultivar, ni extender el cultivo de café ni de azúcar en América”¹⁰⁹.

Ele define laico como o oposto de eclesiástico: “laico, es pues lo que no es eclesiástico”¹¹⁰. Contra a associação que se fazia entre laico e ateu, ele procurou desvencilhar esses dois conceitos. Laico não queria dizer ateu. Não era à religião que ele se opunha, e sim à intromissão desta nos assuntos do Estado. Ora, se a educação era considerada obrigação do Estado, este não poderia privilegiar uma ou outra religião.

Segundo Sarmiento, quando se defendia a educação religiosa, a associação que se fazia era entre esta e o catolicismo. A religião que deveria ser professada nas escolas era a católica, excluindo-se todas as outras. Como defensor da liberdade de culto e da educação laica, ele não poderia aceitar essa prática nas escolas públicas. Não se poderia permitir que uma religião monopolizasse a educação ou interviesse nos seus assuntos.

Nos seu ponto de vista, podia-se muito bem ser cristão e defender uma escola laica. Os Estados Unidos eram exemplo disso. Um país marcado por profunda religiosidade, com milhões de indivíduos devotados ao seu Deus, dentre os quais católicos apostólicos romanos, que defendiam a não intromissão da religião nos assuntos do Estado.

¹⁰⁹ SARMIENTO, D. F. El Congreso de Tucuman. In:_____. **Obras completas**: La escuela ultra-pampeana. Buenos Aires, 1900. Tomo XLVIII, p.115.

¹¹⁰ SARMIENTO, D. F. Las escuelas son laicas y no eclesiásticas. In:_____. **Obras completas**: La escuela ultra-pampeana. Buenos Aires, 1900. Tomo XLVIII, p.155.

[...] Entre aquellos cincuenta millones de cristianos que profesan que los Consejos de Educación no pueden enseñar nada de religión en las Escuelas Comunes, hay seis millones de católicos, apostólicos, romanos, con mas sentimiento e instrucción religiosa que nuestros dos millones, y con mas autoridad sus teólogos, sus hombres de estado y sus preceptores de los que tiene los advenedizos consejales que nombra un ministro, tan desautorizado como ellos, e esos seis millones de católicos sostienen las Escuelas Comunes, sin llamarles atea porque son laicas, siendo laicas porque ellos mismos no consienten en que sean de secta, iglesia, ó religión alguna¹¹¹.

Sarmiento propôs um sistema de ensino que deveria alcançar parcelas da população que, durante muito tempo, foram chamadas de excluídas: lunáticos, cegos e surdos-mudos. Já no século XIX ele propunha uma espécie de inserção desses grupos por meio da educação. Provavelmente sem ter os objetivos de hoje, quando se propõe esse tipo de educação, ou sem tê-los tão bem definidos como estão no presente. O exemplo disso veio de Gênova, onde visitou estabelecimentos para esses indivíduos. “Y aunque no haya hecho sobre estos ramos estudios serios, por temor de extender demasiado la esfera de mis observaciones, creo que deben formar parte estas especialidades de un sistema general de enseñanza popular”¹¹².

A educação deveria alcançar também os menores abandonados e os delinquentes. Sua proposta ia muito além de depósitos de jovens. Não lhe interessava apenas retirar esses jovens das ruas. Estes deveriam ter uma educação que os preparasse para o trabalho e, conseqüentemente, para contribuir com o desenvolvimento material e civilizacional da Argentina¹¹³, como já exposto.

A educação pública era condição para o exercício dos direitos políticos. O povo precisava ser educado para assumir esses direitos. Depreende-se disso, que o projeto educacional de Sarmiento de maneira alguma era exclusivista. Não estava destinado a uma pequena parcela da população ou mesmo a manter uma espécie de hierarquia no interior da sociedade. Ele o dirigiu a todos os indivíduos que compunham a sociedade.

¹¹¹ SARMIENTO, D. F. Cristianos e ateos. In:_____. **Obras completas**: La escuela ultra-pampeana. Buenos Aires, 1900. Tomo XLVIII, p.178.

¹¹² SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.07.

¹¹³ SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.15.

[...] El lento progreso de las sociedades humanas ha creado en estos últimos tiempos una institución desconocida a los siglos pasados. La instrucción pública, que tiene por objeto preparar las nuevas generaciones en masa para el uso de la inteligencia individual, por el conocimiento aunque rudimental de las ciencias y hechos necesarios para formar la razón, es una institución puramente moderna, nacida de las disensiones del cristianismo y convertida en derecho por el espíritu democrático de la asociación actual. Hasta ahora dos siglos había educación para las clases gobernantes, para el sacerdocio, para la aristocracia; pero el pueblo, la *plebe* no formaba, propiamente hablando, parte activa de las naciones. Tan absurdo habría parecido entonces, sostener que todos los hombres debían ser igualmente educados, como lo habría sido dos mil años antes negar el derecho de hacer esclavos a los vencidos, derecho sobre cuya práctica estribaba la existencia de las sociedades libres¹¹⁴.

Para a melhor compreensão do modelo de educação proposto por Sarmiento, cabe citar Maria Elisa Mäder. Ao apresentar o projeto educacional de Paulino José Soares de Souza, o Visconde do Uruguai, ela destaca que o mesmo estava voltado para os brancos, livres e proprietários de escravos e terras, que formavam a chamada boa sociedade. Além disso, a instrução e a educação deveriam ser um importante instrumento de centralização política e de manutenção da hierarquia social¹¹⁵. Essa rápida comparação visa apenas a salientar as propostas de Sarmiento, que eram mais abrangentes, tanto no que se refere àqueles que receberiam a educação, quanto à utilidade desta. Enquanto, em Visconde do Uruguai, a educação serviria para a manutenção de uma determinada ordem, em Sarmiento, deveria propiciar a formação de cidadãos aptos a participar das decisões políticas da nação.

Outra comparação também contribui para acentuar a importância da educação no projeto civilizacional de Sarmiento e sua abrangência sobre sociedade. Enquanto ele defendia que as mulheres também deveriam receber educação, Alberdi reservava-lhes o ambiente doméstico. Dizia que elas não deveriam brilhar intelectualmente nos salões sociais, e sim ter uma orientação moral no lar. Eram as responsabilidades deste recinto que deveriam absorver o tempo e as preocupações delas. Logo, não

¹¹⁴ SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.13-14.

¹¹⁵ MADER, Maria Elisa Noronha de Sá. **Civilização e barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai**. Niterói-RJ: UFF, 2006. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_MADER_Maria_Elisa_Sa-S.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2009. p.135-136.

deveriam receber os benefícios da educação pública¹¹⁶. Já para pensamento sarmientino, como visto, elas eram fundamentais.

De acordo com Natálio Botana, existe uma tensão em Sarmiento entre duas concepções de república: uma formada por cidadãos virtuosos, partícipes ativos da vida política da nação, na qual a liberdade dos antigos é consagrada; e outra que necessita da mão forte de um legislador, uma república forte na qual o governante tem que ter a capacidade de impor o estado de sítio, se necessário.

Essa oscilação em relação às duas idéias de república se deve ao choque entre teoria e prática. Ele almejava a república virtuosa¹¹⁷. Entretanto, quando a prática, ou melhor, a realidade argentina mostrava, senão a impossibilidade, a dificuldade em levá-la adiante, defendia a implantação de uma república forte. Ele passava da idéia clássica de virtude, inspirada em Cícero, Franklin, Story e Tocqueville, para a de *virtú*, de Maquiavel, não obstante dirigir algumas críticas a este. Apesar dessa oscilação, o paradigma baseado na virtude antiga sempre seduziu Sarmiento¹¹⁸.

É justamente a permanência desse paradigma baseado na virtude antiga que permitia e estimulava Sarmiento a pensar na educação como condição à participação nos assuntos políticos. Ao analisar o papel da educação no projeto de nação de Sarmiento, Maria Elisa Mäder também destacou essa faceta do pensamento sarmientino. Segundo afirma, o projeto educacional dele estava intimamente relacionado à sua concepção de república virtuosa¹¹⁹.

Ao definir o programa educacional, ele evocava a Espanha – como fez em diversos momentos de sua obra – com o objetivo de mostrar o que deveria ser evitado. A ex-metrópole era vista como sinônimo de atraso, de anacronismo. Ela foi apresentada como sendo destituída de todos os dotes que a vida moderna requeria. Qual era a razão disso? A falta de educação.

Com isso, ele pretendia demonstrar que o não desenvolvimento da educação não permitiria à Argentina se libertar dessa herança que tantos males lhe causou. Vale

¹¹⁶ KATRA, 2000, p.202,203.

¹¹⁷ BOTANA, 1997, p.339.

¹¹⁸ Ibid., p.271.

¹¹⁹ MADER, 2006, p.146.

destacar que o texto *Educación Popular* fora feito, primeiramente, para o governo chileno. Porém, não se restringia somente a prescrições para a criação da instrução pública no Chile. Nele, o autor expressou seu ponto de vista sobre a educação, que, por sua vez, fazia parte do seu projeto de construção da nação argentina.

A educação poderia ajudar a Argentina, o Chile e a Venezuela, afetados pelo amálgama de “raças inadequadas” ao trabalho e às virtudes cívicas, a afastar as trevas da barbárie. “Cualquiera que estudia detenidamente los instintos, la capacidad industrial e intelectual de las masas en la República Argentina, Chile, Venezuela y otros puntos, tiene ocasión de sentir los efectos de aquella inevitable pero dañosa amalgama de razas incapaces o inadecuadas para la civilización”¹²⁰.

Ela era tão imprescindível e imperiosa quanto o exército. Sem ela, os problemas continuariam a existir e, mais do que isso, intensificar-se-iam mais ainda. Junto com o exército, e tendo um efeito até mais eficaz, a educação ajudaria na manutenção da ordem. Disciplinando a nação, garantir-lhe-ia ordem, indústria e riqueza, o que os exércitos não conseguiriam.

[...] Yo no desapruero la existencia de ejércitos permanente condenados forzosamente a la ociosidad en la América cuando no se emplean o en transtornar el orden, o en arrebatarse la escasa libertad; pero el ejército satisface una necesidad de previsión del Estado; como la educación publica satisface otra más imperiosa, menos imprescindible. No es de todo probado que sin ejércitos permanentes, o sendo estos nenos numerosos el orden no se habría conservado en cada Estado, o que habrían habido más ni menos revueltas, a las que los ejércitos e los militares sin destino dan sempre pábulo y estímulo; pero es muy seguro que no educando a las generaciones nuevas, todos los defectos de que nuestra organización actual adolece continuarán existiendo, y tomando proporciones más colosales, a medida que la vida política desenvuelve mayores estímulos de acción sin que se mejore en un ápice la situación moral y racional de los espíritus. Se gastan en unos Estados más, en otros menos de dos millones de pesos anuales y pertrechos de guerra, y personal del ejército. Cuánto se gasta anualmente en la educación pública que ha de disciplinar el personal de la nación, para que produzca en orden, industria y riqueza o que jamás pueden producir los ejércitos (...) ¹²¹.

Além de preparar o povo para a participação na vida política de uma nação, a educação ajudaria na manutenção da ordem e no progresso econômico da nação. Acusava sua falta, dentre outras razões, como causa do pouco desenvolvimento

¹²⁰ SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.17.

¹²¹ Ibid., p.18.

econômico das nações da América do Sul. Aqueles que trabalhavam nas indústrias não sabiam utilizar as máquinas e acabavam por estragá-las. As pessoas que deveriam consertá-las nada conseguiam fazer, aliás, conseguiam sim: agravar o problema.

[...] Los trabajadores inutilizaban las máquinas cada semana; los herreros que debían repararlas no comprendían nada de su mecanismo, y si algún extranjero se encontraba instruido, pedía por ello precios exorbitantes, que a la larga hacían ruinosas la conservación del establecimiento¹²².

Diante disso, como se poderiam ficar de pé os estabelecimentos? Como poderiam prosperar e fazer prosperar a nação? Os poucos que sabiam lidar com as máquinas eram os estrangeiros e para isso cobravam valores altíssimos. Aqui aparece um ponto interessante no pensamento de Sarmiento sobre a educação. Ele a vincula a salários mais altos. Aqueles que possuíam um conhecimento específico, cobravam mais pelos serviços.

Assim, além de contribuir para o progresso geral da nação, a educação também contribuiria para o progresso individual. O indivíduo que soubesse ler, segundo o autor, teria mais valor e “muito mais utilidade”. Ele seria superior em força moral e produtiva, gozaria de vários direitos, escolheria o que era melhor para si, pois poderia conhecer melhor as coisas e comprá-las, escolhendo o que lhe beneficiaria mais¹²³.

Acrescenta-se à sua importância para o progresso material e político, o desenvolvimento moral. De acordo com Sarmiento, havia dados estatísticos que comprovavam o efeito moralizador da educação. Para ele, pessoas que recebiam educação se vestiam melhor e possuíam melhores hábitos de higiene.

[...] Ahora es un hecho observado constantemente en las fábricas norteamericanas y inglesas, en el ejército francés, y pudiera hacerse entre nosotros la misma observación, que los individuos que saben leer visten de ordinario con más arreglo y aseo, tienden a adoptar el traje que pertenece a las clases superiores que ha llegado a ser hoy el distintivo *sine qua non* de los pueblos cultos, y adquieren hábitos de limpieza en sus vestidos;

¹²² SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.18.

¹²³ Ibid., p.23-24.

siguiendo el desenvolvimiento de estas cualidades en la misma escala ascendente en que marcha el grado de instrucción del individuo¹²⁴.

É relevante destacar o papel que as vestes ocupam dentro da idéia de progresso moral e civilizacional em Sarmiento. Já no *Facundo* ele destaca a importância do bem vestir-se. O homem educado e civilizado se vestia bem: usava fraque e cartola. Isso era uma mostra do seu grau de civilização. Por essa maneira de se comportar, moralmente correta, ele era vituperado pelos “bárbaros gaúchos”. A educação, que permitiria ao cidadão vestir-se e portar-se bem, era um imprescindível agente moralizador.

Abarcando esses três pontos principais – o político, o econômico e o moral – a educação pública teve um papel central dentro do projeto de nação de Sarmiento. Em *Educacion Comum*, Sarmiento preocupou-se principalmente com o desenvolvimento econômico da província de Buenos Aires. Ele propôs reformas que dessem conta de alavancar a economia portenha, baseada na criação de gado. A agricultura aparecia como importantíssima para esse desenvolvimento na medida em que contribuiria para aumentar a produção de gado e dos seus derivados, além de incentivar o povoamento da província, que, de outra forma, se transformaria num imenso deserto.

A agricultura constituía, para Sarmiento, importante meio de civilização. Em contraposição ao pastoreio – ao qual é atribuída a dispersão da população –, ele apresenta essa atividade econômica como necessária para fixar a família ao solo. Decorreriam dela muitos outros progressos materiais, inclusive a indústria, os quais necessitam da correta utilização dos recursos naturais e artificiais. Entre os primeiros, ele destacava quedas d’água, árvores e jazidas de carvão. Entre os segundos, máquinas e outros inventos úteis.

A partir da análise da constituição física dos pampas e da sua atividade econômica característica – o pastoreio –, ele conclui que faltavam à Argentina tanto os recursos artificiais quanto os naturais. Havia poucas quedas d’água, não podendo os rios serem utilizados como agente motor. Não havia reservas de carvão, bosques com

¹²⁴ Ibid., p.23.

árvores e outros recursos naturais. “La educación de los hombres que habitan este país no ha de encaminarse a la industria fabril, pues, para la que no ha sido preparado, sino a aprovechar de las ventajas que resultan de sus propios defectos”¹²⁵.

Associando Buenos Aires a um deserto, sem árvores ou montanhas, e com campos impróprios para a agricultura, condição para o desenvolvimento da civilização, restou-lhe durante muito tempo apenas o pastoreio. Apesar disso, afirmava que a agricultura poderia ajudar muito no aperfeiçoamento dessa atividade. Porém, seria necessário criar as condições favoráveis para tanto. Aquilo que a natureza não fez, deveria ser feito pela intervenção humana. Seus defeitos eram a falta desses recursos e a formação típica dos pampas, favoráveis ao pastoreio.

Algo comum em sua obra, Sarmiento toma novamente os Estados Unidos como exemplo. Dessa vez, o objetivo é comparar os resultados da pecuária de Nova Iorque com os da pecuária de Buenos Aires. Ele apresentou uma série de dados e balanços com o intuito de mostrar a alta produtividade da pecuária em Nova Iorque e o bom aproveitamento dos derivados da vaca. Por sua vez, os pastos portenhos possuíam produtividade baixíssima e os derivados da vaca não eram explorados. Os lucros com o gado nova-iorquino eram quatro vezes maiores que os do gado portenho. Qual a razão disso? O grande problema estava no tipo de pecuária praticado. Nos pampas, os rebanhos viviam de maneira selvagem, ocupando grandes extensões:

[...] Como el ganado vive de la espontánea producción de la naturaleza, necesitando una vaca del producto de una hectárea de terreno cultivado, cada animal necesita para vivir un año, en el estado de naturaleza, dos, tres, o diez hectáreas de superficie, segun que el espacio de terreno de su estancia esta mas o ménos cubierto de pastos. Resulta de aquí que a poderse fijar con precision el número de hectáreas que en término medio necesita un animal para su mantención, podría decirse cuántos animales necesita el Estado de Buenos-Aires para estar todo ocupado. En todo caso, de esta difusión del ganado sobre el terreno inculto resulta una extensión desmesurada de los campos ocupados por aquella propiedad se-moviente, e incapaz por su naturaleza de defenderse a sí misma, por lo que se necesita sostener un ejército que guarde la orilla de esta pradería, cuya semi-circunferencia tiene mas de seiscientas leguas.

¹²⁵ SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.07.

Por consecuencia de la falta de bosque i por tanto de delimitación de la propiedad, rediles, corrales i establos, es que se mantienen en el estado salvaje los rebaños, no pudiendo explotarse uno de sus mas valiosos productos, cuales son los variados que da la leche de las vacas¹²⁶.

Em Nova Iorque, eles eram domesticados. Existiam bosques, de onde eram tiradas madeiras para construção de redils, currais e estábulos, onde os rebanhos ficavam encerrados. Ocupava-se menos espaço, melhorava-se a produtividade e se ganhava muito com os derivados do leite da vaca. Essa domesticação, favorecida pela agricultura, era o que faltava à Argentina. “La agricultura pues, introducida al lado del pastoreo, puede subministrarle a éste los auxilios que lo harían mas perfecto”¹²⁷.

E qual seria a importância da agricultura para o pastoreio? Como ela otimizaria seus lucros?

[...] Produciendo cercas, maderas, leña, etc., habría granjas, establos, apriscos, rediles o corrales en abundancia; i por estos medios de sujeción i limitación de los movimientos se acabaría de domesticar el ganado, se utilizaría la leche i sería ménos costosa la producción i mayor.

Si es que no ha de consagrarse indefinidamente el territorio de un Estado entero al solaz de las bestias, la agricultura proporcionaría ocupación, morada i subsistencia a millares de seres humanos en reducido espacio; proveyendo además de materias primeras para la industria i construcción civil¹²⁸.

Uma das grandes preocupações de Sarmiento era o pequeno número de habitantes do pampa; era o risco dessa região tornar-se um deserto. Com os rebanhos criados livremente, ocupando cada vez mais espaço, os poucos habitantes que o povoavam seriam, aos poucos, obrigados a abandonar suas rústicas moradias. Assim, a domesticação desses rebanhos garantiria não só maior rentabilidade, mas também o povoamento e o desenvolvimento material daqueles que habitariam as campanhas portenhas.

Todavia, a agricultura não encontrava em Buenos Aires terreno fértil. Isso não quer dizer que seria impossível desenvolvê-la. Contra a natureza dos pampas obraria o homem. A intervenção humana surgiria como fundamental para a implantação da

¹²⁶ SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.09.

¹²⁷ Ibid., p.10.

¹²⁸ Ibid., p.10.

agricultura nessas terras inóspitas a tal atividade. Se não poderiam crescer naturalmente as árvores que forneceriam madeira para os estábulos, para os currais, para a construção de casas e demais edificações necessárias ao povoamento, elas deveriam ser plantadas.

O desenvolvimento da agricultura se daria por meio de pequenas propriedades. Sarmiento as defendia como extremamente necessárias ao progresso, à moralidade e à civilização, pois “el sistema actual de repartición de la tierra en Buenos-Aires, calculado para un país despoblado, es una barrera insuperable a todo desarrollo de mayor riqueza i de una grande población”¹²⁹. Perguntava: “¿Qué se necesita para obtener tamaños resultados? Tierra. ¿Quién posee la tierra?”¹³⁰. Ao defender esse modelo de organização, entrava em atrito com os proprietários das grandes estâncias. Ora, dividir a terra era algo que estava longe do horizonte deles.

Para a implantação da atividade agrícola, havia a necessidade de terras; para consegui-las, somente com a divisão das grandes propriedades. Sarmiento sabia das dificuldades e dos problemas que poderiam advir de uma tentativa de impor essa divisão. Diante disso, ele procurou uma maneira mais sutil de alcançar seus objetivos. A leitura de *Educación Común* permite perceber que ele queria convencer os grandes estanceiros dos benefícios da repartição das terras.

[...] Pediríamos pues, a los actuales poseedores de grandes lotes de tierra consagrada al pastoreo, una pequeña porción para introducir en su misma propiedad elementos de riqueza de que él aprovechará el primero, i que el interés particular no sabría procurarse por sí solo, sino a mayores costos, i sin la jeneralidad de impulsión que es lo que constituye la reforma de una grande industria¹³¹.

Tentava demonstrar, também, que desde o período colonial, com a legislação hispano-colonial, a posse da terra estava associada ao trabalho e ao cultivo. Logo, a criação de gado simplesmente era contrária ao princípio que regia a possessão. Essa situação, segundo afirmava, agravou-se com a independência, pois houve abuso da concessão de terras e omissão da obrigação de cultivá-las. Daí em diante,

¹²⁹ SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.12

¹³⁰ Ibid., p.10.

¹³¹ Ibid., p.16.

os resultados foram nefastos: criação em lugar do cultivo e todos os males resultantes disso.

A falta desse auxílio da agricultura fazia com que os resultados da pecuária na Argentina fossem péssimos, principalmente se comparados a outras regiões, como foi o caso da comparação com Nova Iorque. Com esses dois argumentos – posse da terra ligada ao cultivo e benefícios econômicos resultantes do cultivo da terra –, Sarmiento tentava conseguir a adesão dos grandes proprietários ao seu projeto.

Outro ponto importante relacionado à defesa da agricultura e dos benefícios (econômicos, morais e civilizacionais) advindos dela é a imigração. Sem seus louváveis frutos, a pobreza continuaria a imperar; os campos permaneceriam dominados por animais e pela barbárie. As condições, em vez de favoráveis à imigração, ser-lhe-iam repulsivas; e as campanhas continuariam despovoadas.

Diante dessa defesa da agricultura, como meio eficaz para o desenvolvimento dos campos portenhos, por intermédio de pequenas propriedades, Sarmiento apresentou seu projeto de educação comum. Esse escrito deixa transparecer uma lógica mais utilitarista. O ensino estaria voltado para determinada utilidade. Ele pretendia uma educação que atendesse à necessidade de formação de mão-de-obra capacitada para a realização da atividade agrícola. A educação, nesse sentido, daria suporte ao desenvolvimento material. “La educación comun se ha de ligar pues, en Buenos-Aires a ramos productivos, a quehaceres inteligentes, i a las profesiones mismas de la vida”¹³². O discurso muda um pouco de tom no que concerne à *Educación Popular*. Nesta obra, sua preocupação maior era com a educação como um meio de capacitar o indivíduo à participação nos assuntos políticos. Nela ele “mostra sua crença na estreita relação entre educação, cidadania e virtude”¹³³. É lógico que o viés econômico também aparecia, mas de forma secundária; a tônica era a educação criando pessoas aptas à inserção na cidadania.

Será apresentado, agora, seu projeto de educação comum.

¹³² SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.14.

¹³³ MADER, 2006, p.147.

[...] La base del proyecto de educación común que propongo parte del presentimiento de esta transformación, del examen de las peculiaridades del país, i de la necesidad de asegurar desde ahora la suerte de las poblaciones rurales, la mejora del pastoreo actual, acelerando la época en que la desnudez primitiva de la tierra haya de cubrirse metódicamente de cultura silvestre, por lo ménos para que auxilie el desarrollo de la población, favoreciendo i beneficiando el pastoreo. Asi pues en una sola lei, pueden combinarse estos resultados:

Cultura de la tierra,
Cultura del ganado,
Cultura del hombre¹³⁴.

No entanto, não seria tarefa das mais fáceis implantar esse projeto. A educação, para ser disseminada sobre os campos argentinos, necessitava de condições favoráveis, e estas ainda não existiam em Buenos Aires. Surgem novamente os Estados Unidos como exemplo. O poder público garantia aos estados terras para a construção de escolas e destinava fundos para isso. A iniciativa privada também contribuía para a criação de condições favoráveis ao desenvolvimento da educação, doando terras e dinheiro. Os resultados de tais iniciativas foram consideráveis. As escolas cumpriam, pois, o seu papel de ensinar. A partir desse aprendizado, eram criados instrumentos para o melhor aproveitamento agrícola. A pecuária, como já visto, tornava-se altamente produtiva, os campos eram densamente povoados, as moradias eram bem feitas e dignas, etc. Os frutos dessa educação não se traduziam apenas em progresso material. Ao conseguir este, contribuía também para a moralidade geral, pois ele passa a ser visto como a base para esta. Assim, havia no pensamento de Sarmiento uma relação direta entre desenvolvimento material e moralidade.

Ele propunha um conjunto de medidas com o fito de criar condições favoráveis à implantação do seu projeto de educação comum. Apresentou uma série de artigos que buscavam regular a distribuição de terras – as terras do Estado, as improdutivas e as que não possuíam título de propriedade – para a criação de escolas e centros de aclimatação de variadas espécies. Como uma de suas preocupações era o povoamento, essas escolas e “centros” de prática agrícola deveriam ser instalados a determinadas distâncias, de modo que não ficassem isolados e, em pouco tempo,

¹³⁴ SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.13.

fossem abandonados. Ademais, quando vendidas essas terras, dever-se-ia criar um fundo de investimento para a educação.

Nessas terras, seria fundada uma

[...] Quinta Central de aclimatación de plantas i ensayo de agricultura, en cuyo recinto quedarán comprendidas una Escuela Normal de Preceptores de enseñanza comun, un Hospicio de huérfanos, i una casa de reforma de niños abandonados, delincuentes, vagos, o destituidos por incapacidad de sus padres de medios de vivir¹³⁵.

Essas condições seriam

[...] la piedra angular del sistema. Todo lo demas es accesorio, i pertenece a la ciencia administrativa de la educación pública. Antes que haya niños por todas partes del territorio de Buenos-Aires, por todas partes se necesita leña para quemar ladrillo, madera i palos para construcciones, plantas para cercas, pepineras adonde acuda el propietario a proveerse de árboles frutales o de adorno, de semillas, modelos, consejos e instrucción. Antes que haya niños que reciban lecciones, pueden establecerse lecherias en estos oasis de cultura para que inteligentes inmigrantes ordeñen i domestiquen los rebaños de los vecinos propietarios, i asociados a ellos industrialmente. Antes de decretar la creación de escuelas, es preciso que haya locales distribuidos a distancias aproximadas para que reciban los alumnos. Antes que existan las escuelas ha de haber maderas para techarlas, capitales para sostenerlas¹³⁶.

Tendo estabelecido as condições necessárias ao desenvolvimento da educação comum, esta poderia ser organizada. Será destacada, agora, a organização da educação comum proposta por Sarmiento. Três elementos eram considerados essenciais ao seu sistema. O professor, os livros e as plantas. “De todos tres es preciso proveerse, i para ello fundar fábricas de donde salgan permanentemente, al ménos costo posible, aquellos tres artículos indispensables”¹³⁷. Em relação às plantas, já fora falado. As diversas espécies que deveriam ser semeadas em Buenos Aires precisavam passar por um processo de aclimação. Por isso, seu projeto previa a criação de espaços para aclimação e estudo das espécies.

Sarmiento dedicou muita atenção à formação dos professores. Eles, como já demonstrado, ocupavam uma posição central dentro de seu projeto. Contudo, a

¹³⁵ SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.15.

¹³⁶ Ibid., p.15.

¹³⁷ Ibid., p.32.

Argentina praticamente não os possuía, pelos menos, não em quantidade e com a capacidade necessária. Havia, então, a necessidade de formá-los. Depois de formados, eles deveriam permanecer nas suas funções. Dois grandes motivos poderiam impedi-los de permanecer como tais: as grandes oportunidades de enriquecimento em outras atividades, como nos Estados Unidos, ou o pequeno número de pessoas com formação, como no Chile. No segundo caso, a escassez de pessoas capacitadas fazia com que estas, terminado o período em que eram obrigadas a lecionar, buscassem ocupações mais rentáveis. Já na Europa, havia muitas pessoas com instrução mediana, mas não tantas ocupações que lhes possibilitariam o enriquecimento. Daí que muitos mestres prosseguiam na prática da sua profissão.

Sarmiento tinha plena consciência do papel central do professor no processo educativo e da necessidade de valorizá-lo. Assim, além de formar um grande número de professores, era preciso garantir-lhes bons rendimentos. Somente dessa maneira seria possível contar com sua prestimosa colaboração por muito tempo. Ele acreditava ter encontrado a solução para isso na associação entre o desempenho de atividades públicas e a concessão de tempo e meios para dedicar-se aos seus interesses particulares de enriquecimento.

[...] El maestro salido de la Escuela Normal pasará a las propiedades de las Escuelas, adonde llevará consigo su peculio en plantas para propagar, donde hallará casa i ocupaciones varias, prospecto de fortuna i interes de continuar la residencia que le dá, desempeñando deberes públicos, tiempo i medios de cuidar de sus intereses¹³⁸.

Assim, o professor, ao se formar, receberia casa e oportunidade de se dedicar a outras atividades. Enquanto estivesse lecionando, receberia esses benefícios. Daí que o cumprimento das suas obrigações públicas lhe permitiria obter vantagens particulares. Acreditava Sarmiento que nessa fórmula estava a solução para a permanência dos professores no exercício da docência.

¹³⁸ SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p. 33.

Indispensáveis à educação eram os livros. “Para educar un pueblo, el primer elemento es el libro, i el libro barato i en numerosas ediciones”¹³⁹. Não bastava ensinar a ler, havia a necessidade de garantir acesso ao que seria lido. Nesse sentido, as bibliotecas populares apareciam como poderoso instrumento de educação comum e a continuação e complemento da escola. Elas eram “la palanca del desarrollo i civilización de los Estados-Unidos”¹⁴⁰. Também deveriam render bons frutos à Argentina.

Havia, porém, um grande empecilho à instalação das bibliotecas e à difusão do livro: a língua. As grandes obras não eram escritas em espanhol e muito raramente traduzidas. Logo, seria necessário traduzir os livros que futuramente comporiam as bibliotecas argentinas. Eles seriam de três classes diferentes: textos de ensino primário e superior, livros de instrução útil e as grandes obras mestras da humanidade. Estas eram consideradas as mais importantes. A respeito delas, perguntava Sarmiento: “por qué el Cosmos de Humboldt, La Mecánica celeste de La Place, las obras de Buffon, los trabajos de Cuvier, de Lacépède i Beaumont no están en castellano?”¹⁴¹. De grande utilidade para se ter acesso a todas essas obras era a imprensa, devendo a Argentina desenvolver essa indústria.

Eis os princípios gerais sobre a educação comum: (1) o Estado deveria dirigir a educação comum; (2) ela deveria ser voltada para a agricultura; (3) as terras públicas deveriam ser reservadas à fundação de estabelecimentos de educação comum; (4) esta deveria ser gratuita; (5) a instrução deve ser estendida gradativamente ao indivíduo, constituindo as escolas primárias apenas o primeiro passo de uma série de desenvolvimentos que se sucederiam; (6) a lei se encarregaria de proteger as crianças; (7) a criação de uma administração especial para a educação comum; (8) o Estado disseminaria os conhecimentos úteis por toda a sociedade.

¹³⁹ Ibid., p.36.

¹⁴⁰ SARMIENTO, D. F. **Plan combinado de educación común, silvicultura e industria pastoril (1855)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.36.

¹⁴¹ Ibid., p.37.

Da obra *Educación Popular para a Educación Comun*, percebe-se uma mudança de prioridades. Na primeira, a preocupação maior reside na formação básica do indivíduo, capacitando-o a participar ativamente da vida política da nação. Na segunda, a educação aparece com um fim mais utilitarista. Busca-se organizar um sistema de ensino que forneça mão-de-obra capacitada e abundante para a agricultura. Contudo, essa mudança não aparece como uma substituição, e sim como uma complementação. As duas obras se complementam e buscam dar conta do projeto de educação sarmientino.

Como já dito, ele não queria apenas uma educação moral, ou apenas voltada para a formação de cidadãos, ou apenas destinada a criar pessoal capacitado a contribuir para o crescimento econômico. Não verdade, esses três pontos deveriam ser contemplados pelo seu projeto. Eles eram indissociáveis. O progresso material surgia como condição para o desenvolvimento da moralidade. Esta não existiria sem aquele. Além disso, o indivíduo que recebesse uma educação mais técnica não estaria excluído de receber o direito de cidadania.

A condição principal para se capacitar a receber a cidadania era a educação primária, o que fica claro em *Educación Popular*. A proposta presente na segunda obra inclui a educação primária. Desse modo, além da educação necessária à constituição do indivíduo como cidadão, ele receberia uma formação específica para desempenhar um papel essencial ao progresso material e civilizacional da Argentina.

Não parece, então, que a mudança de prioridades entre as duas obras obedeça a uma lógica de substituição, ou seja, o abandono de uma perspectiva mais humanista em prol de uma mais pragmática. As duas são parte de um todo mais amplo; elas interagem e contribuem para o sucesso do projeto de nação que Sarmiento defendia e intentava colocar em prática.

Como defendido ao longo de capítulo, o projeto educacional de Sarmiento embasa a interpretação que é feita sobre um Sarmiento que buscava a construção de uma república virtuosa, alicerçada no humanismo cívico. Seus textos sobre educação deixam transparecer a idéia de que a cidadania estava aberta a todos que

recebessem as luzes da educação. Esta aparecia como condição à participação política.

Esse projeto de educação não se restringia aos imigrantes ou às classes mais abastadas. Ele era abrangente; deveria alcançar imensas parcelas da população. Assim, ao ater-se apenas a esses textos, o intérprete poderia concluir, com ampla margem de acerto, que Sarmiento propunha a inserção de todas essas parcelas, inclusive os gaúchos, no seu projeto político. Como resultado, poder-se-ia abrandar sua visão, sempre tão depreciativa, sobre os habitantes das campanhas.

Contudo, de acordo com o que foi afirmado na introdução, o propósito aqui é abordar a obra de Sarmiento como um todo, procurando destacar as transformações que ocorreram na sua visão ao longo dos anos e o paradoxo do seu americanismo. Não se pretende buscar uma visão totalizadora ou totalizante como propôs Feinmann, mesmo porque, ao fazer isso, ele procurou dar coerência ao pensamento sarmientino, coerência que não existia, incorrendo em erro, de acordo Skinner¹⁴².

Facundo era o protótipo do gaúcho na sua expressão mais bem definida. Juntava todas as suas qualidades e defeitos – essas qualidades, para uma sociedade civilizada, também se transformavam em defeitos. Ele era avesso a toda forma de disciplina e ordem. Estava acostumado à vida livre pelas campanhas, completamente ausente de formas de sociabilidade. Tomemos Quiroga como o modelo ideal dos gaúchos. Se estes mostravam tal aversão às formas civilizadas de vida, não eram capazes de se transformar nos tão desejados cidadãos virtuosos. De acordo com Feinmann, pode-se afirmar que a possibilidade de fazer-se e transformar-se em cidadãos somente seria possível aos habitantes da cidade. Como natureza, os gaúchos não poderiam transformar-se; eles estavam presos nesse determinismo que o meio lhes havia imposto¹⁴³.

Contudo, os escritos sobre educação de Sarmiento parecem transparecer uma idéia contraposta a essa, pois ele defendia um sistema de ensino que não os excluiria.

¹⁴² SKINNER, 2007, p.136.

¹⁴³ FEINMANN, José Pablo. Racionalidad e irracionalidad en Facundo. In:_____. **Filosofía y nación: estúdios sobre el pensamiento argentino**. Buenos Aires: Seix Barral, 2004. Quinto Estudio, p.195.

Muito pelo contrário, a educação também se derramaria sobre eles. Seria uma medida de grande importância para o desenvolvimento da civilização na Argentina. Sua proposta para a educação estava associada à ideia de educação política. À medida que receberiam educação, os argentinos se tornariam aptos a participar das decisões políticas da nação. A educação, na sua visão, não visava somente à formação de mão-de-obra. Era um importante instrumento de transformação e moralização do povo. A partir desse ponto de vista, poder-se-ia inferir que Sarmiento rompeu com ideia inicial de um gaúcho que estava preso dentro de um determinismo que a natureza lhe impunha, impossibilitando-o de se civilizar.

Sustentar essa afirmação, por sua vez, não é tarefa das mais fáceis. Isso não fica muito claro na sua obra como um todo. Se suas obras sobre educação sugerem isso, um escrito da década de 1860 comprova o que disse Katra sobre a política de terra arrasada contra os gaúchos do interior defendida por Sarmiento. Acredito ser mais factível sustentar uma dúvida em relação à capacidade de regeneração do gaúcho.

A edição estadunidense de Facundo foi acompanhada de *El Chacho*. Isso é revelador de que, na década de 1860, Sarmiento ainda se apoiava na dicotomia civilização-barbárie. A publicação desse texto junto com Facundo sugere que a vida de *El Chacho* é um exemplo da barbárie dos campos de que fala Sarmiento e do quanto isso era prejudicial à Argentina.

2.3 – *El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos* ou o extermínio como uma medida civilizatória.

Esse escrito é crucial para comprovar as hipóteses desta dissertação, uma vez que permite contrastar a visão dos gaúchos presentes nos escritos sobre educação. Vale lembrar que, nessas obras, ele não trata especificamente dos habitantes dos campos. A ideia de que eles poderiam ser assimilados pela civilização é mais sugerida do que explicitada.

Ao narrar aspectos da oposição de *El Chacho* aos intentos de Buenos Aires de submeter as províncias do interior, Sarmiento defendeu a ação violenta contra o caudilho e seus seguidores. Eles representavam uma forma arcaica de sociabilidade; não tinham nenhuma importância para a Argentina. Na verdade, eles representavam um estorvo ao desenvolvimento da nação. Por isso, seu aniquilamento era justificado. Tinha como base a antinomia civilização e barbárie. Ele representava justamente aquilo que impedia a Argentina de progredir: era a barbárie que se opunha obstinadamente à civilização.

Na visão de Sarmiento, *El Chacho* era tão abjeto que nem por curiosidade sua origem deveria ser destacada. Ele foi descrito como um ser rude, grosseiro, sem qualquer tipo de educação formal. Não tinha bons modos – os modos europeus – e se vestia barbaramente. Novamente aparece o tema das vestes. Vivia num universo sem leis, as campanhas, ou onde só predominava uma lei, a do mais forte.

Ele intervinha nos diversos conflitos que dilaceravam a Argentina, não por convicções políticas, mas para ganhar a vida. Sarmiento concluiu, então, que ele era uma espécie de mercenário. Como tal, em nada contribuiria para o engrandecimento da nação. Em muitos aspectos, as *montoneras* descritas por Sarmiento se assemelhavam aos mercenários de Maquiavel. Estes eram “desunidos, ambiciosos, indisciplinados, infiéis, valentes entre os amigos e covardes entre os inimigos”. Além disso, “não têm outra paixão nem motivo que os mantenha em campo senão um pequeno soldo, que todavia não é suficiente para fazê-los morrer por ti e seus líderes, quando excelentes nas batalhas, buscavam a própria glória”¹⁴⁴.

Da mesma forma que Maquiavel via os exércitos mercenários como “inúteis e perigosos”, também Sarmiento acreditava que as *montoneras*, particularmente a chefiada por *EL Chacho*, eram perigosas e atentavam contra os interesses da Argentina – mais precisamente o projeto de Argentina defendido por Sarmiento. Dessa maneira, concluía que ele não lutava por convicções políticas e outras

¹⁴⁴ MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.57-58.

quaisquer que tivessem um honroso propósito; não possuía um projeto. Na verdade, ele aparece como a negação das idéias de civilização e progresso.

Da descrição de Peñaloza, ele parte para uma descrição mais genérica do bárbaro:

[...] El bárbaro es insensible de cuerpo, como es poco impresionable por la reflexión, que es la facultad que predomina en el hombre culto. Es por tanto poco susceptible de escarmiento. Repetirá cien veces el mismo hecho si no ha recibido el castigo en la primera. El bárbaro huye pronto del combate; i seguro de su caballo, la persecución que no lo alcanza, no ejerce sobre su ánimo duraderos terrores. Volverá a reunirse lejos del peligro, sin echar muchas cuentas sobre los que mas tarde pudieran sobrevenirle¹⁴⁵.

Era esse ser que participava das tão temidas e depreciadas *montoneras*. Esses gaúchos não poderiam dar sua parcela de contribuição para a Argentina, pois eram desprovidos das qualidades necessárias à vida civilizada. Todos os seus atributos eram contrários a esse modo de vida. Contribuía para agravar ainda mais a situação deles o contato com os indígenas e a influência que sofreram destes.

[...] De estos resabios salió la montonera, pronunciándose al espirar en el movimiento final del Chacho, bajo las formas de un alzamiento de campañas, que bien examinado en sus localidades i propósitos, era casi indígena, como se verá por los hechos que vamos a referir. Por eso siempre que usemos la palabra caudillo, para designar un jefe militar i gobernante civil, ha de entenderse uno de esos patriarcales i permanentes jefes que los jinetes de las campañas se dan, obedeciendo a sus tradiciones indígenas [...] ¹⁴⁶.

Mais tarde, em *Conflicto*, Sarmiento defenderia, como será demonstrado, que ao se cruzarem as diversas raças, a indígena imprimiu suas características com mais força sobre as demais. Desse modo, os habitantes das campanhas não só eram influenciados pelos costumes indígenas, quando em contato com estes, mas também pelo cruzamento das raças, cujo predomínio era o da mais incivilizada dentre todas as que compunham a Argentina. Esses gaúchos, devido a tal influência, não poderiam, nem mesmo com a educação, superar suas incapacidades e se civilizar plenamente.

¹⁴⁵ SARMIENTO, D. F. **El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos (1868)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.08-09.

¹⁴⁶ Ibid., p.11.

Logo, o extermínio aparece como uma medida de grande importância para ajudar a extirpar a barbárie da Argentina. Não há uma defesa aberta do extermínio nem mesmo uma ação sistemática. Ele é circunstancial. Mas existe. Estava ligado ao contexto histórico da Argentina. A década de 1860, como visto na introdução, foi marcada pela busca da consolidação nacional, sob a autoridade portenha. Os líderes federais das províncias do interior não aceitaram a preponderância de Buenos Aires, o que resultou em guerras civis.

Esse contexto específico contribuiu para Sarmiento exacerbar sua postura contra os gaúchos, pois eram eles que se opunham ao projeto portenho de consolidação da nação. Eles representavam a barbárie que se opunha à civilização representada por Buenos Aires. Já que se estava num contexto de guerra, não se deveria dar-lhes outro tratamento que não estivesse pautado na violência.

Para Sarmiento, da vitória de Buenos Aires sobre a Confederação surgia a necessidade de uma reconstrução geral da república, desocupando as províncias daqueles que se opunham à causa portenha e impondo a Constituição da cidade porto ao resto da nação. Dever-se-ia acabar com as forças recalcitrantes representadas pelos caudilhos e suas *montoneras*, dentre os quais se destacava *El Chacho* – o que deveria se dar por meio das armas.

[...] El término de la guerra i el fruto de la batalla de Pavón, era pues despejar a las Provincias del personal de las antiguas i de las modernas criaturas de aquella política bastarda, i hacer práctica en sus efectos la Constitución que ya rejia a Buenos Aires. Un esfuerzo de los ciudadanos de la ciudad de Córdoba, derrocando el gobierno que aun adheria a los vencidos en Pavón i la actitud armada que Santiago del Estero habia conservado, simpática a la causa ya victoriosa, facilitaban la obra por esa parte, no requiriéndose el empleo de las armas, que solo serviría para dar confianza a los pueblos, mientras se organizaban nuevas administraciones. No sucedia lo mismo con respecto a las Provincias situadas a las faldas de los Andes. Los Saa se mantenían en armas en San Luis, Mendoza estaba gobernada por un miembro de la familia de los Aldaos, San Juan por un teniente de Benavides, la Rioja virtualmente por el Chacho¹⁴⁷.

Poderiam objetar que esse texto defende a execução de Peñaloza e, de maneira, alguma, poderia ser uma defesa de uma guerra contra os habitantes das *campañas*. Dessa maneira, não se poderia defender a idéia de que o extermínio de gaúchos serviria como uma medida civilizatória. Em relação a isso, deve-se destacar, em

¹⁴⁷ SARMIENTO, D. F. **El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos (1868)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.15.

primeiro lugar, que não há uma defesa aberta do extermínio. Isso é sugerido pelo texto. Em segundo lugar, quando o autor passa do singular (Chacho) para o geral (masas ignorantes de las campañas) ele caracteriza todos esses habitantes como bárbaros. Na verdade, *El Chacho* aparece como o representante máximo do bárbaro nesse período da história argentina. Ele reúne em si todos os males que essas massas carregam. Daí que a justificativa da sua execução era uma justificativa da execução dos bárbaros, que representavam uma sociedade retrógrada e sempre renitente aos avanços civilizacionais.

[...] Pero imaginaos una conspiración de oscuros cabecillas, de masas ignorantes que se ajitan sordamente en las campañas, o en las mas bajas capas sociales de las ciudades, sin ideas, sin periódicos, sin órganos audibles, porque lo que pasa entre peones i paisanaje no llega a oídos de la sociedad culta que vive de otras ideas i de otros intereses, i os daréis cuenta de los síntomas esteriore de este estado de cosas, de los rumores que corren, de algo que se siente i no se ve, sino por la fisonomia insolente de uno, por una palabra que a otro se le escapó, por la amenaza de un tercero de lo que ha de suceder despues¹⁴⁸.

Essas massas ignorantes e alheias aos homens cultos e a suas idéias ameaçavam a civilização; colocavam em risco a consolidação nacional tão cara ao progresso argentino, segundo Sarmiento. Não compartilhando dos mesmos interesses da elite portenha e de seus porta-vozes (os homens cultos), essas massas criavam toda sorte de empecilhos às medidas que levariam a Argentina a se civilizar.

Sarmiento salientava as ações do caudilho e dos seus correligionários nas imediações de San Juan, destacando as desordens causadas por eles nas províncias do interior e os maléficos resultados disso para o governo nacional. Desqualifica-os afirmando que do movimento do caudilho não participou nenhum homem educado. Foi um movimento plebeu e bárbaro, que colocou em risco a república. A insurreição de Penáloza representou grande risco aos esforços de modernização empreendidos por Mitre. Contudo, não era apenas um sistema político ou um governo o que eles ameaçavam destruir. “Es todo orden social, es la propiedad tan penosamente adquirida, toda esperanza de elevar a estos pueblos al

¹⁴⁸ SARMIENTO, D. F. *El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos (1868)*. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.26.

goce de aquellas simples instituciones que aseguran a mas de la vida el honor, la civilización, i la dignidad del hombre”¹⁴⁹.

Essa insurreição deveria ser severamente punida. Os “malvados” deveriam ser castigados. Sarmiento defendia um tratamento mais duro aos “bárbaros”. Os insurretos não deveriam ter garantias; não mereciam o direito de *habeas corpus*. “El habeas corpus fué al fin de mil experimentos, el medio que se inventó para reclamar de toda prisión injusta, escepto en casos de insurrección, que el *habeas corpus* no garante”¹⁵⁰.

A execução de Penãloza não fora vista como ilegal. As instruções do Ministro da Guerra ao governador de San Juan eram para punir os salteadores, inclusive com a pena capital. Assim, a execução do caudilho nada mais foi do que o cumprimento de ordens que estavam de acordo com a legalidade. Já que as *montoneras* eram formadas por salteadores, na visão de Sarmiento, dever-se-ia fazer contra elas uma guerra de polícia.

Para se defender de seus acusadores, que o acusavam de agir da mesma forma que Rosas, de também empregar a violência, como este o fazia, Sarmiento procurou argumentar de maneira a se distanciar dele. Para ele, o crime da política de Rosas foi aplicar a pena de morte a pessoas ilustres, civilizadas, que contribuía para o progresso da nação.

[...] El crimen de la política de Rosas que ha hecho execrable su nombre, estaba en que mantuvo veinte años la pena de muerte aplicada a prisioneros, jefes ilustres del ejército i ciudadanos pacíficos, con agravación de crueldades horribles. El partido político que combatia su tiranía salvaje se componia de las clases cultas de la sociedad, representadas en la guerra por los mas ilustres Generales de la Independencia.¹⁵¹

Além disso, a oposição que lhe faziam era legítima, posto que o caudilho de Buenos Aires usurpou o poder e implantou uma tirania. Lançou nas trevas da barbárie aquilo que os unitários, sob Rivadavia, conseguiram nas primeiras décadas após a

¹⁴⁹ Ibid., p.32.

¹⁵⁰ SARMIENTO, D. F. **El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos (1868)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.44.

¹⁵¹ Ibid., p.70.

Independência. Por sua vez, a oposição de Peñaloza a Buenos Aires era ilegítima e colocava em risco a república. A punição que ele recebera estava prescrita em lei – era a forma tradicional de castigar os salteadores – e era um ato moralmente aceito.

Essa diferença que Sarmiento procurou estabelecer entre ele e Rosas no que concerne às execuções que conduziram – no caso de Sarmiento, mais àquelas que apoiou –, sustenta-se na idéia de uma diferença qualitativa entre prisioneiros de guerra e políticos, de um lado, e de criminosos, do outro. Os primeiros não poderiam ser executados. Isso era ilegal. Já os criminosos, sim. Sendo as *montoneras* consideradas criminosas, as execuções daqueles que dela faziam parte eram legais. Tendo em vista esse argumento, ele condenava as execuções levadas a cabo por Rosas e justificava as realizadas pelos seus correligionários, inclusive com a violência que as caracterizou. Eis suas palavras: “los salteadores notorios están fuera de la lei de las naciones i de la lei municipal, i sus cabezas deben ser espuestas en los lugares de sus fechorías”¹⁵².

Sarmiento insiste na associação entre o índio selvagem e as montoneras. Para ele, não havia diferença significativa entre o índio e o gaúcho a cavalo: “entre el gaucho de a caballo i el indio de la Pampa la línea divisoria en fisonomia, hábitos e ideas es tan vaga, que no acertaría cualquiera a fijarla”¹⁵³. Essa associação permite entender o que tenho procurado demonstrar neste tópico. Os índios eram considerados seres inferiores. Assim sendo, não tinham capacidade de contribuir para a nação que Sarmiento pretendia erigir. Se os gaúchos da montoneras muito se assemelhavam aos índios, pode-se concluir que eles igualmente seriam incapazes de contribuir para a nação. Soma-se a isso o fato de Sarmiento nunca ter defendido uma educação para os indígenas, pois, como ficará claro em *Conflicto*, eles eram naturalmente incapazes. Aqueles gaúchos que a eles se assemelhavam também seriam, por seus hábitos e herança genética, incapazes de se civilizar, mesmo se recebessem educação.

¹⁵² SARMIENTO, D. F. **El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos (1868)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.73.

¹⁵³ *Ibid.*, p.70.

Se a educação poderia levar o gaúcho a se civilizar e se tornar cidadão, isso não seria uma regra, como fica claro na comparação que ele faz dos integrantes das *montoneras* aos índios. Sarmiento condenava todos os gaúchos que faziam parte dessas unidades militares conduzidas pelos caudilhos como bárbaros que em nada contribuía para o desenvolvimento da república. Sendo a negação da sociedade, elas eram perniciosas a esse modo de organização humana. O fragmento a seguir é muito esclarecedor a esse respeito.

[...] Ni como individuos, ni como nación, ni como raza, nos es dado tener confianza en nuestras propias ideas de gobierno. Así se ha visto cómo un bárbaro que no sabe leer, un salteador de caminos, basta para poner en peligro nuestra frágil organización, incapaz por lo mal ajustada de resistir al menor choque. No se há hecho en Italia entrar en el plan constitucional el brigandaje de los Abruzzos, como la montonera argentina no se prestará nunca a composición. Son ambas negaciones de la sociedad misma que toda institución orgánica presupone¹⁵⁴.

Por isso a destruição das *montoneras* – que não estava desvinculada do extermínio daqueles que as formavam – aparece como uma saída viável e necessária para o bem da república. Assim Sarmiento conclui a obra ora analisada:

[...] Hemos por esto dado grande importancia al drama al parecer humilde que terminó en Olta en 1863. Era como las goteras del tejado, despues que la lluvia cesa, la última manifestación del fermento que introdujeron Artigas a la márjen de los ríos, Quiroga a las faldas de los Andes. El uno desmembró el Virreinato, el outro inutilizó el esfuerzo de Itusaingo, con treinta años de convulsiones internas. Civilización i barbarie era a mas de un libro un antagonismo social. El ferrocarril llegará en tiempo a Córdoba para estorbar que vuelva a reproducirse la lucha del desierto, ya que la Pampa está surcada de rieles. Las costumbres que Ruguendas i Pallière diseñaron con tanto talento, desaparecerán con el medio ambiente que las produjo, i estas biografías de los caudillos de la montonera, figurarán en nuestra historia como los megateriums i cliptodones que Bravard desenterró del terreno pampeano. Monstruos inesplicables, pero reales¹⁵⁵.

Atesta a necessidade que havia de acabar com os caudilhos e seus seguidores. Seres anacrônicos para a nova Argentina que se formava sob a liderança de Buenos Aires, estavam condenados a desaparecer. Seriam lembrados como parte do passado, da “pré-história” Argentina. Uma nova era se avizinhava, e esta já não comportava mais as *montoneras*. Elas desapareceriam com o meio que ajudou a produzi-las. As campanhas ficariam livres delas e a modernidade avançaria pelos

¹⁵⁴ SARMIENTO, D. F. **El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos (1868)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.74.

¹⁵⁵ Ibid., p.75.

campos, modificando-os e não permitindo que deles novamente brotasse a barbárie que até então tinha consumido a república em guerras civis.

Disso resulta outro aspecto importante da idéia de extermínio, até aqui defendida. Além do extermínio físico dos gaúchos, pelo menos daqueles que integravam as montoneras, havia a necessidade de extermínio do meio no qual eles viviam e, segundo Sarmiento, eles eram moldados. E para esse segundo ponto, como mencionado, o papel principal seria dado à modernidade, principalmente com as estradas de ferro. Mas não só elas. Em *Educación Comun* estava em destaque o domínio da natureza pelo homem. Quando propôs a criação de escolas agrícolas nas campanhas, o cercamento dos pastos, a melhor utilização dos recursos do gado, Sarmiento propunha a limitação da natureza, sua domesticação. Defendia a interferência e o domínio do homem sobre a natureza. Assim, o extermínio da ordem da natureza e sua necessária subordinação ao homem resultariam no fim do fértil terreno do qual os caudilhos, suas montoneras e seus gaúchos brotavam.

El Chacho era o representante de um modo de vida, de uma maneira de ser, de uma sociedade bárbara. Assim, quando defende o assassinato deste, pode-se concluir que ele defende o fim mesmo desse tipo de sociedade e daqueles que a formavam. Assim como parte da descrição do caudilho para uma descrição mais genérica do bárbaro e do seu mundo, caracteriza um mundo que não mais poderia existir. Sua existência era um entrave à civilização. Daí que uma das medidas civilizatórias, na visão de Sarmiento, como tenho defendido, era o extermínio dos gaúchos e da ordem da natureza. Isso não quer dizer que ele defendia uma política sistemática de destruição da barbárie por meio do assassinato dos gaúchos. Ele considerava o extermínio uma medida necessária; extrema e não sistemática, mas necessária, pois tinha sua parcela de contribuição para acabar com a barbárie dos campos argentinos, formada pelas montoneras (e aqueles que dela faziam parte) e seus líderes, marcados por um atavismo que deveria ser extirpado da Argentina.

Como destacado, não se defende aqui que Sarmiento tenha feito uma proposta consistente a respeito do extermínio da barbárie por meio do extermínio dos “bárbaros”, ou mesmo que isso tenha sido sua principal proposta. Longe disso. Sua prática, contudo, aponta para o aniquilamento deles como medida necessária para Buenos Aires se impor ao resto da nação e empreender sua missão de guiar a Argentina rumo à civilização, o que fica claro no escrito analisado acima. O contexto

no qual estava inserido – de oposição entre Buenos Aires e os caudilhos do interior – contribuiu para essa posição mais extremista que ele adotou, que o afastava do republicanismo cívico e, num mesmo movimento, aproximava-o da idéia da *virtú* maquiavélica. Do governante capaz de se adiantar aos desígnios da *fortuna* e, inclusive, se aproveitar deles. Desse modo, ele aproveitou-se da oposição encarniçada dos caudilhos e dos seus gaúchos para fazer-lhes uma guerra de terra arrasada: “No trate de economizar sangre de gauchos. Éste es un abono que es preciso hacer útil al país. La sangre es lo único que tienen de seres humanos”¹⁵⁶.

¹⁵⁶ SARMIENTO, apud KATRA, 2000, p.287.

3. IMIGRAÇÃO E SOBERANIA NACIONAL NA DÉCADA DE 1880

Um tema tratado à exaustão nos artigos de Sarmiento no *El Nacional* e no *El Diario*, na década de 1880, fora a preocupação em garantir a soberania nacional frente às nações européias que forneceram emigrantes ao Prata. Num contexto neocolonial, o receio de intromissão de países europeus na América do Sul aumentava. Ainda em 1855, Sarmiento destacava a ingerência dos governos de outros países nos negócios internos da Argentina, com o objetivo de resguardar os direitos dos seus cidadãos nesse país. Apresentou o exemplo da Inglaterra que procurou evitar que as propriedades argentinas pertencentes a ingleses estivessem sob a jurisdição dos tribunais nacionais. Os resultados dessa intromissão poderiam ser prejudiciais às nascentes nações. “Las consecuencias de tales pretensiones pueden ser incalculables, y van nada menos que destruir toda nacionalidade en estos países nascentes, y organizar Estados en el Estado, por nacionalidades extranjeras, con sus gobiernos respectivos”¹⁵⁷.

Essas mesmas nações européias, que pretendiam ter jurisdição sobre os seus cidadãos e os seus bens, limitavam os direitos dos estrangeiros em seus territórios. Além disso, na Europa, os estrangeiros compunham uma pequena parcela da população, enquanto, na América, eles formavam um grande contingente, que crescia a cada dia. Apesar da defesa que sempre fizera da imigração, esse aumento do número de imigrantes e as tentativas estrangeiras de se intrometer nos assuntos internos poderiam estrangeirizar a maior parte da população e das propriedades. Daí a necessidade de conceder o direito de cidadania àqueles que se dirigiam à Argentina. Eles deveriam fazer parte da vida política da nação.

A concessão de cidadania implicava também obrigações para aqueles que a recebiam. Sarmiento via como um grande problema e até como uma injustiça a não participação dos estrangeiros na defesa dos interesses nacionais. Os argentinos perdiam tempo defendendo as propriedades e o território nacional, tempo que poderiam dedicar a afazeres que resultariam em riquezas para eles. Por outro lado,

¹⁵⁷ SARMIENTO, D. F. Introdução. In: _____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.02.

os imigrantes, como não tinham essa obrigação, investiam mais tempo em tarefas que lhes permitiam enriquecer.

Demonstra muito bem esse receio da intromissão estrangeira nos assuntos internos um artigo que Sarmiento publicou no *El Nacional*, em 1855, polemizando a respeito das questões relacionadas à propriedade de um estrangeiro que morresse sem ter parentes e as consequências desse fato. Discorre sobre isso a partir da oposição aos termos de um tratado com a Inglaterra. De acordo com esses termos, após a morte de um cidadão inglês, ao cônsul ficaria a responsabilidade de nomear um síndico para cuidar dos seus bens e, resolvidos todos os trâmites legais, transmitir a propriedade aos parentes do morto, se houvesse parentes dele em seu país de origem.

Para Sarmiento, esse problema seria resolvido se os imigrantes solicitassem a cidadania argentina. Sarmiento realizou uma intensa campanha periodística com esse intento. A preocupação com essa questão já estava presente na década de 1850 e se estendeu pelas décadas seguintes, ganhando mais força e importância na de 1880. Nesse período, houve um aumento extraordinário da imigração e se acirraram as disputas imperialistas, principalmente com as unificações italiana e alemã, transformando a questão da imigração num assunto de soberania nacional.

Ele se ressentia do fato de os imigrantes não solicitarem a cidadania argentina. Diferentemente, nos Estados Unidos, os imigrantes se tornavam cidadãos. Na Argentina, o imigrante se casa, “adquiere fortuna, y se arraiga; pero es extranjero. El servicio militar no le obliga; la defensa de su propiedad misma no le atañe. Si el nacional cierra su taller para acudeir el llamado de la autoridad, él permanece tranquilo, exento de estas perturbaciones”¹⁵⁸. Sarmiento afirmava a necessidade de não se fazer do título de estrangeiro um privilégio se havia a pretensão de se formar uma nação. Eles deveriam ter os mesmos direitos e as mesmas obrigações dos nacionais, arcando com todas as responsabilidades que isso requeria.

¹⁵⁸ SARMIENTO, D. F. Indemnizaciones. In: _____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.09.

[...] Nuestro deber es reaccionar contra este espíritu de invasión sobre nuestra sociedad, y los elementos que la constituyen. No hagamos del título de extranjero un privilegio, si queremos formar una nación. El inmigrante es un ciudadano argentino por la propiedad que posee, por la industria que ejerce, por las leyes que lo protegen. Sino es ciudadano activo, es porque halla ventaja en no llenar estos deberes, y no debemos permitir que haya una prima dada al egoísmo¹⁵⁹.

Para Sarmiento, não bastava aos estrangeiros apenas explorar as riquezas do solo. Eles deveriam ser partícipes da vida política da nação. Seria, pois, necessário criar impedimentos aos estrangeiros que só se preocupassem com a exploração das riquezas que o país tinha a oferecer. Era justamente por tornar desvantajosa para os estrangeiros essa situação, que, nos Estados Unidos, estes acabavam se tornando cidadãos.

[...] Toda protección al inmigrante, para que se establezca e arraigue en el país; toda desventaja para el que solo quiera explotar de tránsito las ventajas del suelo, tal es la práctica de los Estados Unidos, y el espíritu del pueblo. De ahí viene que los inmigrantes no se conserven extranjeros, pues no les honra ni favorece este título¹⁶⁰.

Essa forma de tratamento também deveria ser dada pelos argentinos aos imigrantes. A imigração deveria ser estimulada, assim como a exploração das riquezas. Contudo, os privilégios advindos da condição de estrangeiros deveriam ser abolidos. Na verdade, a situação de estrangeiros deveria ser desvantajosa para os imigrantes, pois

[...] Si no obramos así, va á llegar un dia en que nos habremos suicidado à nosotros mismos y hecho desaparecer la población nacional, para dejar su lugar á otra que no reconocerá otras leyes que las de Inglaterra, las de Francia, las de Cerdeña, de Espana, etc¹⁶¹.

A concessão da cidadania aos estrangeiros, mediante o desejo destes de se tornarem cidadãos, evitaria ainda que os filhos de imigrantes nascidos na Argentina se tornassem estrangeiros no país onde nasceram. Essa preocupação absorveu boa parte do tempo e dos artigos de Sarmiento na década de 1880, mas já estava presente em meados da década de 1850, quando escreveu um artigo denominado

¹⁵⁹ SARMIENTO, D. F. Indemnizaciones. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.14.

¹⁶⁰ Ibid., p.14.

¹⁶¹ Ibid., p.14.

*Cuestiones de Ciudadanía*¹⁶². Neste texto, ele se opôs à pretensão do governo francês de estender a cidadania francesa aos filhos de franceses nascidos na Argentina. Defendia que eles deveriam ser considerados cidadãos argentinos, e não franceses.

Essa mesma regra servia para todos os imigrantes que tivessem filhos nascidos na Argentina. Em relação a isso, os imigrantes ingleses, segundo Sarmiento, causaram desordens pelas ruas de Buenos Aires, uma vez que não aceitaram que seus filhos fossem considerados cidadãos argentinos. Para eles, seus descendentes deveriam manter a nacionalidade de seus pais, neste caso específico, a nacionalidade inglesa. Para Sarmiento, o não cumprimento dessa regra por parte dos ingleses, mostrava que eles não conheciam as leis que regiam a própria Inglaterra, país no qual era concedida a cidadania àqueles que lá nasceram. As leis argentinas, nesse aspecto, não destoavam das inglesas. “La ley de Buenos Aires sobre nacionalidade es la misma ley de Inglaterra”¹⁶³.

Subjacente a essa defesa está a questão da soberania nacional. Permitir que os filhos de estrangeiros nascidos na Argentina adotassem a cidadania do país de origem dos seus pais, colocaria em risco a própria nação. De acordo com cálculos feitos por Sarmiento, se isso acontecesse, a maioria da população do seu país seria composta de estrangeiros – de pessoas regidas por leis de outros países. O governo de seu país teria que abrir mão dos seus direitos e da sua soberania.

[...] Para que los argeninos hijos de ingleses sean gobernados por otras leyes que las del país donde han nacido, se necesita que la América del Norte y toda la américa de Sud, convengan en despojarse de suas derechos sobre todo lo que está bajo la jurisdicción de sus gobiernos¹⁶⁴.

Essa oposição dos ingleses em relação à adoção da cidadania argentina aparece num artigo que ele escreveu em setembro de 1857, no *El Nacional*, como sendo uma manifestação de raça. Segundo afirmava, os ingleses eram os primeiros em diversas indústrias, mas tinham sérias dificuldades para se relacionar com outros povos, principalmente por preservarem seus hábitos e suas idéias.

¹⁶² SARMIENTO, D. F. Cuestiones de ciudadanía. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.20.

¹⁶³ Ibid., p.21.

¹⁶⁴ Ibid., p.21.

[...] El inglés vive en país extranjero, conservándose inglés en sus hábitos, en sus ideas e por la excelente constitución de la familia que le es propia, puede llegar a aislar la suya del país en que vive, y infundirle el mismo sentimiento de egoísmo nacional que domina á sus padres. No tiene otra explicación la pretensión de esos jóvenes que han pretendido mirar en menos al país de su nacimiento, por adherir á las afecciones de raza que les han transmitido sus padres en el contacto doméstico¹⁶⁵.

O exemplo inglês poderia abrir precedentes para mais tumultos: “si hoy se unen los ingleses para suscitar en las calles un tumulto, por qué no lo harán mañana los italianos con otros motivos, los franceses mas tarde, los españoles alguna vez?”¹⁶⁶. Na segunda metade da década de 1850, a situação de Buenos Aires já não era de paz. Poderia piorar ainda mais com essas manifestações de raça. Sarmiento conclamava a sociedade portenha a reprovar, com ele, essas manifestações, que eram causa de desordem e de instabilidade.

Na sua visão, o imigrante via a Argentina apenas como um lugar de passagem, voltado única e exclusivamente para o seu enriquecimento; uma necessária etapa pela qual tinha que passar até voltar à sua terra natal. O objetivo dele não era criar raízes na América. No entanto, muitos dos imigrantes que voltaram, segundo Sarmiento, sentiram-se estrangeiros nas suas antigas pátrias, pois, mesmo acalentando um sonho de retorno e não querendo criar raízes, perceberam que já não se identificavam muito com sua antiga nação e que já tinham criado algumas raízes na Argentina.

[...] Así viviendo entre dos existencias no há gozado de la una ni puede gozar de la otra, sin ser ciudadano de ninguna de la dos patrias, infiel á ambas, extranjero en todas partes, sin llenar los deberes que la una ó la otra imponen á los que nascen e residen en ellas¹⁶⁷.

O estrangeiro vive um trauma, pois passa a ter uma existência dividida. A partir dessa constatação, ele afirma que a melhor alternativa para o estrangeiro que imigrou na Argentina seria a solicitação da cidadania e a sua inserção na vida política da nação. Dessa maneira, o trauma vivido por uma existência dividida entre os dois mundos aos quais ele pertencia e não pertencia desapareceria.

¹⁶⁵ SARMIENTO, D. F. Manifestacion de raza. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.27.

¹⁶⁶ Ibid., p.28.

¹⁶⁷ SARMIENTO, D. F. La comunidad extranjera. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.39.

Apesar de constatar que os estrangeiros não mantinham sua nacionalidade intocada, permaneceu o intento por parte deles e de governantes de seus países de conservá-los dentro da antiga nacionalidade e também de estendê-la a seus filhos. Ao explicar o fechamento do diário francês *L'Union*, num artigo de novembro de 1855¹⁶⁸, ele afirmava que, não obstante a existência de milhares de franceses na Argentina, não havia uma França, ou seja, não havia gostos, interesses e predileções franceses, que permitiriam a criação de uma comunidade de interesses. A tentativa de criar uma entidade ou uma coletividade estrangeira, quaisquer que fossem, seria um erro, que resultaria em desencantos. “Tres tentativas de crear un diario en francés, sin allar éco en la población francesa, pueden servir de antítesis al idealismo de la diplomacia francesa de hacer franceses en Buenos Aires á los argentinos hijos de franceses”¹⁶⁹.

Percebe-se certo otimismo de Sarmiento em relação a essa perda, na prática e em parte, de identidade dos estrangeiros. Sendo essa realmente a realidade, ele acreditaria ser menos árdua a tarefa de construir uma nação mais coesa, na qual as diversas partes se amalgamariam a partir da participação política dos imigrantes. Seria mais fácil para estes se integrarem na sociedade argentina, uma vez que já não teriam o mesmo apego à sua antiga mãe pátria. O primeiro passo seria a tomada de consciência disso.

Contudo, seu otimismo se esvaía na medida em que os estrangeiros que emigravam para a Argentina insistiam em manter essa condição, além de querer estendê-la a seus filhos. O caso dos imigrantes italianos é um claro exemplo disso. Eles fundaram diários e escolas, por meio dos quais pretendiam aplicar uma educação que Sarmiento chamou de italianizante. Boa parte dos artigos produzidos na década de 1880 tinha o claro objetivo de criticar esse modelo de educação.

Sarmiento não era contra o ensino de outras línguas. O problema não era esse. Na verdade, ele até considerava importante o conhecimento de outros idiomas. Ele se opunha a uma educação que buscava exaltar os valores italianos; uma educação

¹⁶⁸ SARMIENTO, D. F. *L'Union*. In: _____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.40.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p.42.

que transformava argentinos – no caso específico, os filhos de italianos nascidos na Argentina – em italianos. O que não poderia acontecer não era o ensino de outra língua, como já destacado, e sim o ensino através de outro idioma. Citando o exemplo dos Estados Unidos, ele afirmava que neste país outros idiomas eram ensinados, mas o que era ensinado o era feito em inglês. Assim, o ensinar italianamente decorreria de um plano de reproduzir uma Itália na América.

[...] Verdad es que no se trata solo de enseñar en italiano, sino de educar italianamente á los niños que sean italianos por alguno de sus cuatro abuelos; á fin de conservarlos tales. Laboulaye nos había hecho un cuadro de la vida americana con su celebrado Paris en América para dar a sus compatriotas en Francia una idea práctica de la Libertad, que no conocían sino de nombre. Ahora no se trata de un libro jocoso y satírico contra la patria, sino de un plan para hacer una Italia en América, dando en las escuelas á los americanitos, educación italiana, á fin de que se empapen desde ahora en las ideas monárquicas de la Italia, en su lucha con el papado, en sus aspiraciones á la Italia irridenta, porque al fin no conocemos otro rasgo en que se distinga un italiano argentino, de un argentino italiano¹⁷⁰.

Essa Itália na América seria transportada para a Itália na Europa, ou seja, a educação dada aos filhos de italianos nessas instituições visaria a prepará-los para emigrar; realizar o movimento inverso ao dos seus ascendentes. Se a imigração cumpria, dentre outros, o papel de povoar a Argentina, essa emigração fazia um desfavor ao projeto sarmientino.

Seu discurso, além de se opor a esse projeto italianizante dos diários e das escolas, cumpria a função de convencer os italianos residentes na Argentina e seus filhos das vantagens de permanecerem nesse país e de se tornarem cidadãos argentinos. Para tal, ele destacava as condições que a Argentina oferecia para o enriquecimento material dos imigrantes e as oportunidades de participar da vida política da nação. Em contrapartida, essas condições não estavam presentes na Itália. Assim, fazer o movimento de volta seria um grande erro.

Não somente o medo de despovoar a Argentina preocupava Sarmiento. A educação à qual ele tanto se opôs – italianizante – também impunha sérios entraves ao desenvolvimento da soberania nacional, por dois motivos principais. Em primeiro, se alguma criança que tivesse essa educação, ao chegar à idade adulta, viesse a ser

¹⁷⁰ SARMIENTO, D. F. Una Italia en América. In: _____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.69.

ministro de guerra ou das relações exteriores, em momentos de conflitos com a Itália, acabaria tomando decisões favoráveis a esta nação, e não à que deveria representar.

O fato de haver filhos de italianos nessas funções não seria grande problema se eles tivessem recebido uma educação nas escolas públicas argentinas, e não nas escolas italianizantes. “De estos no haya miedo. No se educan italianamente; se educan argentinamente”¹⁷¹. Àqueles educados para serem italianos se deveria fechar as portas a cargos de grande importância para a manutenção da soberania nacional.

[...] No sucederá con los de las escuelas italianas, educado con ideas italianas, para servir e amar á la Italia y no á la República Argentina. De estos es preciso guardarse. No son argentinos; se educan para extranjeros. Debe, pues, exigírseles á sua padres una declaración formal, de que es su ánimo que sus hijos no sean jamas argentinos, y sean por nuestras leyes tenidos en la condición de extranjeros. Debe llevar-se un registro de los matriculados en esas escuelas iatalianas, para hacer constar la inhabilidad de cada uno de ellos cuando lleguen á ser aultos, para ejercer empleo ninguno¹⁷².

Nesse aspecto, o Sarmiento cosmopolita desaparece. Até a educação pública parece voltada, dentre as razões já destacadas no segundo capítulo, para a manutenção da frágil e, na visão de Sarmiento, ameaçada soberania nacional. É lógico que não se pode falar num projeto educacional voltado para o culto dos símbolos e dos heróis da pátria. Para ele, não era a defesa da soberania o papel principal da educação. Contudo, como mostra Bertoni, na década de 1880, já se começa a pensar que a educação poderia e deveria cumprir esse papel¹⁷³.

O segundo motivo se relacionava com o contexto neocolonial, marcado pelas disputas entre as potências imperialistas para aumentar suas áreas de influência. “O imperialismo do final do século XIX (...) foi produto de uma era de concorrência entre economias industrial-capitalistas rivais, fato novo e intensificado pela pressão em

¹⁷¹ SARMIENTO, D. F. Una Italia en América. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.71

¹⁷² Ibid., p.72.

¹⁷³ BERTONI, Lilia Ana. **Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas**: la construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p.41-44.

favor da obtenção e da preservação de mercados (...)”¹⁷⁴. Após a unificação, a Itália também se lançou na corrida imperialista em busca de mercados e de prestígio. Sua expansão agressiva fora uma exigência mesma do nacionalismo nascente. Para Hobsbawm, os movimentos nacionalistas europeus, particularmente o alemão e o italiano, eram a favor da expansão agressiva de seus Estados¹⁷⁵. Havia, pois, entre os líderes argentinos, a preocupação com a interferência das potências estrangeiras, sobretudo a Itália, nos assuntos internos.

De acordo com Lilia Ana Bertoni, a imigração, na década de 1880, gerava grande inquietude e temor entre os argentinos. Isso porque alguns políticos italianos afirmavam que a expansão italiana deveria se dirigir a todos os lugares onde existiam colônias italianas¹⁷⁶. Ou seja, defendiam a expansão do Estado italiano, seu domínio sobre outras regiões, neste caso particular, sobre a república argentina.

Dessa forma, a ameaça da ingerência de outra nação nos assuntos internos levou pensadores e políticos argentinos a pensar a questão da soberania nacional em novos termos. A nacionalidade absorveu as preocupações dos grupos dirigentes, mesmo não sendo um tema novo. Ela já era pensada pela geração romântica. No entendimento desta, nação e Estado eram equivalentes: construir a nação era construir institucionalmente o Estado. Com o imperialismo e a imigração maciça surgiu a necessidade de se repensar a nacionalidade¹⁷⁷. Daí que as preocupações de Sarmiento, nesse contexto, como já frisado, estavam voltadas para essa questão; ele buscou meios de garantir a soberania da nação frente às propostas imperialistas de políticos italianos e daqueles que as defendiam na própria Argentina.

Para a preservação da soberania nacional não se poderia permitir a exaltação dos valores e da pátria italiana. Seria necessário combatê-los, acabar com esse mal. Salientava Sarmiento que a defesa dessa educação que exaltava a pátria e os valores italianos resultava de uma enfermidade denominada nostalgia patriótica, que

¹⁷⁴ HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. 8.Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.109-110.

¹⁷⁵ Ibid., p.203-204.

¹⁷⁶ BERTONI, 2001, p.17.

¹⁷⁷ BERTONI, 2001, p.17-18.

acabava se degenerando em ódio e menosprezo ao país que lhes abriu as portas da prosperidade.

Sarmiento diferenciava duas formas de lamentações, de saudade da pátria abandonada. Em suma, duas expressões de patriotismo. A primeira, a dos antigos, ele considerava legítima. Como exemplo dessa expressão, apareciam Ovídio, Cícero e outros italianos que sofreram com o desterro. Também as lamentações judias fazem parte dela, pois resultaram do cativeiro que fora imposto aos judeus. Assim ele explicava a legitimidade e a justiça dessa forma de patriotismo: “es que la patria tenia encantos y la espatriación forzada de los antiguos, horrores de que no tenemos idea hoy”¹⁷⁸. Ao serem forçados a abandonar suas pátrias, perdiam a liberdade e as instituições que tanto amavam.

A segunda era a dos modernos. No mundo moderno, isso não existia. Dessa forma, o patriotismo dos modernos, particularmente dos italianos que pretendiam fundar uma Itália na América, era ilegítimo. As instituições e as liberdades que os antigos perdiam quando saíam de seus países, os modernos não perdiam. Isso se apóia na idéia de Sarmiento de que no mundo moderno as instituições, as liberdades e os vários direitos que lhe estavam associados se encontravam difundidos também pelas Américas. Logo, a negação em assumir a cidadania argentina acentuava o caráter de enfermidade do patriotismo dos italianos e de outros imigrantes. Percebe-se isso claramente no fragmento abaixo:

[...] En nuestros tiempos de civilización homogénea y universal, americana, europea, de líneas de vapores por caminos, y de cables submarinos por estafeta, el patriotismo como recuerdo, es simplemente una enfermedad que se llama nostalgia¹⁷⁹.

Outro fator que também servia para deslegitimar o patriotismo dos modernos era o fato de que os imigrantes que se dirigiram à Argentina e demais países da América não foram obrigados a isso, nem pelo desterro nem pelo cativeiro. Emigraram em busca de uma vida melhor, o que realmente encontraram, pois havia, na América, condições para o enriquecimento que almejavam. Na verdade, esse continente

¹⁷⁸ SARMIENTO, D. F. La nostalgia en América. In: _____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.74.

¹⁷⁹ Ibid., p.74.

oferecia mais oportunidades do que a Europa, servindo como remédio para a referida doença.

[...] Viniendo á nuestras comarcas, y para aplicar el remedio á la nostalgia, diremos que Buenos Aires, Rio de Janeiro, Montevideo, Santiago y Valparaiso están á igual ó á mayor altura qual a mayor parte de las ciudades europeas, que no le exceden en población. En Buenos Aires hay mas *confort*, mas gusto, que en el Havre ó en Barcelona. En cuanto a la cultura general de estos países, hay mucho que desear; pero tomada en massa la población, en cuanto á desarrollo intelectual, no cede á ciertas comarcas de Italia, Espana, Irlanda, Francia, por no nombrar el resto. El censo no da mayor número de personas que sepan leer de entre los inmigrantes, que entre los hijos del país, y esta es medida infalible; y téngase presente, que el acto de emigrar, ya es indicio de cierta cultura, la bastante para saber que el mundo no se acaba á pocas leguas de la aldea y aun de la ciudad en que hemos nacido. Los alemanes emigran en mayor número do que nación alguna, porque todos saben leer, y en la escuela aprenden que en América son mejores las condiciones de vida¹⁸⁰.

Ao estabelecer uma separação entre duas expressões de patriotismo – dos antigos e dos modernos –, legitimando uma e deslegitimando a outra, Sarmiento não se opunha ao patriotismo. Considerava-o importante. Sua oposição ao patriotismo dos modernos resultava de sua nocividade para a Argentina, na medida em que tinha como causa a patologia denominada nostalgia da pátria, que se degenerava em menosprezo e ódio em relação à nação para a qual emigravam.

Dessa forma, ele pretendia que os cidadãos argentinos, fossem eles filhos de estrangeiros, estrangeiros naturalizados ou nativos, assumissem uma posição de patriotas. Porém, para ele, o patriotismo estava associado à idéia de civismo, de participação na vida política da nação: “el patriotismo es el civismo, el sentimiento social que existe en cada hombre aun en estado latente; el sentimiento del gobierno, si se puede decir así”¹⁸¹. Nenhum homem poderia viver sem ele.

De fato, o que pretendia Sarmiento era convencer os residentes estrangeiros na Argentina e seus filhos da importância de assumirem a cidadania argentina e todas as consequências resultantes desse ato. Ao tornarem-se cidadãos, eles participariam das decisões políticas da nação e cumpririam todas as obrigações, inclusive na defesa do país. Tulio Halperin Donghi destaca que, para Sarmiento, os

¹⁸⁰ SARMIENTO, D. F. La nostalgia en América. In: _____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p. 76.

¹⁸¹ Ibid., p.78.

estrangeiros deveriam abandonar essa neurose para descobrir que seus interesses e seus afetos os ligavam à comunidade argentina. Para ajudar na cura, o governo nacional deveria vigiar severamente a ação da imprensa e das escolas estrangeiras. Dessa forma, eles se identificariam com os interesses do país no qual estavam e assumiriam a condição de cidadãos¹⁸². Ele sabia que convencê-los disso não seria tarefa fácil, uma vez que se mostravam relutantes em adquirir tal direito.

Isso aparecia com mais clareza na comparação da situação argentina com a estadunidense. Nos Estados Unidos, a maioria dos imigrantes requeria o direito de cidadania, enquanto poucos o requeriam na Argentina. Para Sarmiento, tal fato se devia aos privilégios que a condição de estrangeiro garantia aos imigrantes neste país. Esses privilégios não eram concedidos nos Estados Unidos. O que se deveria fazer na Argentina era acabar com vantagens que a condição de estrangeiros garantia.

Ele afirmava que a maior parte da população trabalhadora de Montevideu e Buenos Aires era composta por estrangeiros. Esse fato não era passageiro e acidental, e sim normal e crescente; a tendência era o aumento do número de trabalhadores imigrantes, que, em alguns anos, seriam maioria. A razão que levava a maioria dos imigrantes rumo à América do Norte não era natural, mas circunstancial. Assim sendo, chegaria a hora em que a imigração européia se derramaria com toda força sobre as praias da América do Sul.

A previsão de Sarmiento, às vezes parecida com uma profecia, gerava otimismo e receio. Otimismo porque o aumento de imigrantes resultaria, na sua perspectiva, em desenvolvimento material. O receio provinha daquilo que já fora discutido acima, a saber: a insistência deles em permanecer estrangeiros na Argentina e de querer uma educação estrangeirizante para seus filhos, formando enclaves estrangeiros na América. Os diários estrangeiros se tornaram os principais porta-vozes dessa idéia.

[...] Tenemos diarios de todas las naciones del mundo y en eso no hay nada vituperable, pero sus títulos muchas veces revelan la tendencia de los espíritus y las ideas mas ó menos acentuadas que quieren insinuar. Tenemos por ejemplo *Courrier de la Plata*, *Correo Español*, *L'Operario Italiano*. Nada mas

¹⁸² DONGHI, 1998, p.213.

natural que haya una hoja que de las noticias del país ausente; pero tenemos aquí *La Espana, La Colonia Española, Patria Italiana*, á distinción de la outra patria, *La Patria Argentina* que inducen al lector a creerse en España ó en Itália aquí como en sus respectivas penínsulas. Los españoles aquí son la España en América, como Laboulaye hacía un París en América; pero esta ficción literaria tenía por obejto enseñar á los franceses á ser allá republicanos como los de Norte-América, mientras que el diario peninsular nos invitaria patrióticamente á volver á ser españoles en América¹⁸³.

A solução para esse problema residia na naturalização dos estrangeiros por meio da adoção da cidadania argentina. A partir de 1883 e, principalmente, na segunda metade da década de 1880, os escritos de Sarmiento no *El Nacional* se concentram nessa questão. Ele tentava convencer os estrangeiros da necessidade de se tornar cidadãos argentinos. Pensadores e políticos desse período também refletiram sobre o tema da cidadania. Houve uma intensa discussão sobre como esse direito deveria ser concedido aos estrangeiros. Dentre eles, havia aqueles que defendiam a concessão imediata do direito de cidadania. Ao chegar à Argentina, o estrangeiro se tornaria cidadão. Sarmiento estava entre aqueles que discordavam dessa proposta. Para ele, seria necessário que o imigrante estivesse morando no país já há algum tempo e que solicitasse tal direito.

Se for possível afirmar que ocorreu uma mudança no pensamento sarmientino a respeito da imigração; se sua visão sobre a capacidade moral dos imigrantes já não era a mesma na década de 1880; se estava decepcionado por não terem imigrado em massa na Argentina elementos das nações do norte da Europa, não se pode afirmar, por outro lado, que ele descartou a importância do imigrante para a vida política da República Argentina. O fato de ele ter defendido que os imigrantes se tornassem cidadãos argentinos e participassem ativamente da vida política da nação já é uma prova disso. Para Donghi, nada estava mais longe de Sarmiento do que alijar os imigrantes da vida nacional. Na verdade, considerava a participação deles importantíssima para a nação¹⁸⁴.

Incitava-os a abandonar a indiferença que marcava a relação que tinham com a nação na qual estavam e a participar da construção da República Argentina, com todas as instituições livres que lhe eram correlatas. As lutas políticas eram “las

¹⁸³ SARMIENTO, D. F. Las colônias libres del Plata. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjerio en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.103.

¹⁸⁴ DONGHI, 1998, p. 213.

mismas de gran parte de la Europa por hacer efectivas las instituciones libres y representativas, y dar á la conciencia en los hechos la libertad que Dios y la historia le han asegurado”¹⁸⁵.

Considerava que a abstenção dos imigrantes, que formavam um enorme contingente populacional, da participação política geraria uma cisão entre os que governariam e os que seriam governados. Os nacionais se encarregariam de tomar as decisões concernentes à política, enquanto os imigrantes trabalhariam. Aliás, esse é um tema ao qual Sarmiento dava muita atenção. Salientava que os imigrantes, propulsores do desenvolvimento econômico, contribuía com impostos, mas não interferiam na maneira como eles seriam aplicados.

Os imigrantes, por sua vez, não deveriam receber a cidadania automaticamente, como propunham alguns. Essa proposta fora rechaçada com veemência por Sarmiento, que dizia não haver precedentes desse tipo de coisa na história da humanidade, nem os atenienses antigos, nem os europeus modernos faziam esse tipo de concessão. Entre estes, os estrangeiros não eram aceitos em termos de igualdade, fato que só ocorria na América, onde todos os estrangeiros tinham os seus direitos civis respeitados. Não precisariam pedir solicitação para exercer sua indústria, obter bens imóveis, entrar, sair, testar, contrair matrimônio, comprar, vender, etc. Logo, em relação a esses direitos não havia problema. Eles eram considerados direitos do homem enquanto homem. Era essa condição que os garantia.

Já em relação aos direitos políticos, havia a necessidade de solicitação expressa. O imigrante antigo – casado, com filhos e bens – optaria pelo direito político para governar seus próprios negócios. Os imigrantes recém-chegados não falavam a língua do país, não tinham propriedade, nem descendentes nascidos nele. Por isso, não tinham representação. Eles teriam que se fixar no país e desejar a cidadania.

[...] La ciudadanía dada a los emigrados sin solicitarla, seria la cosa mas sencilla, si pudiera definir siempre el emigrado. Cuantos años de residencia se necesita para ser reputado tal? Usará del derecho de gobernar cuando le

¹⁸⁵ SARMIENTO, D. F. Los extranjeros en las elecciones. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p. p.183.

venga á cuento puesto que no há dicho que esa es su voluntad, y dejará de usar del don no solicitado, cuando haya pasado el estímulo? Con qué credencial se presentará en la mesa electoral para acreditar que es ciudadano, puesto que es optativo el serlo? Dónde declaro querer serlo? Luego allí solicitó con el boleto ser tenido por ciudadano?

No creemos necesario mas que lo expuesto, para mostrar cuán poco preparados vienen ignorando que ser ciudadano, es simplemente adquirir el derecho de gobernar el país dando su voto para el nombramiento de autoridades, y que lo que piden que se le conceda sin solicitarlo nominalmente, para no responder de su uso, es nada menos que disponer de la suerte del país¹⁸⁶.

Outrossim, conceder o direito de voto indiscriminadamente constituía grave problema, pois se poderia fazer péssimo uso dele, permitindo que políticos inescrupulosos e aproveitadores assumissem o poder.

[...] Sin las preocupaciones legales tomadas en toda América para verificar con documentos judiciales escritos, quienes tenían de antemano el derecho del ciudadano, un día de elección pueden ser echados sobre las mesas electorales de la culta ciudad de Buenos Aires, acaso por partidários poco escrupulosos, millares de votos obtenidos subrepticamente, pues ya se vió en Nueva York que el voto ignorante de naturalizados en mayoría pudo sostenes quinze años una banda de ladrones que se apoderaran una vez del gobierno¹⁸⁷.

Para Sarmiento, aquele que não desejava a cidadania era indigno de receber tal direito, pois se recusava a tomar em suas mãos a direção política da nação na qual vivia e, em consequência, sua própria vida. “Indigno es vivir en casa ajena, pudiendo vivir en la propia, siendo ciudadano; es indigno hacerse gobernar por otros que nuestros representantes, cuando tenemos en nuestras manos gobernarnos á nosotros mismos”¹⁸⁸. Os imigrantes, na Argentina, desdenhavam de uma situação que os homens, no mundo inteiro, desejavam: ser livres e cidadãos.

Buenos Aires crecia e se desenvolvia materialmente. Sarmiento apresentou dados com o fito de corroborar essa idéia. Segundo defendia, parecia que a mais próspera cidade norte-americana havia sido transplantada para a América do Sul. Ainda de acordo com ele, possuía muitas peculiaridades européias e raríssimas sul-americanas. Até as condições do povo baixo melhoraram. Em relação ao seu crescimento, as cidades européias ficavam para trás.

¹⁸⁶ SARMIENTO, D. F. Nacionalizacions de los millones que viene y vendrán. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.191.

¹⁸⁷ Ibid., p.191.

¹⁸⁸ SARMIENTO, D. F. La dignidad del extranjero. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.195.

No obstante todo esse desenvolvimento, ela não possuía cidadãos e o patriotismo oriundo destes. Os estrangeiros insistiam em se manter nessa condição. Aplicou a Buenos Aires o mito da Torre de Babel, da confusão das línguas, de maneira a ilustrar que ninguém se entendia. Porém, na versão sarmientina, Deus não castigara os homens, pois eles não quiseram construir nada de comum acordo. A confusão das línguas era uma opção deles mesmos, que se recusavam a fazer parte da república e interferir politicamente em seus destinos.

Como conclusão, pode-se afirmar que Sarmiento mudou sua opinião sobre a imigração, principalmente por causa da maior parte dos imigrantes que foram para a Argentina, provenientes da Europa meridional, e não os tão sonhados europeus do Norte. De acordo com Ricardo Falcón¹⁸⁹, a maioria dos imigrantes que se dirigiram à Argentina, no período de 1830 a 1860, era do noroeste da Europa. Contudo, nesse período, a imigração ainda era incipiente e, em números absolutos, era pequena a quantidade de imigrantes dessa região no país. Esses eram os imigrantes que transplantariam para a Argentina os elementos de civilização. Com eles viriam saber técnico, ferramentas, indústrias, capital (em algumas situações), ética de trabalho, capacidade empreendedora, etc. Isso contribuiria para o progresso material. Além disso, eles também contribuiriam para o progresso moral e civilizacional.

A partir de 1860, predominou a imigração da região sudeste. Além disso, aumentou o número de imigrantes que entraram na Argentina. No momento que se iniciava o incremento da imigração, partiam para a Argentina justamente aqueles estrangeiros que, para Sarmiento, ocupavam os últimos lugares entre os europeus.

A idéia de transplante desapareceu na década de 1880, quando sua preocupação maior era com a nacionalidade. Nesse período dois problemas correlatos absorveram seus escritos sobre emigração: a defesa da soberania nacional e a naturalização dos estrangeiros por meio do direito de cidadania. A adoção desta e a participação na vida política da nação garantiriam a soberania da Argentina frente às outras nações, particularmente a Itália, que, nesse período, representava a maior ameaça.

¹⁸⁹ FALCON, Ricardo. Los trabajadores y el mundo del trabajo. In: BONAUDO, Marta (Org.) **Nueva Historia Argentina**. 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. Tomo 4, cap.VIII, p. 488-493.

Acarretaria em equívoco, por sua vez, afirmar um abandono da imigração como parte do projeto civilizador. Mesmo sendo a maioria dos imigrantes italianos e espanhóis, ele cria que estes poderiam contribuir politicamente. Para isso, eles deveriam se tornar cidadãos, como frisado. Assim, o fato de Sarmiento insistir na naturalização dos imigrantes e na participação deles na vida política da nação revela que não havia uma descrença total no papel da imigração, nem uma mudança radical, apesar da mudança.

Já não via a imigração como um transplante, é verdade. Ele não pensava, na década de 1880, que a vinda dos imigrantes resultaria na vinda dos tão caros elementos de civilização. Porém, a imigração continuaria a contribuir para o desenvolvimento material. Seus textos no *El Diario*, ao defender a incorporação dos imigrantes na vida política da nação, baseavam-se no argumento de que eles eram os que mais pagavam impostos, pois eram os que mais produziam riquezas e, conseqüentemente, os que mais enriqueciam.

Como já apontado, o direito de cidadania não poderia ser dado sem a solicitação expressa dos imigrantes. Sarmiento usava os termos imigrante e estrangeiro como sinônimos, o que também fora feito nesse trabalho. Entretanto, há um artigo no qual ele diferencia esses dois termos. Mais do que marcar uma diferença que realmente existia entre eles, marcava uma distinção entre dois tipos de estrangeiros. Ele usou a palavra imigrante para se referir àqueles estrangeiros que já estavam radicados na Argentina; e o termo estrangeiro para aqueles que não possuíam propriedades e se constituíam em trabalhadores assalariados, além de outros que aparecem no fragmento abaixo.

[...] Nada tenemos que hacer con estos y podemos contarlos pela estadística de estos cinco últimos años, son doscientos mil. Los extranjeros turistas, transeuntes, agentes, chefes de casa de comércio realmente extranjeros, solo piden al país que les deje librarse á sus quehaceres y el tránsito libre¹⁹⁰.

Quando defendia a concessão da cidadania, mediante a expressa solicitação, não era para estes, e sim para os primeiros. Os imigrantes estabelecidos na Argentina é que deveriam recebê-la. “No hablamos, pues, con extranjeros, cuando de leyes de

¹⁹⁰ SARMIENTO, D. F. Nacionalizaciones de los millones que viene y vendrán. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.190.

ciudadanía se trata; hablamos de emigrados e imigrantes que han venido a establecerse en el país, y hace años lo habitan tranquilamente”¹⁹¹.

Deve-se destacar que muitos desses imigrantes não a requisitaram, permanecendo estrangeiros na Argentina e ameaçando a soberania, na medida em que aumentavam em número. Sarmiento temia justamente esse aumento e a relutância dos imigrantes em permanecer de fora da política nacional, quando não pioravam a situação defendendo uma educação estrangeirizante, cujo principal exemplo vinha das escolas italianas.

Sua excessiva preocupação com a soberania nacional aponta para o abandono do ideal de uma república virtuosa, baseada na intensa participação dos cidadãos na vida política da nação. Isso corrobora a idéia que está sendo defendida de uma desilusão a respeito do projeto americanista de construção de um republicanismo cívico. Os elementos humanos que contribuiriam para a transformação dos hábitos argentinos, não migraram em massa para a Argentina, de modo que não se conseguiu a contribuição que se esperava deles.

Essa transformação dos hábitos era vista como fundamental para o projeto civilizacional de Sarmiento. Com seus hábitos industriais e civilizados, os imigrantes dariam sua parcela de contribuição para a transformação pela qual a Argentina deveria passar. Não cria somente na mudança de costumes. Aparecia também a figura do Legislador, que deveria ordenar a vida da nação.

[...] Era un diálogo que conjugaba la acción espontánea de usos y costumbres con la voluntad de un legislador dispuesto a definir el contenido de la legitimidad republicana, su razón de ser y, sobre todo, el principio que la anima¹⁹².

Não se alcançou essa mudança de costumes, pois seus principais agentes não se dirigiram na quantidade necessária para tanto. Diante disso, deveria trabalhar com o que se tinha – italianos e espanhóis. Como será salientado no próximo capítulo,

¹⁹¹ SARMIENTO, D. F. Nacionalizaciones de los millones que viene y vendrán. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.190.

¹⁹² BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana**: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo. Buenos Aires: Sudamericana, 1997, p.318.

apesar de considerá-los superiores, numa escala civilizacional, aos negros, asiáticos e indígenas, em comparação aos europeus do Norte, eles eram inferiores. Mesmo assim, Sarmiento ainda contava com a contribuição deles para a política. Sua visão, no entanto, já não carregava o mesmo otimismo que tinha quando pensava nos alemães e suíços. Mesmo assim, ele acreditava que os imigrantes poderiam contribuir para a vida política da nação, desde que assumissem a cidadania, por dois fatores principais: evitariam a ameaça que sofria a soberania nacional e arcaíam com o ônus de ajudar a governar o país. Esses objetivos que deveriam cumprir, contudo, já não eram os mesmos que pensara outrora.

Estava cada vez mais distante do seu horizonte a idéia de transplante dos hábitos civilizados e industriais dos imigrantes. A imigração que se estabeleceu não tinha mais, na sua visão, a capacidade de regeneração moral e política. Sua contribuição já não era a mesma. Além do mais, representava uma ameaça à soberania nacional. Quando tentava convencer os estrangeiros a se naturalizar e participar das decisões políticas, buscava antes de tudo eliminar a possibilidade de intromissão das nações européias nas questões internas da Argentina. Em suma: pretendia garantir a soberania nacional.

Outro ponto importante a destacar neste capítulo é a importância do Estado na condução da política e na organização da sociedade. Quando se opôs aos diários italianizantes, Sarmiento defendeu a necessidade de o Estado intervir de maneira a limitar e fiscalizar suas ações. Caso isso não acontecesse, eles continuariam defendendo idéias que colocavam em risco a soberania da nação frente à Europa. O direito de liberdade de imprensa deveria ser cerceado, neste caso. Aparece em destaque um Sarmiento menos liberal, disposto a defender a diminuição da liberdade para alcançar seus objetivos quanto ao futuro do país.

Essa constatação ajuda a corroborar a hipótese defendida aqui do paradoxo presente no americanismo de *don yo*. Para Sarmiento a ação do Estado se fazia necessária para por em prática suas reformas, o que já foi demonstrado, e aparece, inclusive, como um meio de controlar a imprensa, de modo a garantir que não dificultasse o desenvolvimento nacional.

Acredito que a segunda hipótese – da desilusão a respeito do projeto civilizador por meio das reformas americanistas conduzidas pelo Estado – começou a se delinear neste capítulo sobre a imigração, pois a forma como esta se deu, sem os europeus do norte, não permitiu avançar muito em termos civilizacionais e na criação de uma república virtuosa.

Para tornar mais clara essa idéia, o próximo capítulo versará sobre o problema das raças em Sarmiento. A composição racial da Argentina não permitiria o pleno êxito das reformas sarmientinas, mesmo que conduzidas por um Estado forte. O conflito e o amálgama de raças inferiores, segundo seu pensamento, impediam-na de alcançar o desenvolvimento desejado.

4. RAÇA, RACISMO E RACIALISMO EM SARMIENTO

“O selvagem está entregue a si mesmo, desde que pode agir. Mal terá conhecido a autoridade da família; jamais curvou a sua vontade perante a de seus semelhantes; ninguém os ensinou a discernir uma obediência voluntária de uma submissão vergonhosa, e ignorar até o nome da lei. Para ele, ser livre é escapar a quase todos os laços de sociedade. Compraz-se nessa independência bárbara e preferiria morrer a sacrificar a menor parte dela. A civilização pouca influência tem sobre tal homem”.

Aléxis de Tocqueville

A questão racial alcançou grande importância no pensamento sarmientino na fase final da sua vida. Essa questão é de grande importância para comprovar a hipótese defendida neste trabalho. Foi justamente sua crença na incapacidade das raças que estiveram na formação da Argentina e que ainda a habitavam que lhe causou grande desalento em relação à viabilidade de seu projeto americanista.

No final da sua vida, Sarmiento se aproximou mais das explicações científicas sobre a existência de raças superiores e inferiores. *Conferencia sobre Darwin e Conflicto* comprovam isso. Nessas obras, ele pretendia dar um tratamento mais científico à questão das raças, diferente do que aconteceu em *Facundo*. Esta obra fora marcada pelo racismo, enquanto aquelas estavam dentro da lógica racialista. A diferença entre racismo e racialismo permite explicar a posição mais científicista – ou pseudocientíficista – adotada por ele no final da vida.

De acordo com Tzvetan Todorov, a reflexão acerca das diferenças e semelhanças entre os seres humanos assumiu a forma de uma doutrina das raças. Ao fazer essa constatação, ele apresenta uma distinção entre racismo e racialismo. O primeiro se refere, quase sempre, a um comportamento de ódio e desprezo àqueles seres dotados de características físicas diferentes. O racista comum não é visto como alguém que teoriza a respeito das diferenças entre as raças, valendo-se de

argumentos “científicos” para tanto¹⁹³. Se for observado o Sarmiento de *Facundo*, ver-se-á que ele era racista, mas não racialista. Não obstante considerar o diferente inferior, não apresentava argumentos pretensamente científicos para provar isso.

Já o segundo termo se refere às doutrinas, às explicações pretensamente científicas. Não é apenas um comportamento, como no caso do racismo. Este, muitas vezes, se apóia naquele. O exemplo mais catastrófico da história foi o nazismo. Enquanto o racismo é um comportamento antigo e de extensão universal, o racialismo é mais recente – de meados do século XVIII a meados do século XX e tem demarcado o seu lugar de nascimento: a Europa Ocidental¹⁹⁴.

Todorov destaca um conjunto de cinco proposições que formam a versão clássica disso que ele denominou de doutrina racialista. (1) *A existência das raças*: consiste em afirmar a existência das raças e das diferenças entre elas, de grupos que guardam características entre si e que se opõem a outros, cujos membros também possuem características semelhantes. (2) *A continuidade entre o físico e o moral*: além de indivíduos com aparência semelhante dentro de um mesmo grupo, o racialista destaca a solidariedade das características físicas com as morais. Estas resultariam daquelas. Ao observar um indivíduo e o classificar como pertencendo a uma raça, o racialista também lhe atribui um determinado comportamento. Isso implica na defesa de uma possível transmissão hereditária dos caracteres morais de uma determinada raça. (3) *A ação do grupo sobre o indivíduo*: o mesmo princípio determinista age no sentido de subordinar a ação individual à ação do grupo, de maneira que seu comportamento depende, em grande medida, do grupo racial-cultural ao qual pertence. (4) *Hierarquia universal dos valores*: além de afirmar a existência das raças e das diferenças entre elas, o racialista acredita que umas são superiores a outras, o que resulta na hierarquização de valores e na criação de um padrão de avaliação que serve a julgamentos universais. Essa escala de valores acaba sendo marcada pelo etnocentrismo e no ápice da hierarquia se encontra a etnia à qual pertence o autor racialista. No caso específico de Sarmiento, no alto da hierarquia estavam os europeus do norte. (5) *Política baseada no saber*: esta

¹⁹³ TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. 1.v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993, p.107.

¹⁹⁴ TODOROV, 1993, p.107.

proposição está ligada às quatro primeiras. Depois de afirmar a existência das raças e da continuidade entre o físico e moral, de mostrar que os indivíduos dentro de um grupo sofrem a ação deste e de hierarquizar-las a partir de um conjunto de valores etnocêntricos, o racalista faz um julgamento moral e defende um ideal político. Dessa forma, a submissão e até a eliminação das raças consideradas inferiores são justificadas. Essas proposições podem ser encontradas isoladamente. Na ausência de alguma delas, já não se pode mais falar em doutrina racalista, mas pode-se dizer que é uma doutrina aparentada ou próxima¹⁹⁵.

Essa discussão fora deixada para esta parte do trabalho porque é em *Conflicto* que Sarmiento fala explicitamente sobre raças e propõe uma explicação “científica” para os problemas da Argentina. É nessa fase que se pode afirmar seu racismo com mais propriedade. Porém, em outras obras, essas proposições também aparecem. Em *El Chacho*, os gaúchos são apresentados como inferiores, devido à influência do meio e do grupo. Há uma correlação entre seus aspectos físicos e a conduta moral. A influência do grupo sobre o indivíduo é marcante, talvez o fato que mais se destaque. O parâmetro para julgá-los é universal. Sarmiento compartilhava do etnocentrismo europeu. Era a partir dos valores da Europa que se deveria julgá-los. De acordo com esses valores, eles eram considerados inferiores, pois nem nos modos nem no agir se pareciam com os europeus. O vestir-se e o agir “(...) eran medios de burlarse taimadamente de las formas de los pueblos civilizados”¹⁹⁶. Por fim, defendeu não só a eliminação de Peñaloza, mas também das montoneras e de seus integrantes.

No seu sentido moderno, a palavra raça foi utilizada pela primeira vez em 1684, por François Bernier. No entanto, foi com Buffon que teve início a construção do racismo. Na base dessa construção, está a idéia que ele desenvolveu sobre a unidade do gênero humano. Só havia uma espécie de homens. E o que unia o gênero humano, na sua visão, era sua oposição radical aos animais. Enquanto os seres humanos eram racionais os animais eram irracionais. O homem era considerado o único ser capaz de transmitir através de sinais o que se passava em

¹⁹⁵ TODOROV, 1993, p.108-111.

¹⁹⁶ SARMIENTO, D. F. *El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos (1868)*. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.07.

seu interior. Essa capacidade estava ausente nos animais. Tanto o homem selvagem quanto o polido falavam, transmitiam suas intenções por meio de sinais. Nenhum animal possuía esse sinal de pensamento em grau algum.

Essa idéia de unidade do gênero humano por sua vez é que permitiu o início do racismo na medida em que postulava uma hierarquia dentro do grupo dos seres humanos. Uma vez que pertencem a uma mesma espécie, podem ser julgados a partir dos mesmos critérios, o que resultava na constatação de que havia uns que eram superiores a outros. Quanto mais avançada era uma organização social mais avançado era aquele que dela fazia parte. No alto da hierarquia se encontrava a Europa Setentrional, logo abaixo estavam os outros europeus, depois os habitantes da Ásia e da África. Os selvagens da América apareciam na parte mais baixa dessa hierarquia. Segundo Todorov, todos os elementos de uma civilização se encontravam qualificados por julgamentos de valor¹⁹⁷. Quase contradizendo a cisão inicial, Buffon colocava os índios pouco acima dos animais, de modo que quase não se diferenciavam.

Voltaire também acreditava na natureza quase animal das raças inferiores, assim como Buffon. Porém, sua diferença em relação a este residia no fato de defender que a humanidade surgiu em pontos diferentes do globo. Assim, nem todos os humanos pertenceriam à mesma espécie. Para ele, as raças eram espécies. Não havia, no seu pensamento, unidade de gênero. A escala de valores para julgar as várias raças era a mesma, eurocêntrica. Os enciclopedistas também compartilhavam dessa hierarquização, que colocava a Europa Setentrional no cume.

Voltando a Buffon. Ele enumerou três parâmetros para identificar o que constituía a variedade na espécie humana: cor da pele, forma física e costumes. Na sua concepção, existia uma correlação entre esses três parâmetros. A cor da pele e a forma física caracterizariam os costumes e a moral de uma raça. “Físico e moral são indefectivelmente ligados”¹⁹⁸.

¹⁹⁷ TODOROV, 1993, p.116.

¹⁹⁸ Ibid., p.119.

Ao abordar a obra de Sarmiento, percebe-se que há muitos aspectos coincidentes com os defendidos por Buffon. Contudo, não se tem o objetivo de apresentá-lo como um seguidor das idéias de Buffon, ou mesmo como alguém que tenha se apropriado de algumas delas. Acredito que ele esteja mais na linha do racismo. Não teve apenas a influência de Buffon, mas sim da doutrina racista, como apresentada acima, nas suas cinco proposições definidoras. Neste momento, a apresentação das idéias de Buffon sobre as raças cumpre o papel de apresentar o desenvolvimento da doutrina racista.

Suas idéias racistas e, em certa medida, as de Voltaire, sofreram modificações nos duzentos anos seguintes. Renan, Gobineau, Taine (1828-1893) e Le Bon seguiram nessa linha. Suas formulações, apesar de apresentar novos elementos, guardavam características daquelas elaboradas por Voltaire e Buffon. Continuaram a considerar os negros e índios os seres mais inferiores e as pessoas nascidas na Europa Setentrional as mais avançadas na hierarquia da humanidade. Le Bon, por exemplo, distinguia quatro grandes raças: a raça selvagem (indígenas da Austrália), a raça inferior (negros), a raça intermediária (mongóis, tártaros, chineses, japoneses) e a raça superior (indo-europeus). Dentro deste último grupo também havia divisões. Os que dele faziam parte eram os únicos capazes de se civilizar. Aqueles que estavam no grupo da raça intermediária poderiam alcançar alguns traços de civilização. Já os pertencentes aos dois primeiros grupos não tinham capacidade de se civilizar¹⁹⁹.

O racismo está ligado desde o início ao cientificismo. A ciência, nesse caso, como destaca Todorov, foi utilizada para fundar uma ideologia²⁰⁰. Esse entrelaçamento se deu com mais força na segunda metade do século XIX. Os propagadores mais zelosos dessas premissas científicas da doutrina das raças foram Taine, Renan e Gobineau. O cientificismo repousa no determinismo integral e na submissão da ética à ciência. Partia da idéia de que tudo era determinado e que se podia por meio da ciência encontrar as leis que permitiam entender esse determinismo. Ela permitiria encontrar as razões e, por conseguinte, explicar as diferenças entre as raças, ou seja, a superioridade de uma em relação às outras.

¹⁹⁹ TODOROV, 1993, p.122-124.

²⁰⁰ Ibid., p.128.

Nessa breve exposição sobre o desenvolvimento da doutrina racialista pode-se encontrar as cinco proposições que a fundamentam: (1) existência das raças; (2) continuidade entre o físico e moral; (3) ação do grupo sobre o indivíduo; (4) hierarquia universal dos valores; (5) política baseada no saber.

Se essas cinco proposições forem aplicadas à obra de Sarmiento, poder-se-á dizer que ele também foi um racialista, ou que, ao menos, compartilhou de um repertório racialista. Mas isso só seria mais plausível na fase final da sua vida, pois é o período em que ele dá mais importância à questão das raças e procura justificar cientificamente sua posição a respeito delas. Algumas dessas idéias já se encontravam em *Facundo*, porém não havia uma tentativa clara de definir e explicar cientificamente as raças. Por isso, fora afirmado que essa obra era racista e não racialista. Já *Conflicto*, de uma maneira geral, possui esses elementos, como ficará claro na interpretação proposta aqui para essa obra.

Sarmiento apresenta as três raças que estiveram na formação da Argentina: os espanhóis, os negros e os índios. Isso poderia ser lido também como brancos, negros e índios. Dentro desses grupos havia subdivisões. No grupo dos brancos, encontravam-se os do norte da Europa e os do sul. Estes não possuíam as mesmas virtudes daqueles. E entre os do sul, os espanhóis eram considerados os mais atrasados, devido em grande parte à inquisição. Isso marca uma diferença entre os autores que estiveram na origem da doutrina racialista, uma vez que estes só dividiam entre os europeus do norte e os outros europeus. Não aparecem distinções entre os negros. Já os indígenas se subdividiam em três grupos, de acordo com o grau de docilidade que possuíam. Entretanto, nenhum deles era capaz de se civilizar. Eram naturalmente inferiores e inaptos ao modo de vida civilizado.

Sua escala era parecida com as definidas pelos autores europeus – excetuando-se a particularidade apresentada acima sobre os espanhóis. Europeus do Norte, os outros europeus, os espanhóis, os negros e os indígenas. Por isso, ele defendia que os imigrantes que deveriam povoar os desertos da Argentina fossem os do norte da Europa, particularmente os alemães e suíços. Eles eram os mais industriais e mais civilizados. Eles deveriam formar a Argentina que Sarmiento sonhava.

4.1 – *Conflicto y Armonías*

Em *Conflicto y Armonías*, Sarmiento procurou explicar o atraso da América do Sul, particularmente da Argentina, como resultado do conflito e do amálgama das raças que estiveram na sua formação: espanhóis, negros e índios. Ele se esforçou para provar que as características intrínsecas a essas três raças não contribuíam para o surgimento de uma república cívica, sustentada na participação ativa do conjunto dos cidadãos nas decisões políticas, pois estavam carregadas de vícios e de deficiências.

Como de costume, Sarmiento estabeleceu uma diferença entre a América do Sul e a América do Norte, que se devia à origem dos povos que formaram uma e outra. O sul foi formado pelas raças mais atrasadas, enquanto o norte teve na sua formação as raças mais adiantadas, ou seja, as do norte da Europa, com todas as características físicas e morais que lhes eram intrínsecas.

[...] Muéveme a dedicárselo, honrarme con el nombre de Horacio Mann, cuyos consejos me guiaron en la juventud para traer a esta América la Educación Común que él había difundido con tan buen éxito en aquélla. La "Vida de Lincoln", las "Escuelas de los Estados Unidos", escritos en aquel país para trasmitir a éste las lecciones que contienen, son libros que respiran la vida de la Nueva Inglaterra o de Washington donde fueron escritos. Éste mi último trabajo, para mostrar por qué no presento, después de cuarenta años, cosecha tan abundante, como la que Mann, Emerson, de Boston, Barnard, Wickersham, obtuvieron, abraza en un mismo cuadro los efectos de la colonización de la América, según los elementos que a ella concurrieron, de donde le viene el título de "Conflicto y armonías de las razas en América", no en esta América sólo, sino en una y otra América, según el plan o la idea que los guió, y cuento con su indulgencia si abro juicio sobre la suprema influencia de los Puritanos, Cuáqueros y Caballeros de Virginia para echar los cimientos de la obra imperecedera que Washington debía presentar concluida a la admiración del mundo(...)²⁰¹.

Porém, mais do que marcar essa diferença, tal passagem é de grande importância para os objetivos deste trabalho, uma vez que demonstra o desalento de Sarmiento em relação à capacidade da educação de transformar esses indivíduos em cidadãos. Esta não logrou na América os resultados esperados. E isso aconteceu porque os elementos aos quais ela fora ministrada eram incapazes de se civilizar totalmente, mesmo diante dos grandes esforços empreendidos para isso. Nem

²⁰¹ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.05.

mesmo a pronta ação do Estado para educá-los e civilizá-los surtiu os efeitos desejados.

Os problemas argentinos vinham desde o período da independência. Esta não trouxe o desenvolvimento que, na Europa, pensavam que as antigas colônias espanholas conseguiriam. A liberdade em relação à metrópole não marcou um novo amanhecer, de progresso material e civilizacional, sob a influência da grande nação do Norte.

[...] El mundo no conocía, sin embargo, la educación política, social y moral del pueblo que habitaba las colonias españolas. La Europa, y principalmente la Inglaterra, la Francia, la Holanda miraban los progresos de la revolución de la América del Sud, en Méjico y en la América Central, como gloriosos esfuerzos que iban a librarlos de la tiranía de los reyes españoles y de la Iglesia, y que se alzarían naciones rejuvenecidas, fuertes e independientes. Esperaban que una vez libres de la dominación de Fernando VII, sus nuevos gobiernos fuesen reconocidos por la Inglaterra, Francia, Holanda y Estados Unidos. Las repúblicas hispanoamericanas, animadas por los progresos e instruidas por el ejemplo de la gran república anglosajona, habrían avanzado sin tropiezo en la marcha de la civilización, en la libertad política y religiosa, en la útil educación del pueblo, en explotar provechosamente los grandes recursos que sus vastos y fértiles territorios encierran para la agricultura, la minería, la construcción y el comercio²⁰².

Ele não negava alguns avanços à Argentina. Entretanto, quando comparada ao mundo civilizado, cuja marcha continuava, ficava para trás. Explicava esse atraso se utilizando de um critério eminentemente racista (e também racista). O racismo fica mais claro quando fala sobre os índios, ou melhor, quando tenta comprovar cientificamente sua inferioridade. Dizia que, além dos acidentes exteriores do solo, a raiz do mal estava a maior profundidade, nas raças que compunham a nação.

Todos os estados da Argentina, segundo ele, tinham permanecido, por longo tempo, entregues à guerra ou à anarquia; a leitura dos anais da América Central só revelaria guerras e matanças. A Guatemala fora, por alguns anos, governada por um homem sem educação e de raça indígena chamado Herrera. Em nenhum ponto da América espanhola, exceto o Chile (talvez), constatava-se algo diferente, e a explicação para esse deplorável estado era o mesmo para todas essas novas nações.

²⁰² SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.09.

O contraste com a prosperidade da América Anglo-saxônica era visível e tornava mais patentes as debilidades da América do Sul. A população da primeira crescia e prosperava. Abundavam os empregos e os vários tipos de indústria. A sociedade era confiante em si mesma. Animava-a um “infatigável” espírito comercial e marítimo. Os estadunidenses mantinham relações com nações nos quatro cantos da terra. Somava-se a isso um sentimento de independência de ação inspirada pelas liberdades civil e religiosa.

As razões desse contraste não estavam somente nos erros e nas ambições desenfreadas dos governantes. Na verdade, essas coisas não representavam nem o principal problema. Todas as deficiências e todas as mazelas da América “me han hecho de tiempo atrás sospechar que hay otra cosa que meros errores de los gobernantes, y ambiciones desenfrenadas, sino como una tendencia general de los hechos a tomar una misma dirección en la española América²⁰³”, a saber: o conflito de raças.

Ele pergunta a Mrs. Mann, esposa de Horace Mann e a quem dedica o presente livro: “¿Comprende Ud. ahora el objeto de mi libro sobre el conflicto de las razas en América?”. Após fazer essa pergunta, ele apresenta como resposta a descrição das perdas que o conflito de raças causou ao México e à Argentina.

[...] El conflicto de las razas en Méjico, le hizo perder a California, Tejas, Nuevo Méjico, Los Pueblos, Arizona, Nevada, Colorado, Idaho, que son ahora Estados florecientes de los Estados Unidos, y la Francia, con su gobierno de militares alzados como el descreído de Luis Napoleón, perdió la Alsacia y la Lorena, en castigo de su despotismo.

Nosotros hemos perdido ya como Méjico, por conflicto de raza, la Banda Oriental y el Paraguay por alzamientos guaraníes; el Alto Perú por la servidumbre de los Quichuas, y perderemos todavía nuestra Alsacia y nuestra Lorena codiciadas de extraños por las demasías del poder como la Francia.²⁰⁴

²⁰³ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.11.

²⁰⁴ Ibid., p.12.

4.1.1 – Índios, espanhóis e negros

Destacado o conflito de raças como um grande problema ao desenvolvimento da América hispânica, particularmente da sua nação, Sarmiento passou a esquadrihar as três raças que estiveram presentes na formação das repúblicas latino-americanas. Vale destacar que ele procurou explicar a causa do atraso geral da América colonizada pela Espanha, como já destacado. Entretanto, na maioria das vezes, sua preocupação se volta exclusivamente para a Argentina. Por isso, quando for apresentada sua visão sobre o papel das raças, dos seus conflitos e do amálgama delas, será dada prioridade a esse país.

Dentre as três raças (os espanhóis, os negros e os indígenas), a indígena aparecia como a mais inepta, a menos adequada aos modos de vida civilizados. Sua visão sobre os índios era bastante ácida. Sarmiento insistia que o índio, mesmo sob coerção, era incapaz de superar sua indolência congênita e adquirir uma ética de trabalho; não tinha condições de se tornar um cidadão virtuoso e ativo na República. Suas limitações não lhe permitiam adquirir a cidadania plena. Ele dividia os índios em três grupos principais: os quichuas, os guaranis e os araucanos.

Apoiado nas novas ciências – destaca-se, aqui, o cientificismo que passou a caracterizar, segundo Todorov²⁰⁵, a doutrina racialista – que ganharam impulso na segunda metade do século XIX, Sarmiento tentou provar que o índio era um ser pré-histórico, fóssil vivo, que não tinha lugar numa sociedade que se pretendia moderna. Antes disso, e para dar fundamento à sua argumentação, ele procurou buscar uma origem comum para os continentes. Segundo defendia, no processo evolutivo, os índios mantiveram-se paralisados, ou seja, não acompanharam a evolução.

Diz que Snider, apoiado em Platão, Aristóteles, Estrabão, Armiano e outros, afirmava a existência de Atlântida, não como um mito ou como uma ilha que desapareceu, mas como a América desprendida da Europa e da África, que outrora compunham um único e imenso continente. Assim, indicava que os povos

²⁰⁵ TODOROV, 1993, p.132-136.

americanos primitivos eram os mesmos em sua origem que os povos africanos e asiáticos, que possuíam precisamente os mesmos gostos e os mesmos desejos.

Utilizou um autor chamado Ameghino, que estudava o desenvolvimento dos seres através da comparação dos seus fósseis, com o claro objetivo de mostrar que os índios do presente possuíam, quase inalteradas, as características dos seres pré-históricos que viveram nesses continentes, antes mesmo de estarem separados. Comprovariam isso, as pontas de flechas e machados de pedra que ainda usavam, sem o conhecimento de qualquer instrumento de metal. Enquanto outros povos se desenvolveram, os indígenas da América pararam no tempo.

Muitos povos selvagens que eram contemporâneos a Sarmiento e sobre os quais muito escrevera, ele dizia, eram iguais a muitos povos antigos que Ameghino possuía em suas coleções de fósseis, recolhidos em Buenos Aires, Montevideu e Paris; e também em toda a Europa e num extremo e em outro da Ásia. Dizia que, em todas as partes do mundo, encontravam-se os mesmos vestígios de uma época de pedra. Esses seres, extintos na Europa, ainda viviam na América.

[...] Pero lo que por demasiado sencillo y por ser de ordinario los observadores, europeos que vienen de paso no han proclamado todavia es el grande hecho que los actuales habitantes de la América, que hallaron salvajes o semisalvajes los contemporáneos de Colón, son el mismo hombre prehistórico de que se ocupa la ciencia en Europa, estando allí extinguido e aqui presente y vivo, habiendo allá dejado desparramadas sus armas de sílex, mientras aqui las conservaba en uso exclusivo, con su arte de labrarlas, y con todas las aplicaciones que de tales instrumentos de piedra hacían²⁰⁶.

Eles eram a representação do anacronismo. Eram seres pré-históricos encravados na modernidade. Obviamente, essa constatação levava Sarmiento a pensar sobre a possibilidade de a Argentina se civilizar. Se para ele o índio era um fóssil vivo, de maneira alguma este poderia alcançar o desenvolvimento necessário para contribuir com o progresso do país.

Sarmiento tratou de reunir os dados que dispunha com o fito de estabelecer a origem da população das diversas províncias em que estava dividido o território

²⁰⁶ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.19.

argentino. Fê-lo com o intuito de ter uma idéia do seu caráter e do seu estado social ao tempo da conquista, e dos efeitos que produziram a mescla da raça indígena como base, pois já estava na América, com a branca e a negra, vistas como acidentais.

Outra vez ele utilizou dados colhidos a outros autores. Aqui cabe uma reflexão sobre o método empregado por Sarmiento na escritura de *Conflicto*, quando se refere ao trabalho com as idéias de outros autores. Ao fazer isso, ele raramente parafraseia-os. O método empregado é sempre a citação literal. Páginas inteiras dessa obra são de fragmentos de textos de outros autores. Depois, faz algumas inferências, discorda e concorda com as opiniões dos autores de acordo com a necessidade de fundamentar uma linha argumentativa. Em suas próprias palavras: “cuando emito pues un pensamiento sobre apreciaciones abstractas, me pongo detrás de algún nombre de autor acatado que da autoridad a la idea, revestida con sus propias palabras, y si de hechos se trata, copio la narración original que le da el carácter de verdad”²⁰⁷.

Mais uma vez ele se utiliza deste método. Agora, para provar que até os incas e os astecas eram inferiores. Segundo Sarmiento, mesmo no Peru e no México, onde os europeus encontraram povos considerados superiores aos outros indígenas, eles eram atrasados, estavam nas partes mais baixas de uma suposta escala civilizacional. É a hierarquização de que fala Todorov, uma das proposições da doutrina racista. Em relação à Europa, todos eles estavam atrasados, o que significa outra proposição: a existência de valores universais, que na verdade eram os valores difundidos pela Europa. O fragmento seguinte é muito esclarecedor a respeito da inferioridade dos indígenas.

[...] Otro historiador norteamericano más reciente, Wilson, en su Nueva Historia de Méjico, demostrando la imposibilidad material de gran número de hechos relatados, dice:

Me he tomado la libertad de dudar de que el agua corriese montañas arriba; que canales de navegación fuesen alimentados por aguas más bajas; que pirámides, *teocali*, pudiesen descansar sobre tierra suelta; que un canal de doce pies de ancho y doce pies de hondo, en su mayor parte bajo el nivel del agua, hubiesen podido excavarlo los indios con sus rudos implementos; que jamás hayan flotado jardines sobre barro, o que navegasen bergantines en un

²⁰⁷ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.13.

lago de salmuera; ni que en una ciudad construida de tierra entrasen por un camino estrecho por la mañana 100.000 hombres, y que después de pelear todo el día, volviesen por el mismo camino a la noche; o que ejército sitiador de 150.000 hombres, pudiese ser sostenido desde un lago barroso rodeado de montañas.

Ondegardo, citado por Prescott, dice que sólo el trabajo de las personas era el tributo que se daba, porque los indios no poseían otra cosa.

En el Perú como en Méjico se mostraba la misma incapacidad de difundir los escasos conocimientos que realmente poseían. Había la misma escasez de algo que se pareciese al espíritu democrático; había el mismo poder despótico de las clases altas, y la misma despreciable bajeza de las clases ínfimas.

Aunque haya puntos menores de diferencia entre el Perú y Méjico, ambos imperios se parecían en que no había sino dos clases, la alta clase, que eran los tiranos, y la baja, que eran sus esclavos²⁰⁸.

Eles eram incapazes de difundir o conhecimento. Faltava-lhes algo parecido com o espírito democrático. Não havia um meio termo entre os dois extremos da sociedade. Existiam duas classes apenas: a dos tiranos e a dos escravos. Com isso, ele pretendia provar a inferioridade dos índios do Peru e do México. Porém, o que mais chama a atenção nesse fragmento é a tentativa de colocar em dúvida as realizações desses povos. Quando ele cita o historiador Wilson, e sua *Nueva Historia de Méjico*, tenta mostrar que os relatos do esplendor do México, à época dos descobrimentos, continham muitas exagerações.

Se os povos indígenas considerados mais avançados possuíam enormes vícios e se suas realizações eram postas em dúvida, o que diria dos outros, daqueles que habitavam a Argentina, por exemplo. Sarmiento sumariou os defeitos e vícios dos indígenas de uma maneira geral, para só depois se dedicar àqueles que habitavam sua nação.

Apresentando fragmentos da obra de Don Juan de Ulloa, que se propôs a analisar o caráter e as disposições morais dos índios, acreditava provar que estes possuíam propensão ao ócio e à indolência. Mais uma proposição da doutrina referida acima: a continuidade entre o físico e o moral. Apesar de existirem diferenças entre eles, havia características gerais que marcavam o tipo físico deles. A idéia era a de que ao olhar e reconhecer um índio já se poderia supor suas características morais, todas elas consideradas perniciosas para a vida em sociedade.

²⁰⁸ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.21.

Segundo Ulloa, a caça e a pesca representavam o único exercício a que se dedicavam os que estavam em liberdade. Com a finalidade de corroborar o caráter indolente e preguiçoso do índio, cita M. F. Depons. Assim, o dito *selvagem*, tentava mostrar, distinguia-se por sua natureza apática e indiferente; por ter um coração só acessível ao medo; seu espírito não possuía vivacidade; era incapaz de conceber e de raciocinar; suas ambições e seus desejos jamais se estendiam mais além das suas necessidades imediatas. Nem mesmo a ação do legislador conseguiria inspirar-lhes o desejo de melhorar suas faculdades nativas. Todos os seus esforços revelaram-se improfícuos.

Continuava: eram pouquíssimos os índios civilizados que não suspiram pela solidão dos bosques e que não aproveitam a primeira oportunidade para voltar a ela. Civilizados, aqui, deve ser entendido como aqueles que tiveram contato com homens e organizações – sociais, políticas, econômicas – criadas pelos europeus. De maneira alguma, Sarmiento conceberia o índio como um ser civilizado no sentido que ele dá ao termo. Assim, a despeito do contato que tiveram com formas civilizadas de organização, eles eram totalmente ineptos para assimilá-las plenamente, voltando-se para a vida selvagem na primeira oportunidade que lhes aparecia.

Não paravam por aí as características depreciativas; o leque continuava a se abrir. Eles eram apresentados como mentirosos; não se preocupavam em dizer a verdade, a ponto de levar os espanhóis a crerem necessário, a fim de prevenir as desgraças que seu falso testemunho poderia ocasionar a inocentes, ditar uma lei que estabelecesse que não menos de seis índios deveriam ser admitidos como testemunhas em uma causa. E o testemunho destes seis seres equivaleria ao testemunho sob juramento de um só branco. O testemunho de um só branco, mesmo que espanhol, inferior aos demais europeus desde o século XV, era imensamente mais digno de crédito do que o dos índios²⁰⁹. Com isso, pode-se ter uma idéia da consideração que Sarmiento lhes dedicava.

²⁰⁹ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.22.

Sumariamente, poder-se-ia dizer, que, na visão de Sarmiento, os índios eram: preguiçosos, indolentes, incapazes de projetar algo para o futuro, medrosos, mentirosos, apegados à vida selvagem, alheios aos modos civilizados de vida e intelectualmente estúpidos. Ainda dizia, baseado em D. Juan de Ulloa, que nos índios era pouco perceptível a diferença da cor, apesar de variarem bastante nas facções. Assim, ele concluiu que poucas eram as suas diferenças quanto aos costumes, caráter, gênio, inclinações e propriedades. Novamente a continuidade entre as características físicas e as disposições morais.

Tendo-os caracterizado de uma maneira geral, Sarmiento passou a examinar, especificamente, aqueles que habitavam a Argentina, hierarquizando-os segundo o grau de docilidade que possuíam. Os primeiros apresentados foram os *quichuas*. A estes, ele dedicou poucas páginas. Eles eram os “mais dóceis”, os menos problemáticos ao desenvolvimento civilizacional. Mesmo assim, compartilhavam das características gerais, acima expostas. Inclínados à ociosidade, mentirosos, avessos ao modo civilizado de vida, etc. Logo, apesar da docilidade, foram considerados incapazes de assumir a cidadania plena. Não tinham capacidade de se tornar cidadãos virtuosos.

Ele disse que os conquistadores não tiveram dificuldades em dominá-los, pois já estavam acostumados à dominação. No período anterior à chegada daqueles, eles estavam submetidos ao império inca. Não foi preciso, portanto, fazer guerra para submetê-los. Eles viviam prioritariamente nas zonas rurais. Sarmiento apresentou alguns documentos que, segunda afirma, atestariam a posição social dos quichuas à época da independência.

[...] De la posición social que los indios quichuas ocupaban en el territorio de la provincia de Córdoba del Tucumán, hasta épocas próximas a la independencia, puede formarse juicio por la simple lectura, ya de ordenanzas de los Gobernadores, ya de peticiones del Cabildo de Córdoba que extractamos de las actas del Ayuntamiento de aquella ciudad, en lo que á los indios respecta²¹⁰.

Os documentos apresentados contêm uma série de itens que regulamentavam a distribuição dos indígenas, a entrada e a saída, o registro deles, etc., resultando em

²¹⁰ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.24.

punições para aqueles que descumprissem tais ordens. Isso objetivava acabar com a desordem que imperava na distribuição desses indígenas. Versavam também sobre a maneira de capturá-los por meio da guerra. Ao apresentar esses dados, Sarmiento pretendia provar que o estado social dos referidos índios era a servidão: “Lo que se decora aquí con el nombre de guerra, es simplemente la caza de naturales como se hacía de caballos y de ganado cimarrón o alzado, para proveer a cada vecino, por su cuenta, de sirvientes, peones”²¹¹.

Em relação aos *guaranis*, ele os classificava como uma raça intermediária entre os quichuas e os araucanos. Eles não foram considerados ferozes; também não possuíam a mansidão dos primeiros. A docilidade que possuíam lhes permitiu passar pelo processo de evangelização dentro das missões jesuíticas. Quanto a estas, as opiniões de Sarmiento se baseavam em Buckle, quando dizia que os jesuítas tiveram grande importância nos cinquenta primeiros anos da sua obra, rendendo imensos serviços à civilização.

[...] Los Jesuitas, al menos durante los cincuenta años primeros de su institución, rindieron inmensos servicios a la civilización, ya sea atemperando con elementos seculares las vistas mucho más supersticiosas de sus grandes predecesores los Dominicos y los Franciscanos, ya sea por el sistema organizado de educación, no visto hasta entonces en Europa. En ninguna Universidad podía encontrarse sistema de instrucción más comprensivo que el de ellos; y es fuera de duda que en ninguna otra se mostró tanta habilidad en el gobierno de la juventud, o tal penetración en las operaciones generales del alma humana. Debe añadirse en justicia a esta ilustre Sociedad, no obstante su temprana y poco escrupulosa ambición, que durante un considerable período, fue un firme sustentáculo del saber, como de la literatura; y que permitió a sus miembros más libertad y osadía de especulación, tal como no se había antes tolerado en ninguna orden monástica²¹².

Entretanto, essa instituição deixou de cumprir esse importante papel, parou no tempo e ficou para trás:

[...] Una institución admirable para un cierto estado de sociedad en su infancia, era poco adecuada para esa sociedad en un estado más maduro. En el siglo XVI los Jesuitas estaban más adelante de su época. En el siglo XVIII se habían quedado atrás. En el siglo XVI fueron los grandes misioneros del saber, porque creían que con su ayuda podían subyugar la conciencia de los hombres; pero

²¹¹ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.27.

²¹² *Ibid.*, p.28.

en el siglo XVIII sus materiales eran más refractarios, teniendo que luchar con una generación perversa y orgullosa²¹³.

Assim, foram pequenos os avanços que eles tiveram, pois se restringiram apenas aos primeiros anos da obra missionária. O resultado geral fora funesto à América. Para destacar isso, defendeu a idéia de que o legado dos jesuítas foi o Doutor Francia, no Paraguai, um tirano que se aproveitou das missões para dominar os guaranis.

Os jesuítas conservaram o trabalho e a propriedade comunais e um sistema de fazendas, onde os índios eram espécies de servos. Não se desenvolveu nem a propriedade privada nem o trabalho individual. Para Sarmiento, esses elementos eram indispensáveis ao desenvolvimento material. Uma vez que os jesuítas não os difundiam, em nada contribuían para o progresso das colônias espanholas. Ora, isso só piorava a situação desses seres naturalmente incapazes e carregados de vícios. Durante séculos, somaram-se aos seus defeitos uma ética contrária ao esforço individual e à propriedade privada.

É interessante notar a comparação que Sarmiento faz desse modelo de organização com propostas revolucionárias de Rousseau, Fourier, Saint Simon e outros. Segundo afirma,

[...] las tentativas de los Jesuitas en las Misiones, aun despojándolos del plan de predominio futuro que se les atribuía, entrañaban una revolución práctica, más eficaz que la que con la sola exposición de sus doctrinas, han propuesto Rousseau, Fourier, Saint Simón y otros reformadores. El ensayo social se hacía en medio de la naturaleza más risueña, bajo el clima más plácido, sobre un terreno feraz, accidentado y regado, como debió estarlo el Paraíso²¹⁴.

Mostra a capacidade de ação dos jesuítas e dos trágicos resultados da sua organização. Até mesmo nos Estados Unidos, instituição com funcionamento similar conseguiu gerar pobreza. “En California, los Padres franciscanos conservaron el mismo sistema de haciendas con los indios siervos hasta la revolución de la Independencia; y los norteamericanos no encontraron sino la pobreza secular de las

²¹³ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.28.

²¹⁴ Ibid., p.28.

colonias espanholas, em meio de suas riquezas”²¹⁵. De maneira diferente se deu a organização dos mórmons. Apesar de suas doutrinas religiosas e da prática poligâmica, eles primavam pelo esforço individual e defendiam a propriedade privada, resultando em grande prosperidade para eles.

As reduções foram destruídas, e os índios que não foram mortos, escravizados. De acordo com Sarmiento, o resultado das missões, no Paraguai, não foi outro senão o despotismo do Doutor Francia, representante laico de um sistema jesuítico. Os jesuítas não deixaram missões na Argentina, mas os índios que se dispersaram, passaram a fazer parte da sua população. Para Sarmiento, isso seria um grave problema, pois esses seres não civilizados não estavam acostumados com governos livres, e sim com formas despóticas. Mostrava isso o exemplo paraguaio. Os poucos avanços que os jesuítas conseguiram com eles foram apenas momentâneos e restritos ao século XVI. Deste período até a independência, foram acostumados ao servilismo. Após a independência, eles comporiam a demografia da nova nação. Dessa forma, qual seria o papel deles?

Sendo a servidão o estado social dos *quichuas*, eles não poderiam fazer parte da nação que se pretendia erigir. Também os guaranis, por obra das missões, estavam acostumados ao servilismo. Esses índios não possuíam as qualidades necessárias ao desenvolvimento da república: inteligência, espírito industrioso, esforço individual, propriedade privada, apreço pelos modos civilizados de vida, noção de respeito às leis e de convivência em sociedade. Poder-se-ia até pensar que o fato de serem acostumados à servidão seria interessante, pois seria fácil submetê-los, como aconteceu no Paraguai com Francia, segundo defende. Mas não era isso que Sarmiento queria. Muito pelo contrário. A Argentina não precisava de servos, e sim de cidadãos. Para isso, na sua visão, eles não serviam. Contudo, ainda era melhor o servilismo deles do que a indocilidade dos *araucanos*.

Esses índios eram considerados o terror das fronteiras argentinas. Quando, no *Facundo*, ele falava sobre os selvagens que assolavam as caravanas, referia-se a esses índios. Dentre todos, eles representaram o principal problema para o

²¹⁵ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.29.

desenvolvimento civilizacional do país. “Los araucanos eran más indómitos, lo que quiere decir, animales más reacios, menos aptos para la civilización, y resistieron ferozmente, porque feroces eran, a la conquista y asimilación europeas”²¹⁶.

Sarmiento critica Ercilla pelo poema *Araucania*. Neste poema, Ercilla destacou as qualidades guerreiras dos araucanos, o que causou medo entre os conquistadores espanhóis:

[...] El arte del ataque y de la defensa de las ciudades estaba en toda su científica práctica antes de Vauban por los cobrizos héroes de Arauco, contando el poeta hacer subir de quilates la gloria del vencimiento. Desgraciadamente, tan verosímil era el cuento, que a los españoles que leían la *Araucania* en las ciudades, les puso miedo el relato, como a los niños los cuentos de brujas, y los reyes de España mandaron cesar el fuego y reconocer a los heroicos araucanos su gloriosa independencia, que conservan hasta hoy, en un Estado enclavado dentro de los límites de Chile. Una mala poesía, pues, ha bastado para detener la conquista hacia aquel lado²¹⁷.

Essa passagem demonstra que Sarmiento era totalmente descrente no que concernia à capacidade dos araucanos de se civilizar. Por isso, acreditava necessário fazer-lhes guerra. Ele se ressentia do poema de Ercilla ter causado tal impressão sobre os espanhóis que impediu a conquista dos araucanos. Essa idéia ficava mais clara na medida em que ele continuava sua descrição desses índios.

Sarmiento apresentou a visão do abade Molina sobre os araucanos, que também destacava suas qualidades guerreiras: intrépidos, animosos, atrevidos, constantes nas fadigas da guerra, excessivamente amantes da liberdade, zelosos da própria honra, cordiais, hospitaleiros, fiéis nos tratos, reconhecidos aos benefícios, generosos e humanos com os vencidos.

Após lançar essa visão, Sarmiento dedicou-se a atacá-la. Chegou ao extremo de indignar-se com a imagem positiva a respeito dos araucanos. Disse que o enaltecimento dessas qualidades ofuscava os vícios: preguiça, ociosidade, embriaguez, ignorância e orgulho do animal de presa. Além disso, elas não tinham importância para a sociedade; não eram esses atributos que fariam dos araucanos

²¹⁶ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.31.

²¹⁷ Ibid., p.32.

bons cidadãos. Ao contrário, só os tornariam mais avessos à vida nas cidades. Além disso, como visto, possuíam uma série de vícios que agravavam ainda mais a situação.

Não eram as qualidades guerreiras dos araucanos – destacadas por Ercilla em seus versos e pelo abade Molina – que interessavam, mas sim a capacidade social deles; e em relação a isso, eles nada tinham a apresentar. Viviam isolados pelas grandes extensões da Argentina. Não conheciam nenhuma forma de organização de paz; seus viveres eram animais selvagens. Além do mais, não existia autoridade alguma que evitasse as querelas e os roubos entre uns e outros. Não conseguiam, pois, desenvolver meios e instrumentos legais para resolver seus problemas e, como consequência, criar condições favoráveis à vida em sociedade.

Dizia que tudo estava abandonado ao sentimento da própria conservação e à prática de algumas noções de moral da tribo. O pai não pretendia autoridade sobre seus filhos. Quando castigava, vingava-se, e não educava. A mãe tinha tantos deveres, que, pouco depois de terminada a amamentação, deixava crescerem as crianças ao seu livre-arbítrio, sem asseio algum e entregues aos joguetes (jogar bola, enlaçar, lutar), ocupações para suas vidas. Dessa maneira, não conheciam nem se submetiam a nenhum tipo de autoridade.

Citando Zeballos, ele acreditava provar que mesmo recebendo elementos para construir habitações civilizadas, os araucanos se recusavam a fazê-las, não os sabiam aproveitar. Ainda que alguns aceitassem os missionários e permitissem batizar seus filhos, não renunciavam à vida bruta, na qual o sensualismo e o álcool lhes absorviam todo o tempo e a atividade. Destacou os festejos nas quais as bebedeiras duravam, segundo a festa que celebravam, de um a oito dias.

Assim, sua conclusão foi a de que eles eram totalmente inaptos à civilização; não possuíam as mínimas condições de ajudar a Argentina a se desenvolver e figurar entre as grandes nações do mundo. A falta de virtudes republicanas, da liberdade civil e do contato com instrumentos legais de paz, justiça, coerção e governo fazia deles um entrave ao progresso. Como progredir tendo esse tipo de elemento na sociedade? Com eles não se poderia chegar a esse fim. Por natureza, eles foram

considerados inferiores. Não se poderia mudar essas idiossincrasias. Mesmo o contato com modos civilizados de vida não lhes permitiria mudar a situação na qual se encontravam. Portanto, seguiriam sendo um grave problema para a Argentina.

Tendo apresentado a visão sarmientina sobre os índios, chegou a hora de destacar como Sarmiento via a contribuição dos espanhóis na formação da Argentina. Para tanto, deve-se levar em conta o papel da Inquisição para a Espanha e, conseqüentemente, para os espanhóis.

Sua análise sobre o papel da colonização espanhola, em *Conflicto*, fora negativa, o que também aconteceu em *Viajes*. Contudo, no livro de 1883, ele tentou sistematizar sua explicação. É uma obra que se propôs mais erudita. A par das mais novas teorias que se produzia na Europa, Sarmiento tentara explicar, cientificamente, o papel das raças na formação política dos argentinos²¹⁸. Segundo Botana, o fator racial, em *Conflicto y Armonias*, tentou suplantar a pluralidade de causas que existe no *Facundo*. Isso porque Sarmiento via nesse modelo maior precisão. Índios, negros e espanhóis se combinando para gerar uma raça incapaz²¹⁹.

Ele procurou mostrar como causa do atraso espanhol a Inquisição. Em *Viajes*, ele se preocupou mais com o atraso que fora legado à Argentina. Em *Conflictos*, além dessa preocupação, ele explicou as causas do atraso espanhol, encontrando-as efetivamente nessa instituição.

Dom Francisco de Toledo e Francisco Aguirre, segundo afirma, foram tiranos que subjugaram a América. Assim se lhes refere Sarmiento. Diante de outro tirano, esses personagens desapareciam. Encobria-lhes com seu negro manto a Inquisição, mais terrível e mais implacável que aqueles. A narrativa que aparece em *Conflicto* a apresenta, em momentos vários, pintada com cores épicas. Todavia, tirando esses exageros, seu autor propõe, como já se sabe, uma explicação mais erudita. Em relação a esta, a Inquisição aparece como um poder público, como uma instituição; não apenas um poder religioso.

²¹⁸ BOTANA, 1997, p.431.

²¹⁹ Ibid., p.432.

Sua mais aterrorizante figura fora Torquemada, visto por Sarmiento como uma aberração do espírito humano. Ele foi o teórico e o legislador da Inquisição. Suas implacáveis leis eram contra tudo de sublime e de inteligente que o ser humano poderia produzir. Durante três séculos, Espanha, Flandres, Nápoles, Lima e México foram sufocados pelo peso da sua obra. Sob o pretexto de salvar almas, carne humana era queimada. Ele se indignava ao escrever sobre o carrasco espanhol, tanto que os adjetivos empregados aproximavam a sua figura à de um ser que não é humano, e sim uma aberração da natureza. Ou melhor, uma aberração da ignorância.

Porém, mais do que isso, e pior, ele era um homem de Estado. Para além desses exageros qualificativos, em *Conflicto*, ele era visto como um representante do poder público. Torquemada, partindo dessa idéia, transformou num instrumento do Estado a Inquisição. De outra forma, ela não seria pior. A sua institucionalização foi a principal causa do fracasso da Espanha e uma das principais do atraso argentino, uma vez que herdeira daquela. O maior mal foi a transformação dela em parte do aparelho estatal; na visão de Sarmiento, o principal elemento que constituiu o Estado espanhol. Logo, fora também elemento constitutivo da colonização²²⁰.

Essa institucionalização, essa transformação da Inquisição em instrumento do Estado foi tão definitiva e profunda, que Sarmiento chegou a compará-la à Espanha. “A Espanha (...) é a Inquisição”²²¹. Seus servidores eram vistos como homens que ninguém conhecia e que conheciam a todos; eram invisíveis no cotidiano das pessoas, mas visíveis em todas as fogueiras; homens a quem todos deviam seus destinos, fracos e poderosos. Não se sabia onde estavam, mas estavam sempre prontos para apontar os culpados. Assim, toda e qualquer pessoa poderia está sob os vigilantes e invisíveis olhos desses emissários.

O clima de suspeição tomava conta da atmosfera. Qualquer palavra, qualquer ação, qualquer olhar. Tudo poderia levar homens, mulheres e crianças, ricos, poderosos

²²⁰ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.64.

²²¹ Ibid., p.63.

ou pobres às chamadas da ignorância. Essa era a aterradora realidade da Espanha, segundo Sarmiento.

Qual foi o resultado disso? Retardar o advento da ciência por mais de três séculos. Sarmiento pretendia analisar a Inquisição como instituição política e intelectual. Segundo destacou, sob essas duas formas matou a Espanha e suas colônias. A inteligência do povo espanhol foi atrofiada por uma espécie de mutilação, com “cautério e fogo”. Como o pensar era terminantemente proibido e passível de levar à fogueira aquele que se atrevesse a tal, os espanhóis não desenvolveram essa faculdade.

Para tentar provar tal afirmação, ele recorreu ao estudo da anatomia comparada, muito em voga na segunda metade do século XIX. A inteligência estava subordinada ao tamanho do cérebro. De acordo com sua constatação, o cérebro de um parisiense do século XIX era maior do que o de um do século XII. Já em relação ao espanhol, não houve diferença entre o século XIV e o XIX. Seu crescimento parou naquele século, quando teve início a Inquisição. Assim, ele conclui que, enquanto os franceses tiveram aumento de massa cefálica, os espanhóis ficaram estagnados. Em outras palavras, enquanto os franceses se tornaram mais inteligentes, os espanhóis não.

Os espanhóis haviam perdido o hábito de exercitar o cérebro como órgão, salvo no clero e entre os advogados, única profissão laica. Diferenciavam-se dos anglo-saxões, que, além das condições que tiveram para o desenvolvimento da inteligência, tiveram condições para desenvolver o governo livre, desde a Magna Carta, no século XIII. É preciso destacar que Sarmiento, quando falava sobre a história da Espanha e da Inglaterra, era sob o prisma de Macaulay, Buckle e Mommsen que realizava suas observações²²². Não labutou como um historiador; não foi às fontes e as analisou.

Sarmiento procurou mostrar como essa raça, desacostumada a pensar, teve grande importância na formação do povo argentino. No entanto, ele disse que, mesmo em

²²² BOTANA, 1997, p.434.

face dessa desastrosa herança, surgiram homens que acumularam riquezas e conhecimento. Fez isso, obviamente, para mostrar que havia descendentes de espanhóis que não compartilhavam dessa maldita herança²²³, como ele também não compartilhava.

Para embasar seu argumento, ele passou a tecer elogios à Atenas antiga. Segundo conta, esta civilização chegou ao pináculo da grandeza humana em glória, em belas artes, no comércio e no esplendor; tudo em pouco mais de três séculos. Contudo, toda essa magnificência da cidade-Estado grega sucumbiu ante as trevas da Idade Média – ele compartilhava da idéia, criada durante o Renascimento, de que esse período foi marcado pela ignorância e pelo obscurantismo.

A partir de 1400, afirmava, elementos da cultura grega começam a ser recuperados. Listou, então, uma série de avanços nos campos da ciência e das artes, com o intuito de mostrar que a Europa Ocidental passava por transformações radicais, tendo o desenvolvimento intelectual como guia. Porém, a Espanha, por causa da Inquisição, mantinha-se estagnada. Toda essa herança resgatada pelo Renascimento, arruinou-a na Espanha a Inquisição.

Em três séculos de horrível e implacável prática, ela negou o direito de o acusado conhecer a acusação e de se defender publicamente. Além de cercear ao homem esse direito, a Inquisição legalizou e cristianizou, fazendo católica a prática dos antigos povos de sacrificar homens a seus deuses; tomaram dos antropófagos o assá-los, e apresentar “a cozinha no horrível festim ao povo devoto”. Juntou duas horrendas práticas, de povos tão distantes, geográfica e temporalmente.

Resultado disso: destruição, na prática diária e no sentimento íntimo, da consciência de justiça, e dos limites do poder público. Eis o grande crime, de acordo com Sarmiento. O espanhol e, com mais razão, o americano do sul nasciam já afetados por esse atrofiamento das faculdades do governo, já adquiridas pela raça humana, e pelo senso de justiça e de liberdade²²⁴.

²²³ SARMIENTO, D.F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.65.

²²⁴ Ibid., p.67-70.

Ao fanatismo e à tirania, sucederam a ignorância e a estupidez. Sarmiento, com o intuito de corroborar suas idéias, apresentou dados estatísticos. De acordo com ele, cerca de cinco mil pessoas eram assassinadas por ano. Numa sociedade em que não se tinha muitas pessoas instruídas, essas milhares que perderam a vida eram, provavelmente, o grosso das pessoas que pensavam. Assim, ele procurava mostrar que a Inquisição impediu o desenvolvimento intelectual por meio do terror que imprimia. Matou muitos que eram instruídos e inibiu muitos outros, que, aterrorizados, negaram-se a pensar. Eis o pernicioso resultado da Inquisição a partir do ponto de vista dele.

Até o século XV, Sarmiento dizia que a Espanha tinha se desenvolvido vigorosamente, sendo a primeira entre as nações do mundo, porém a comparação desse passado glorioso ao presente mostrava o quanto ela havia perdido. “En la época que aparecía la Reforma en el resto de Europa, la España era la primera entre las naciones; y solo comparado su pasado com su presente estado, descubrimos cuánto há perdido”²²⁵.

Eis a Espanha do século XIV, que propiciou as conquistas do século XV, como a apresentou Sarmiento:

[...] Por todas partes la irrigación, los canales y los estanques, distribuían el agua sobre las más remotas e más desiertas tierras. La agricultura era especialmente honrada, la industria e el comercio aumentaban la prosperidad general(...).

Hacia el fin de siglo XV, la España, victoriosa sobre los moros fue el descubridor y el dueño del nuevo mundo. Qué presente más magnífico! Qué futuro más glorioso! Todos los pueblos la miraban como la primera entre las naciones, los soberanos temblaban ante su poder²²⁶.

Em seguida, ele pergunta como tanta prosperidade e glória foram perdidas, logo quando a Europa entrava no Renascimento; logo no momento em que mentes brilhantes desenvolviam as artes e as ciências. Também apresentou essa visão na *Conferencia sobre Darwin*. Destacou ponto a ponto os avanços da Europa renascentista, vendo-os como a retomada dos elementos da cultura grega. Como tão nefasta decadência pôde ocorrer à Mãe Pátria, opondo-a ao resta da Europa? O

²²⁵ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.71.

²²⁶ Ibid., p.72.

que foi que lhe causou esse horrível resultado? Sua resposta fora peremptória: a Inquisição.

Se até simples e inocentes idéias eram cerceadas e punidas, aquelas que realmente iam de encontro aos dogmas seriam ainda mais severamente punidas. Diante disso, como se desenvolveriam as artes, a ciência, o intelecto? Não se desenvolveriam. Teriam os indivíduos, a seu ver, medo de pensar.

Sobrar-lhes-ia, pois, a ignorância, a total estagnação das idéias ante a brutal tirania que lhes era imposta. A gloriosa Espanha, então, definhava, morria e entrava em decomposição. Esse foi o resultado da Inquisição. Segundo Sarmiento, foi essa a Espanha que colonizou a América e lhe deixou tão prejudicial herança.

[...] Con este bagage de ideas e preocupaciones han emigrado a América nuestros padres, durante dos siglos consecutivos, no debiendo olvidarse que no entraban a estas colonias extranjeros de otras nacionalidades, que por raza como sajones, o por el sentimiento ya adquirido dell derecho, de la libertad personal, o por las ideas en el resto de Europa, con las controversias religiosas, o los descubrimientos de las ciencias, introdujisen alguna modificación científica, filosófica o política²²⁷.

Soma-se a isso a perseguição imposta aos judeus. Por essa razão, os espanhóis não tiveram as indústrias resultantes das atividades dos judeus. Segundo Sarmiento, estes muito contribuiriam para o enriquecimento da Espanha se não fossem perseguidos. Os judeus tinham avançado em várias áreas. Sua situação à época dos descobrimentos era de desenvolvimento econômico e intelectual. Destacavam-se na atividade bancária, nas letras, nas ciências e nas belas artes.

[...] ¿Cuál era la situación de los judíos en España, a la época del descubrimiento de América? La misma que tienen conquistada, hoy en Londres, los Rothschild, los Cahen y tantos otros en el resto de la Europa como D'Israeli, Crémieux; en las letras y ciencias el poeta Heine, Borne, y en las bellas artes Meyerbeer, Halévy, Mendelsohn, Offenbach, la Rachel, la Sarah Bernhardt, etc., que hacen que los judíos sean tenidos por los etnólogos como realmente un pueblo escogido. "El pueblo de D. Pelayo, dice D. José Amador de los Ríos, había menester, de la ayuda del pueblo hebreo, porque no se bastaba a sí mismo. La guerra era su ocupación más noble, su necesidad suprema. Todas las artes que no tenían relación con la guerra, eran vistas por ellos con entero desprecio y consideradas como indignas de su valor. El pechero cultivaba acaso la tierra; el hidalgo sólo sabía esgrimir la espada o

²²⁷ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.77.

blandir la lanza. Los elementos de cultura que estaban en manos de los judíos, llegaron a ser indispensables a los cristianos²²⁸.

Além disso, eles “eran los médicos, los cajeros para llevar los libros y cuentas de las casas de los nobles; los jardineros y los consultores de una nobleza ignorante”²²⁹. A proibição do comércio com judeus, hábeis nessa arte, também redundou em prejuízos para os espanhóis. O comércio não se desenvolveu na Espanha. Sem este, ela não conseguiu os seus providenciais benefícios. Sob influência de Montesquieu, Sarmiento defendia que ele tornava as relações entre as nações menos agressivas e ajudava a difundir a civilização.

Para completar, eles foram expulsos da Espanha na época em que ela conquistava a América, o que resultou em graves prejuízos e na incapacidade de alcançar o progresso material, como alcançou a Inglaterra.

[...] La expulsión de los judíos, al mismo tiempo que la España conquistaba la América, ha impedido que Cádiz, la antigua y soberbia Gades de los fenicios y cartagineses, no hubiese sido el Londres de nuestra época, por la acumulación de los caudales de las Indias orientales y occidentales, como sucede hoy con la Inglaterra que es la caja de depósito y de ahorros de todos los acaudalados del mundo, buscando allí cobrar la menor *usura posible*, el uno por ciento anual a veces, como lo quería el Papa ignorante, y obtenía por resultado de las trabas puestas al sistema bancario de los Rothschild de entonces, que el interés del dinero subiera al dos y al seis por ciento mensual y al ciento por ciento al año; pues lo que baja la usura es la abundancia de la oferta, y la garantía y seguridad del prestamista²³⁰.

Dessa maneira, Sarmiento concluiu que a intolerância e o fanatismo religioso, tendo como principal representante a Inquisição levou a Espanha a adotar medidas que, em pouco tempo, causaram-lhe imensas perdas materiais e intelectuais, como ficou demonstrado acima.

Acrescenta-se à crítica que Sarmiento fez à Inquisição e aos seus resultados desastrosos, suas considerações sobre o absolutismo espanhol, outra causa do atraso da pátria mãe. Carlos V e Felipe II foram apresentados como os artífices do absolutismo na Espanha, ao adotarem a doutrina do Império Romano. Ele procurou

²²⁸ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.88.

²²⁹ Ibid., p.88.

²³⁰ Ibid., p.89.

assimilar as ações dos reis espanhóis ao princípio imperial. Em vários momentos, ele os associa aos imperadores romanos e à falta de liberdade.

[...] Con las ideas de un Emperador Romano, de cuyas insignias se halla revestido Carlos V, apenas se sentó en el trono de España, se ocupó de poner orden en la más brillante joya de su patrimonio que era la España; y se apresuró a suprimir las Cortes de Aragón, que era el embrión feudal del sistema representativo, del Parlamento de los lordes ingleses y las libertades municipales que persistían, ya de los vascos como la organización primitiva humana, ya de los romanos en los municipios²³¹.

Entende-se, a partir daquilo que foi exposto sobre a ação da Inquisição e do absolutismo espanhol, o valor que Sarmiento dava ao colonizador. Este fora visto como um ser desprovido de inteligência, de capacidade industriosa e das liberdades que caracterizavam as nações civilizadas. Logo, não tinha muito que contribuir para a América alcançar o progresso material e civilizacional.

Em relação à terceira raça, Sarmiento não escreve muito. Ele dedicou menos tempo para escrever sobre os negros. A impressão que se tem, ao percorrer as páginas que lhe são dedicadas, é a de que eles não constituíam um problema tão grave como os indígenas. Deve-se ressaltar que na concepção sarmientina os indígenas constituíam a mais atrasada raça, estavam no patamar mais baixo de uma suposta escala civilizacional.

Os negros não possuíam os mesmos vícios que os indígenas. Sarmiento, inclusive, tecia vários elogios aos negros. Afirmava que a eles se devia o embelezamento de Buenos Aires. Considerava-os mais fiéis que os indígenas e possuidores de atributos que faltavam aos índios:

[...] La guerra de la Independencia requería pechos fuertes; y ya se ha visto que los indios estaban más de parte de los conquistadores, o eran indiferentes. Belgrano, después de la batalla de Salta, capituló 3.000 dándoles libertad bajo palabra de honor, y volvieron a tomar las armas, porque no sabían lo que es honor y porque los españoles los requerían de nuevo²³².

No seu ponto de vista, eles não representavam um grande problema, uma vez que já estavam quase extintos da Argentina; praticamente não se via um exemplar puro.

²³¹ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.86.

²³² Ibid., p.40.

Afirmou ainda que em alguns anos, se quisessem ver um negro puro, seria necessário ir ao Brasil.

Os negros, de acordo com o autor de *Conflicto*, “Díos reserva para mundos futuros”²³³. Em tom de profecia, anunciou que eles estavam destinados a fazer a África ocupar um lugar no progresso geral da humanidade. Apesar disso, não os considerava elementos essenciais à formação da nação que pretendia. Se Sarmiento não os criticava, como fez com os índios, também não reconhecia neles os atributos necessários para se tornar cidadãos virtuosos. Seus elogios não passam daqueles citados acima. Além disso, não possuíam um atributo fundamental para a inserção no mundo político – como também não possuíam as outras duas raças. A saber: prática das liberdades políticas.

[...] Iba a verse lo que produciría una mezcla de españoles puros, por elemento europeo, con una fuerte aspersion de raza negra, diluido el todo en una enorme masa de indígenas, hombres prehistóricos, de corta inteligencia, y casi los tres elementos sin práctica de las libertades políticas que constituyen el gobierno moderno²³⁴.

4.1.2 – O amálgama de raças

Nesse amálgama de raças, nenhuma das três possuía elementos que pudessem contribuir para a formação de um indivíduo capacitado a participar das decisões concernentes aos problemas da nação e colaborar, por conseguinte, para o seu desenvolvimento.

Sarmiento tentou fazer um inventário das diversas raças que povoavam a América. A partir de alguns autores, ele procurou estabelecer a quantidade de indivíduos de cada raça e suas ocupações. As informações apresentadas acabaram sendo contrastantes, resultando numa imensa confusão. Todavia, não é isso que importa para se entender a visão dele sobre o amálgama de raças. O fragmento abaixo permite entender melhor sua posição a respeito desse assunto.

²³³ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.39.

²³⁴ Ibid., p.37.

[...] Si alguno duda del mal de esta mezcla de razas, que venga al Brasil, donde el deterioro consecuente a la amalgamación, más esparcida aquí que en ninguna otra parte del mundo, y que va borrando las mejores cualidades del hombre blanco, dejando un tipo bastardo sin fisonomía, deficiente de energía física y elemental.

El híbrido entre blanco e indio, continúa Agassiz, llamado mameluco en el Brasil, es pálido, afeminado, débil, perezoso y terco, pareciendo como si la influencia india se hubiera desenvuelto hasta borrar los más prominentes, rasgos caracterizados del blanco, sin comunicarles su energía a su progenie. Es muy notable que en sus combinaciones, ya sea con los negros o con los blancos, el indio imprime su marca más profundamente sobre su progenie que las otras razas, y cuan rápidamente también en los posteriores cruzamientos, los signos característicos del indio puro se restablecen expulsando los otros. He visto progenie de un híbrido entre indio y blanco, que resume casi completamente los caracteres del indio puro²³⁵.

Quando apresentou esse fragmento em *Conflicto*, Sarmiento objetivava corroborar a sua opinião sobre a mescla de raças. Apesar de o Brasil ter sido usado como exemplo, a preocupação dele, obviamente, não era é com esse país, e sim mostrar que esse resultado desastroso poderia ser estendido à Argentina.

O mais importante que vale destacar nesse fragmento é a idéia de que na mescla entre as raças, predominava a indígena, considerada por ele a mais carregada de vícios e, conseqüentemente, a menos propícia ao avanço civilizacional. Isso demonstra a idéia que vem sendo defendida sobre a influência negativa da mistura de raças para Sarmiento.

A idéia que ele passa é a de que tanto o conflito quanto o amálgama de raças foram perniciosos para as nações que emergiram dos escombros do mundo colonial. O primeiro causou perdas imensas, como no caso do México e no da fragmentação do Vice-reino do Prata. Já o segundo resultou num indivíduo de extrema incapacidade para a vida civilizada, pois se juntaram três raças inferiores para a formação dos cidadãos das novas nações independentes.

Os índios eram a representação do anacronismo, fósseis vivos, seres naturalmente inferiores. Os espanhóis não eram, como os índios, naturalmente inferiores, porém a Inquisição e o absolutismo não permitiram o desenvolvimento de faculdades salutares a uma república virtuosa. Mais do que isso, cercearam-lhe a capacidade de pensar livremente e de criar empreendimentos úteis ao progresso material. Por

²³⁵ SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009, p.38.

sua vez, os negros estiveram sob o peso da escravidão. Sarmiento não lhes devotou o desprezo que devotava aos indígenas, mas também não os considerou civilizados. Até afirmou que o porvir deles poderia ser esplendoroso, desde que na África, onde encontrariam os meios para isso. Não na Argentina.

O amálgama dessas raças só fez piorar a situação, pois nele sobressaiu-se a pior de todas elas, a indígena, a menos apta a receber as luzes da civilização e do progresso. Eles eram totalmente inaptos à civilização; não possuíam as mínimas condições de ajudar a Argentina a se desenvolver e figurar entre as grandes nações do mundo. A falta de virtudes republicanas, da liberdade civil e do contato com instrumentos legais de paz, justiça, coerção e governo fazia deles um entrave ao progresso. Como progredir tendo esse tipo de elemento na sociedade? Com eles não se poderia chegar a esse fim. Por natureza, eles foram considerados inferiores. Não se podia mudar suas características. Estava “provado cientificamente” que eles se encontravam na escala mais baixa do desenvolvimento humano. Mesmo o contato com modos civilizados de vida não lhes permitiria mudar a situação na qual se encontravam. Portanto, seguiriam sendo um grave problema para a Argentina.

A doutrina racialista postulava uma hierarquização das raças. Em Sarmiento, as raças também foram hierarquizadas. Da mais inferior às superiores estavam os índios, os negros, os espanhóis (europeu do sul) e os europeus do norte. Estes não estiveram na formação da Argentina. Predominaram as três primeiras raças e o resultado da mescla entre elas. Juntavam-se os seres mais incapazes para formar a população da Argentina. Os gaúchos podem ser visto como resultado dessa mescla. Herdaram os vícios dos indígenas. Como pôde ser constatado em *Conflicto*, quando se fala em herança, ela é biológica, mas não só. Havia também a herança cultural, resultante do convívio. Isso ficou claro em *El Chacho*, quando Sarmiento escreveu que os gaúchos das *montoneras* eram quase indígenas.

Resulta dessa questão um problema crucial ao pensamento sarmientino: se o contato com os modos de vida civilizado não permitiriam aos índios se civilizar, a educação permitiria? Em *Conflicto*, o otimismo a respeito do papel providencial da educação se esvai. Ele não fala isso; não faz menção direta. A leitura dessa obra é que permite fazer tal afirmação. Como já visto, essas várias raças que compunham a

Argentina eram ineptas para a civilização, sobretudo a indígena. A educação, na melhor das hipóteses, seria uma medida paliativa para os mestiços. Porém, para os índios isso não seria possível. Como ficou claro, ao longo desse capítulo, eles eram considerados fósseis vivos; não poderiam se civilizar em hipótese alguma.

Se nos seus escritos sobre educação, aparece um Sarmiento mais republicano, defensor de uma república virtuosa, formada por cidadãos capazes e imbuídos das virtudes cívicas, em *Conflictos*, essa visão desaparece. Marcado pelo pessimismo em relação às raças que formavam a Argentina, a educação, apesar de muito importante ainda, não poderia cumprir o papel que pensara que pudesse cumprir em outros momentos de sua vida. No seu país, ela não alcançou os êxitos pretendidos e anunciados. Sucumbiu frente à incapacidade do elemento étnico. A educação, que deveria transformar esse elemento, não conseguiu esse resultado.

Conflicto revela a descrença de Sarmiento no seu ideal de uma república virtuosa. O republicanismo cívico, que moldou seu pensamento e seus projetos nas décadas de 1840 e 1850, já perdera espaço nas décadas subseqüentes para a visão da necessidade de um Estado forte, que implantaria as reformas americanistas. Na fase final da sua vida esse ideal já não mais caminhava com Sarmiento.

Nesse período, acreditava que nem mesmo a ação pronta e eficaz do Estado na condução das reformas conseguira eliminar o atraso causado por essas raças. A incapacidade das raças que formavam a Argentina se revelou mais forte que a própria ação do Estado para extirpar a barbárie. Mesmo a centralização e a ação de Buenos Aires na condução da consolidação nacional e na aplicação das reformas não deram conta de acabar com a barbárie argentina.

Há dois pontos importantes que devem ficar bem destacados. Em primeiro lugar, diante do diagnóstico que fizera, a Argentina se mostrava refratária à civilização, devido aos problemas que possuía (desertos e raças inferiores). Para eliminar a barbárie, o país precisava ser reformado – em alguns momentos, parece que deveria mesmo ser re(criado). A educação e a imigração eram o eixo das reformas civilizadoras. Devido aos problemas que dominavam a Argentina, essas reformas deveriam ser conduzidas pela ação do Estado, o que entra em contradição com a

lógica americanista, por isso o paradoxo que tem sido defendido. Pela mesma razão, defendo, junto com Botana, a idéia da passagem de uma concepção de republicanismo cívico para a concepção de uma república forte.

Em segundo lugar, deve-se colocar em relevo que mesmo essa ação não logrou os êxitos esperados. E a explicação para isso estava na composição das raças que formaram a Argentina e no malogro do projeto de imigração. Apesar de o país ter recebido um enorme contingente de imigrantes e de estes terem contribuído para o progresso econômico, não contribuíram para o avanço civilizacional, como pensava. Isso porque, lamentava-se, não se dirigiram em massa para a república platina os tão sonhados europeus do norte, aqueles que ocupavam o cume da hierarquia das raças. Resultou disso e da composição racial da Argentina sua desilusão a respeito do projeto americanista que defendia. Nem mesmo a ação do Estado conseguiu eliminar de uma vez por todas as deficiências da Argentina e inseri-la no rol dos países civilizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na visão sarmientina, a Argentina estava marcada por vários problemas que a impediam de se tornar uma nação civilizada, tendo como exemplos a Europa e, sobretudo, os Estados Unidos. Esses problemas foram tratados no primeiro capítulo. Eles serão retomados de maneira sucinta. Para Sarmiento, seu país era marcado pela barbárie dos campos e pelo caudilhismo, que aparecia como seu correlato. Além disso, os campos eram assolados pelos indígenas, que representavam o estágio menos avançado do desenvolvimento humano, considerados fósseis vivos. Acrescenta-se a herança hispânica, cuja inteligência fora atrofiada durante séculos de inquisição. Esses fatores todos, já presentes em *Facundo*, foram retomados em outras obras. Em *El Chacho*, Sarmiento se preocupou com os caudilhos e as *montoneras*. Em *Viajes*, pintou uma Espanha arcaica e medieval. Em *Conflicto*, apareceu com mais ênfase e com um tratamento pseudocientífico o problema das raças.

No decorrer da pesquisa, surgiram vários problemas, secundando o principal. Esses problemas estiveram relacionados ao seu projeto de nação. Várias foram as perguntas que estiveram presentes neste trabalho. Os gaúchos poderiam se civilizar? Qual seria o papel da educação? E os índios, que lugar ocupariam na nova sociedade? Qual era a função da imigração? A imigração cumpriu seu papel? Por quê? Ao responder esses problemas, busquei responder o problema central.

Já foi destacado que seus textos sobre educação sugerem, na medida em que propunham um modelo educacional que abarcasse amplas parcelas da população, que os gaúchos poderiam se regenerar. Em *El Chacho*, aparece uma visão mais negativa dos gaúchos, como ocorreu em *Facundo*. Disso decorre um problema: qual era a verdadeira visão de Sarmiento sobre os gaúchos? Não se pode afirmar a existência de uma verdadeira visão de Sarmiento, pois essa afirmação carrega a presunção da idéia de uma coerência dentro do seu pensamento. E isso é justamente o que não se pretende neste trabalho. Não há o objetivo de tornar coerentes as idéias que não são marcadas por essa coerência. Deve-se buscar, então, entender as nuances características do pensamento sarmientino.

Suas idéias acerca dos gaúchos parecem dúbias. Num momento, em *Facundo*, eles são apresentados como a encarnação da barbárie; seres marcados pela falta de respeito às leis e aos modos de vida civilizados; tudo neles era condenável. Até mesmo o que parecia vantagem – e que o fora, segundo Sarmiento, durante a guerra de independência – tornava-se um defeito. A coragem, a intrepidez, a maneira destemida de viver. Todos esses atributos não serviam à idéia de civilização defendida por Sarmiento. Contudo, a leitura dos escritos sobre educação leva a outra interpretação. A da possibilidade de os gaúchos se civilizarem, na medida em que pareciam ser contemplados por seu projeto de educação. E, como visto, esse projeto não tinha apenas a intenção de garantir mão-de-obra especializada para o progresso econômico. Ela deveria formar cidadãos aptos a participar da vida política da nação.

Diante disso, pode-se afirmar que os escritos sarmientinos sobre educação dão margem para falar que os gaúchos poderiam sim se civilizar com a educação, mas a tarefa não seria fácil. Também não seriam todos. Isso não quer dizer que Sarmiento não recorreria à violência quando houvesse necessidade e surgisse um momento oportuno. Assim, o fato de acreditar na capacidade do gaúcho de se civilizar por meio da educação não excluía a hipótese de sua eliminação física se houvesse oportunidade.

A idéia que surge aqui é a da relação entre a *fortuna* e a *virtú*. Era o momento e a oportunidade que ditavam uma ou outra escolha. Se a *fortuna* colocava diante do líder a oportunidade de empreender uma guerra contra a barbárie, o líder, dotado da *virtú*, deveria se aproveitar do momento e exterminar a barbárie – ou o que pudesse dela. Essa idéia é que subjaz o escrito de 1868, *El Chaco*, no qual fora defendida a execução de Peñaloza, das montoneras e dos gaúchos que delas faziam parte.

Em relação aos índios, qual seria o papel deles na sociedade argentina? Esse problema é mais fácil de resolver porque a visão de Sarmiento sobre os selvagens não mudou muito. De *Facundo* a *Conflicto*, eles sempre foram considerados incivilizáveis. A diferença é que na segunda obra, Sarmiento procurou dar um tratamento mais científico à questão. Os índios eram considerados seres anacrônicos, completamente incapazes de se civilizar.

É verdade que Sarmiento os hierarquizou de acordo com o grau de docilidade e com a capacidade de assimilar aspectos da civilização, o que não quer dizer que cria na capacidade deles de figurar como cidadãos de uma república cívica. Mesmo os *quichuas* eram seres inferiores, fósseis vivos, representantes de uma era ultrapassada. O atual estágio no qual a sociedade se encontrava já não os comportava mais. Assim, pode-se concluir que deveriam ser excluídos da nova sociedade que se formaria, baseada nas leis e nos costumes civilizados, pois não contribuiriam em nada para seu avanço. Muito pelo contrário, representariam um entrave ao desenvolvimento argentino.

Apesar de admirar os Estados Unidos e de ter Tocqueville como uma de suas principais matrizes intelectuais, a ponto de desejar ser o Tocqueville da América do Sul, e de lhe ter tomado lições, Sarmiento não optou pela via americanista no que concerne ao papel do Estado. Ao propor, então, a ação forte do Estado, ele desvirtuou as idéias do autor de *A Democracia na América*? A resposta é um sonoro não. Não foi meu objetivo identificar a matriz e a diferença em relação a esta como uma degradação do pensamento original. Por isso, o conceito de repertório. Ele permite não cair nesta classificação redutora. Sarmiento, não degenerou as idéias de Tocqueville ou de qualquer outro autor. Ele apenas se valeu das idéias – operacionalizou-as – disponíveis e as utilizou da maneira que melhor lhe conviessem para intervir na sua realidade, que apresentava diferenças em relação às realidades nas quais os autores que leu escreveram suas obras.

O projeto americanista de Sarmiento fora marcado por algumas particularidades, que permitem falar de um provável paradoxo. Ao desejar a via americanista para a modernização da nação, ele se colocou na fileira dos americanistas. Todavia, apontava a necessidade de um governo forte, centralizado – o que se opunha ao modelo do Norte –, sem autonomia para as províncias. Isso porque ele identificava os governos locais com a anarquia. Os caudilhos do interior, com suas *montoneras*, constituíam um entrave ao desenvolvimento da nação. Logo, dar-lhes poder seria permitir que a barbárie perdurasse na Argentina.

Esse governo forte deveria tomar as medidas necessárias para extirpar a barbárie. Para tanto, deveria promover o desenvolvimento econômico e a imigração,

disseminar a educação, combater os “selvagens” e acabar com a ordem dos caudilhos – que era, para ele, uma desordem –, mesmo que para isso fosse necessário lançar mão de medidas extremas, como uma guerra de terra arrasada contra os caudilhos e suas *montoneras*. Assim, era a partir do Estado que se deveria empreender as reformas americanistas.

Apesar de defender uma série de reformas americanistas e de ter os Estados Unidos como exemplo (isso fica patente nas diversas referências feitas ao longo da sua vasta obra), a organização política diferia da que foi adotada pelos Estados Unidos. Ele reconhecia os benefícios do federalismo para os Estados Unidos e desejava uma organização que se pautasse nesse ideário. No entanto, a situação da Argentina não permitia esse modelo, de tal forma que a única maneira de conter a barbárie que assolava o país era a partir de um governo forte e centralizado. É exatamente nesse ponto que se encontra o paradoxo do americanismo em Sarmiento. As reformas deveriam ser levadas a cabo por um governo forte. Era a partir do Estado que deveriam ser resolvidos os problemas nacionais.

Isso deveria ser assim porque o passado execrável da Argentina era oposto ao passado venturoso dos Estados Unidos. Enquanto no Norte houve uma feliz união de vários fatores, como explicava Tocqueville, e a liberdade surgiu a partir da sociedade, na América do Sul, não existia liberdade – ou esta era vista como anarquia. Logo, o progresso civilizacional só seria possível por meio de uma ação eficaz do Estado. Se a experiência estadunidense estava alicerçada justamente na mínima interferência do Estado na sociedade, há em Sarmiento um paradoxo, pois esse aspecto do modelo não fora seguido. Muito pelo contrário, ele inverteu essa lógica.

A modernização e o crescimento econômico, em certa medida, foram alcançados, e Sarmiento o reconhece. Contudo, a civilização, não. A imigração e a educação, que, além da promoção do crescimento econômico, deveriam contribuir para arrancar a Argentina das trevas da barbárie, não tiveram o resultado desejado. O elemento étnico pareceu mais forte, como fica claro em *Conflicto* e nos escritos sobre imigração da década de 1880.

Tanto numa quanto noutra obra, aparece a desilusão acerca da capacidade dos elementos formadores da Argentina. Isso fica mais patente na primeira. Nos escritos dos anos 1880, o tratamento que ele deu à questão da imigração comprova isso, pois não mais estava em cena a idéia de transplante. Os imigrantes que foram para a Argentina não eram os pretendidos por Sarmiento; os suíços e alemães, principalmente. Predominaram os italianos e os espanhóis. Eles contribuíram para o progresso econômico, mas não representaram os elementos de civilização que ele queria.

Se nos seus escritos sobre educação, aparece um Sarmiento mais republicano, defensor de uma república virtuosa, formada por cidadãos capacitados e imbuídos das virtudes cívicas, em *Conflicto*, essa visão desaparece. Marcado pelo pessimismo em relação às raças que formavam a Argentina, a educação, apesar de ainda muito importante, não poderia cumprir o papel que pensara que pudesse cumprir em outros momentos de sua vida. No seu país, ela não alcançou os êxitos pretendidos e anunciados. Sucumbiu frente à incapacidade do elemento étnico. A educação, que deveria melhorar esse elemento, não conseguiu vencê-lo.

Parece que a inferioridade étnica suplantou seus projetos de civilização para Argentina. A educação e a imigração não alcançaram os êxitos desejados. E isso se deu pelo fato de não terem conseguido acabar com os problemas que assolavam o país. Nem mesmo com um governo forte – uma ação empreendida a partir do Estado para acabar com suas deficiências.

Diante de tudo isso, pode-se concluir que: (1) Sarmiento abandonou a idéia de uma república baseada no humanismo cívico, na qual os cidadãos seriam partícipes ativos e que consagrava a idéia de liberdade dos antigos, ou seja, a idéia de que os cidadãos seriam livres na medida em que participariam ativamente das decisões políticas. Se essa idéia fica clara nas suas obras sobre educação, desaparece em *El Chacho* e em *Conflicto*. Se o arquétipo de uma república virtuosa sempre voltava (era um anseio dele), o que ficou mais claro nas suas ações e nos seus escritos, particularmente no período de consolidação da nação (1860-1880), marcado pela tentativa de Buenos Aires de se impor ao resto da nação, foi a necessidade de um república forte. Isso se acentuou mais ainda na última década da sua vida, marcada

pelo pessimismo em relação aos resultados do seu projeto e pela (2) descrença no seu projeto americanista, principalmente no que tange à imigração e à educação.

O fato de se preocupar mais com a questão da soberania nacional, nos textos da década de 1880, do que com o transplante no que concerne à imigração já é um indicativo disso. Como demonstrado, a imigração passou a ser vista de outra maneira. As medidas adotadas pelo Estado para atrair os europeus do Norte não surtiram os efeitos ambicionados e a Argentina teve que se contentar com italianos e espanhóis, que, além de não contribuírem como elementos de civilização, ainda pretendiam criar nações dentro da nação, com destaque para os italianos. Ele não negou o progresso econômico, mas se desiluiu quanto aos resultados da imigração no que tange ao seu projeto civilizador.

Lógico que a situação era outra. O contexto desse escritos era o do imperialismo europeu. E Sarmiento via na criação de enclaves estrangeiros na Argentina um risco enorme à soberania nacional. As escolas que educavam italianamente e os diários italianos que defendiam esse tipo de educação e a preservação do amor à antiga pátria eram os principais representantes desses enclaves. Quando defendia a adoção da cidadania pelos estrangeiros, ele defendia a supressão dos laços com os antigos países dos quais emigraram, laços que poderiam justificar intervenções por parte dessas nações.

Porém, não só o contexto interferiu nessa questão. A sua desilusão estava bem presente. As preocupações com a soberania nacional eram por causa do contexto histórico sim, mas também pela descrença na capacidade dos imigrantes que foram para Argentina de contribuir para civilizar a nação. Os italianos, que imigraram em massa, não tinham a mesma capacidade dos alemães e dos suíços que Sarmiento encontrou durante sua viagem à Europa. Os espanhóis, segundo grupo que mais imigrou, tinham menos capacidade ainda. *Conflicto* deixou claro que eles eram vistos como os mais atrasados do continente europeu.

Se Sarmiento estava mais preocupado com a herança legada pelos colonizadores durante os séculos de colonização quando escreveu *Conflicto*, não se deve dizer

que se restringia somente a isso. Pode-se afirmar que ele não viu grandes avanços entre os espanhóis e continuava a acreditar que eles representavam o que de pior havia na Europa. A herança que legaram fora perniciosa para a formação da Argentina. E nesse novo momento não tinham muita coisa para apresentar.

A educação, que mereceu entusiasmados escritos e que era de vital importância para se alcançar a república virtuosa almejada por Sarmiento, também fracassou nesse intento. Como ele confessou a Mrs. Mann, no início de *Conflicto*, os resultados esperados com a educação não foram alcançados. Afirmou que queria poder contar-lhe boas notícias a respeito desses resultados. Porém, não se conseguiu, na Argentina, aquilo que os Estados Unidos conseguiram com a educação.

Se havia esperança em relação à capacidade de regeneração social, política e econômica da educação para os gaúchos, por exemplo, ela é totalmente dirimida em *Conflicto*. E o fracasso se deu pelo fato de as raças que compunham a Argentina serem inferiores e naturalmente incapazes. A educação, que deveria civilizar a Argentina e acabar com suas chagas, não resistiu à incapacidade dos seus elementos raciais. Sarmiento não culpa o insucesso – parcial – do seu projeto educacional pela ação ineficaz do Estado ou por outro motivo qualquer. A razão para isso estava na incapacidade daqueles que compunham a população argentina.

Isso não quer dizer que Sarmiento tenha se decepcionado a respeito da educação, que sempre ocupou um papel de destaque no seu pensamento e nas suas ações. Na década de 1880, ele participou de acirradas discussões sobre a importância da educação laica. Entretanto, da mesma maneira que ocorreu com a imigração nesse momento, já não tinha uma visão tão otimista a respeito da capacidade regeneradora da educação.

A idéia de uma república virtuosa ficou cada vez mais distante do horizonte de Sarmiento. No período final da sua vida, ela desapareceu totalmente do seu pensamento. Se a imigração e a educação, suas principais propostas para civilizar a Argentina e contribuir para a construção de uma república virtuosa, fracassaram, não dava para pensar nesse modelo de república. Deve-se destacar que esse

fracasso fora relativo, pois a educação e a imigração permitiram, em boa medida, o progresso material, mas não contribuíram da maneira esperada para a formação moral e política dos argentinos e, por conseguinte, para a construção da tão sonhada república baseada no humanismo cívico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentação primária

SARMIENTO, D. F. **Argirópolis o la capital de los estados confederados del Rio de la Plata (1850)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009.

SARMIENTO, D. F. Atlântida: críticos irlandeses y criollos. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.138-142.

SARMIENTO, D. F. Brazos e inteligencia. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.249-254.

SARMIENTO, D. F. **Campaña en el ejercito grande aliado de Sud América**. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.

SARMIENTO, D. F. Concluye 1887. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.229-234.

SARMIENTO, D. F. **Conflicto y Armonías de las razas en América (1883)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009.

SARMIENTO, D. F. Cristianos e ateos. In:_____. **Obras completas**: La escuela ultra-pampeana. Buenos Aires, 1900. Tomo XLVIII, p.176-178.

SARMIENTO, D. F. Cuestiones de ciudadanía. In:_____. **Obras completas**: condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.20-21.

SARMIENTO, D. F. **De la Educación Popular (1849)**. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acesso em: 9 de março de 2009.

SARMIENTO, D. F. Derecho de Ciudadania. In:_____. **Obras completas**: Inmigración y Colonización. Buenos Aires: Editorial Luz Del Dia, 1951. Tomo XXIII, p.24-28.

SARMIENTO, D. F. Deuda exterior: tierras públicas. In:_____. **Obras completas:** Inmigración y Colonización. Buenos Aires: Editorial Luz Del Dia, 1951. Tomo XXIII, p.321-324.

SARMIENTO, D. F. **El Chacho, último caudillo de la montonera de Los Llanos (1868)**. Disponible em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar>>. Acceso em: 9 de março de 2009.

SARMIENTO, D. F. El Congreso de Tucuman. In:_____. **Obras completas:** La escuela ultra-pampeana. Buenos Aires, 1900. Tomo XLVIII, p.93-117.

SARMIENTO, D. F. El mito babilónico. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.197-201.

SARMIENTO, D. F. El por qué y el para qué de las emigraciones á América. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.207-217.

SARMIENTO, D.F. Emigracion, da Europa a América. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.64-68.

SARMIENTO, D. F. Emigraciones por causa de religion. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.202-207.

SARMIENTO, D. F. Los extranjeros en las elecciones. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.180-184.

SARMIENTO, D. F. **Facundo: civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARMIENTO, D. F. Indemnizaciones. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.9-14.

SARMIENTO, D. F. Interpretaciones. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.6-9.

SARMIENTO, D. F. L'Union. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.40-43.

SARMIENTO, D.F. La América para americanos. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.153-158.

SARMIENTO, D. F. La base del Gobierno: la eleccion. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.234-239.

SARMIENTO, D. F. La comunidad extranjera. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.36-40.

SARMIENTO, D. F. La dignidad del extranjero. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.192-197.

SARMIENTO, D. F. La educacion de la mujer. In:_____. **Obras completas:** La escuela ultra-pampeana. Buenos Aires, 1900. Tomo XLVIII, p.130-132.

SARMIENTO, D. F. La institucion municipal. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.217-223.

SARMIENTO, D. F. La nostalgia en América. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.73-78.

SARMIENTO, D. F. La patria italiana en Buenos Aires bajo la presidencia Pelegrini. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.239-244.

SARMIENTO, D. F. Las colonias libres del Plata. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.100-105.

SARMIENTO, D. F. Las colonias sin patria. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.47-52.

SARMIENTO, D. F. Los americanos alemanes en Norte-América. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.170-174.

SARMIENTO, D. F. Las escuelas son laicas y no eclesiásticas. In:_____. **Obras completas:** La escuela ultra-pampeana. Buenos Aires, 1900. Tomo XLVIII, p.154-158.

SARMIENTO, D. F. Los italianos en La República Argentina. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.146-148.

SARMIENTO, D. F. Los protectorados en La América Latina del sud. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.244-249.

SARMIENTO, D. F. Manifestacion de raza. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.26-28.

SARMIENTO, D. F. Nacionalizaciones de los millones que viene y vendrán. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.187-192.

SARMIENTO, D. F. Preocupaciones de razas. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.142-145.

SARMIENTO, D. F. **Recordações de província.** Rio de Janeiro: Dep. Imprensa Nacional, Ministério das Relações Exteriores, 1952.

SARMIENTO, D. F. Somos extranjeros. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.176-180.

SARMIENTO, D. F. Tierras publicas e inmigración. In:_____. **Obras completas:** Inmigración y Colonización. Buenos Aires: Editorial Luz Del Dia, 1951. Tomo XXIII, p.370-372.

SARMIENTO, D. F. Teorias Godas. In:_____. **Obras completas:** Inmigración y Colonización. Buenos Aires: Editorial Luz Del Dia, 1951. Tomo XXIII, p.11-15.

SARMIENTO, D. F. Una Italia en América. In:_____. **Obras completas:** condicion del extranjero en América. Buenos Aires, 1900. Tomo XXXVI, p.68-73.

SARMIENTO, D. F; FERNÁNDEZ, Javier. **Viajes por Europa, Africa i América:** 1845-1847. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

Obras de apoio

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento:** a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALTAMIRANO, Carlos. El orientalismo y la idea del despotismo en el Facundo. In: ALTAMIRANO, C.; SARLO, Beatriz. (Orgs.) **Ensayos Argentinos:** de Sarmiento a la vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997. p.83-102.

ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. (Orgs.). Una vida ejemplar: la estrategia de *Recuerdos de provincia*. In:_____. **Ensayos Argentinos:** de Sarmiento a la vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997. Buenos Aires: Ariel, 1997. p.103-158.

BERTONI, Lilia Ana. **Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas:** la construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e democracia.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BONAUDO, Marta. (Org). A modo de prólogo. In: _____. **Nueva Historia Argentina:** liberalismo, estado y orden burgués (1852-1880). 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. Tomo 4, p.11-25.

BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana:** Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo. Buenos Aires: Sudamericana, 1997.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das civilizações.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

COHN, Gabriel. Tocqueville e a paixão bem compreendida. In: BORON, Atílio A. (Org.). **Filosofia política moderna:** de Hobbes a Marx. São Paulo: Depto. de Ciência Política-USP, 2006. p.247-266.

DELANEY, Jeane. Imaginando de la raza argentina. In: PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. (Orgs). **Nacionalismo no novo mundo:** a formação de estados-nação no século XIX. Rio de Janeiro: Record, 2008. p.213-237.

DONGHI, Tulio Halperin. ¿Para qué la inmigración? Ideología y política inmigratoria en la Argentina (1810-1914). In:_____. **El espejo de la historia:** problemas argentinos y perspectivas latinoamericanas. 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1998. p.189-238.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** 1.v. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FALCON, Ricardo. Los trabajadores y el mundo del trabajo. In: BONAUDO, Marta (Org.) **Nueva Historia Argentina.** 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. Tomo 4, cap.VIII, p.483-544.

FEINMANN, José Pablo. El pensamiento de la confederación argentina. In:_____. **Filosofía y nación:** estudios sobre el pensamiento argentino. Buenos Aires: Seix Barral, 2004. Séptimo Estudio, p.243-274.

FEINMANN, José Pablo. Racionalidad e irracionalidad en Facundo. In:_____. **Filosofía y nación: estudos sobre el pensamiento argentino**. Buenos Aires: Seix Barral, 2004. Quinto Estudio, p.193-218.

GARRELS, Elizabeth. **Sobre índios, afroamericanos y los racismos de Sarmiento**. Revista Iberoamericana. Vol. LXII, nºs. 168-179, 1997.

GOLDMAN, Noemí. (Org.) Crisis imperial, revolución y guerra (1806-1820). In:_____. **Nueva Historia Argentina: revolución, república, confederación (1806-1852)**. 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2005. Tomo 3, cap.I, p.21-69.

HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. 8.Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

JASMIN, Marcelo Gantus. **Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política**. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG:IUPERJ, 2005.

JASMIN, Marcelo Gantus. Interesse bem compreendido e virtude em *A Democracia na América*. In: BIGNOTTO, Newton. (Org.) **Pensar a República**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

KATRA, William H. El estilo ensayístico de Sarmiento. In: **Cuadernos Hispanoamericanos**. abr. 1998.

KATRA, Willian H. **La generación de 1837: los hombres que hicieron el país**. Buenos Aires: Emecé, 2000.

KOVADLOFF, Santiago. España en Sarmiento. La herencia colonial y su influjo en la organización de la Argentina independiente. In: SARMIENTO, D. F; FERNÁNDEZ, Javier. **Viajes por Europa, Africa i América: 1845-1847**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.p. 759-789.

MADER, Maria Elisa Noronha de Sá. **Civilização e barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai**. Niterói-RJ: UFF, 2006. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_MADER_Maria_Elisa_Sa-S.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2009.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo: antigo e moderno**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MONTESQUIEU. **Do espírito das Leis**. 1.v. Editora Nova Cultural: São Paulo, 2005.

MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentina. In: GOLDMAN, Noemí. (Org.) **Nueva Historia Argentina**. 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2005. Tomo 3, cap.X, p. 381-445.

MYERS, Jorge. Língua, história e política na identidade argentina (1840-1880) In: PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. (Orgs). **Nacionalismo no novo mundo: a formação de estados-nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p.179-211.

OZÁN, Maria E. R. Conflito e Armonías de Sarmiento. In: **Cuadernos Americanos**. Ano III, vol. 1, n. 13, 1989.

PALTI, Elias José. **Argentina en el espejo: el pretexto de Sarmiento**. Prismas, Revista de história intelectual, nº1, 1997, p.13-34.

PALTI, Elias José. **Tipos ideales y sustratos culturales en La historia político-intelectual latinoamericana**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2006.

PISIER, Evelyne. **História das Idéias Políticas**. Barueri, SP: Manole, 2004.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Natureza e Identidade Nacional nas Américas. In:_____. **América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos**. São Paulo: EDUSP, 1999. p.180-216.

RAMOS, Julio. Saber do outro: escrita e oralidade no Facundo de Domingos Faustino Sarmiento. In:_____. **Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século XIX**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. Primeira parte, cap.1, p. 27-45.

ROMERO, José Luis. **Las ideas políticas en Argentina**. Cidade do México: Fondo De Cultura Economica, 2000.

SALVATORE, Ricardo. Consolidación del regime rosista (1835-1852). In: GOLDMAN, Noemí. (Org.) **Nueva Historia Argentina**. 2.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2005. Tomo 3, cap.IX, p.323-380.

SHUMWAY, Nicolas. **La invención de la Argentina: Historia de una idea**. Buenos Aires: Emecé, 1993.

SKINNER, Quentin. **Lenguaje, política y historia**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2007.

TERNAVASIO, Marcela. Las reformas rivadavianas en Buenos Aires y el Congreso General Constituyente (1820-1827). In: GOLDMAN, Noemí. (Org.) **Nueva Historia Argentina**. 2.ed. Buenos Aires: Sadamericana, 2005. Tomo 3, cap.V, p.159-197.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. 4.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. 1.v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

VIANNA, Luiz Werneck. **A revolução passiva**: iberismo e americanismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

WEINBERG, Félix. La antítesis sarmientina “civilización-barbarie” y su percepción coetánea en el río de la plata. In: **Cuadernos Americanos**. Año III, vol. 1, n. 13, 1989.